

RECONHECIMENTO E VALORIZAÇÃO DA TAIPA DE MÃO SERGIPANA: O CASO DA ILHA MEM DE SÁ

DAYANE FÉLIX ANDRADE





UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
ARQUITETURA E URBANISMO

DAYANE FÉLIX ANDRADE

RECONHECIMENTO E VALORIZAÇÃO DA TAIPA DE MÃO SERGIPANA:
O CASO DA ILHA MEM DE SÁ.

LARANJEIRAS/SE
2020



DAYANE FÉLIX ANDRADE

RECONHECIMENTO E VALORIZAÇÃO DA TAIPA DE MÃO SERGIPANA: O CASO DA ILHA MEM DE SÁ.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de
Arquitetura e Urbanismo da Universidade
Federal de Sergipe como requisito para
obtenção do título de bacharel em
Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Murilo Gonçalves
de Freitas

LARANJEIRAS/SE
2020



DAYANE FÉLIX ANDRADE

**RECONHECIMENTO E VALORIZAÇÃO DA TAIPA DE MÃO SERGIPANA:
O CASO DA ILHA MEM DE SÁ.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em 23 de OUTUBRO de 2020 à seguinte
banca examinadora:

Prof. Dr. Pedro Murilo Gonçalves de Freitas
Orientador | Universidade Federal de Sergipe

Profª. Mª. Heloisa Diniz de Rezende
Examinador Interno | Universidade Federal de Sergipe

Prof. Mª. Ana Teresa Cirigliano Villela
Examinador Externo | Centro Universitário Barão de Mauá/IAU-USP

Profª. Drª. Ana Maria de Souza Martins Farias
Examinador Extra | Universidade Federal de Sergipe

LARANJEIRAS/SE
2020



DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho aos meus pais pela dedicação e inúmeros esforços empenhados para que eu tivesse a oportunidade e condições de concluir esta graduação.



AGRADECIMENTOS

À **Deus**, por ter me dado sabedoria, força, saúde e paciência para conseguir finalizar esse curso.

Aos meus pais, **Marlene Félix e Antônio Andrade**, por todo o esforço, amor e apoio ofertados a mim para que eu pudesse. Amo vocês.

Ao meu irmão, **Davi Félix**, por segurar as pontas em casa enquanto estive ausente e por sempre cuidar dos meus pais com muito carinho e amor.

À **UFS**, enquanto universidade federal pública e gratuita, porque eu não poderia ser Arquiteta e Urbanista se fosse de outra forma.

Ao meu orientador, **Pedro Murilo**, que além de ser um professor e pessoa incrível, me fez muito grata por topiar esse trabalho comigo e ser tão paciente com os meus sumiços e estresses. E também por, na maioria das vezes, acreditar mais em mim e no meu trabalho do que eu mesma.

Aos demais professores que me deram motivos para continuar o curso ao mostrar visões diferentes sobre o que é ser Arquiteto e Urbanista. Em especial à **Betânia Brendle e Larissa Scarano** que foram essenciais na minha formação.

À minha orientadora da iniciação científica, **Cristina Valença**, pela oportunidade de aprender muito e estar em contato com uma outra área, a Museologia. Muito grata pelos dois anos de iniciação científica que me possibilitaram um enorme crescimento acadêmico e pessoal.

À toda a comunidade da Ilha Mem de Sá, em especial à **Seu Salvador e Dona Tina** por serem tão gentis, receptivos e não medirem esforços para me ajudar a finalizar esse trabalho.

À todas as amizades feitas durante esse curso, que seria injusto citar nomes. Agradeço, de coração, também àquelas que não mediram esforços em oferecer e até mesmo disponibilizar seus notebooks para que eu pudesse dar continuidade no trabalho.

À **FeNEA** por, nesses anos de graduação, ter me possibilitado conhecer tantos lugares, realidades e pessoas diferentes e que ficarão para sempre na minha memória e coração.

Ao **CRIAR** e ao **Trapiche** pelo conhecimento adquirido, pelas amizades conquistadas e até pelos estresses que me fizeram aprender coisas muito além da academia sendo de fundamental importância para meu crescimento, inclusive enquanto pessoa.

Agradeço, de maneira bastante especial, à todas as pessoas que aguentaram meu mau humor e estresse nas semanas de finalização desse TCC. Não preciso citar nomes, vocês sabem quem vocês são. Obrigada por aturarem com paciência as minhas mensagens de desistência nas madrugadas e obrigada também pelo apoio, conselhos, dicas e desejos para que tudo desse certo.



Um pedaço de terra
Uma casinha de taipa
É o bastante
Com a enxada na mão
A gente ganha o pão
E vai avante
Essa mão calejada, danada
Que ainda não cansou
Essa pele morena
Que o sol queimou
É a identidade
De um bom cidadão
Que está querendo
Um pedaço de terra
Pra ganhar o pão

Baião Agrário – Luiz Gonzaga



RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discutir a utilização da taipa de mão, técnica comumente utilizada para construção de moradias populares em Sergipe, e com isso, possibilitar um diagnóstico com documentação inicial da técnica e seus exemplares. Para tanto, foi selecionado o povoado Ilha Mem de Sá, do município de Itaporanga d'Ajuda (SE) como recorte geográfico para aprofundamento dos estudos. A metodologia consiste na análise das referências bibliográficas pertinentes ao assunto e posteriormente foram realizadas visitas ao povoado em questão para aplicação de entrevistas com os moradores como também de levantamentos fotográficos e cadastrais nas residências autorizadas para tal. Foram encontradas edificações construídas em taipa de mão em estado de arruinamento e outras que ainda são utilizadas como moradia. Além disso, duas novas construções utilizaram a técnica, uma delas seguindo os processos tradicionais e outra que substitui as madeiras nativas por bambu com a justificativa de sustentabilidade. Ao término do estudo foi possível identificar as motivações para a utilização da taipa de mão e a situação que elas se encontram. Com isso, as soluções apresentadas são relacionadas à trabalhos futuros que podem ser realizados tanto no objeto de estudo analisado quanto em outras comunidades em todo o Estado, como por exemplo ações de educação patrimonial para valorização da técnica e também assistência técnica para as edificações precárias.

Palavras-chave: taipa; Sergipe; história.



SUMÁRIO

ARQUITETURA POPULAR EM TAIPA – NOTAS INTRODUTÓRIAS	19
OBJETIVOS	22
METODOLOGIA	22
ESTRUTURA DO TRABALHO	22
1. O VALOR TÉCNICO DA TAIPA	25
1.1. ORIGENS DA TÉCNICA	25
1.2. UTILIZAÇÃO NO BRASIL	30
1.3. AS TÉCNICAS DA TAIPA	35
Taipa de pilão	35
Taipa de mão	38
1.4. OS PROCESSOS CONSTRUTIVOS	41
2. DO VALOR HISTÓRICO AO ESTIGMA: UM RECONHECIMENTO DIFÍCIL	51
2.1. TAIPA: SABER POPULAR, ATRASO OU SUSTENTABILIDADE?	51
2.2. VALOR DOCUMENTAL DA TAIPA NA HISTORIOGRAFIA DA ARQUITETURA BRASILEIRA	61
2.3. “PERCEBER” A TAIPA SERGIPANA	66
3. O CASO DA ILHA MEM DE SÁ	75
3.1. A ILHA MEM DE SÁ	75
3.2. “NÃO TEM CASA DE TAIPA AQUI MAIS NÃO”?	82
3.2.1. CRESCENTE DESTRUIÇÃO VS. ÚNICA SOLUÇÃO CONSTRUTIVA	84
3.2.2. SABER-FAZER POPULAR EM ABANDONO VS. RETOMADA “SUSTENTÁVEL”	98
3.3. ANÁLISES CONCLUSIVAS	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	119
APÊNDICE A - BASE PARA ENTREVISTA COM OS MORADORES	123
APÊNDICE B – ENTREVISTAS TRANSCRITAS	125



ARQUITETURA POPULAR EM TAIPA – NOTAS INTRODUTÓRIAS

As primeiras habitações populares no Brasil foram construídas com a técnica de taipa e são de extrema importância para a compreensão da formação e ocupação do território brasileiro, principalmente no interior do país. A título de exemplo, é possível encontrar casas de taipa no Nordeste que são elementos importantes para o entendimento da dinâmica do cangaço por terem servido de abrigo e esconderijo¹ para os cangaceiros (Figura 1 e 2), assim como podemos encontrar outros exemplos em diversas partes do país como as casas bandeirantes e igrejas jesuíticas. Porém, no Nordeste, as mesmas encontram-se abandonadas por conta da inexistência de estudos e análises das ruínas com elaboração de projetos de conservação, restauro e novos usos.

As edificações em taipa de mão são estruturas populares, típicas do sertão nordestino, construídas sem arquitetos e que utilizam a terra como material de fechamento de uma trama composta por madeiras. Segundo Günter Weimer em “Arquitetura Popular Brasileira” (2005) o termo arquitetura popular é o mais apropriado para nomear essas edificações uma vez que são fruto de uma produção construtiva própria do povo e que por ele é executada, indicando também, na sua visão, oposição à arquitetura erudita que é realizada para as elites.

Ainda que utilizem uma técnica construtiva focada no saber tradicional, por muitas vezes as casas de taipa de mão não são reconhecidas enquanto arquitetura, sendo valorizadas apenas quando aplicada em edificações monumentais ou que, na contemporaneidade, estejam relacionadas a construções sustentáveis. Enquanto saber tradicional popular, a taipa de mão comumente é associada à insalubridade, pobreza e propagação de doenças, à vista disso existem políticas públicas de erradicação dessas construções.



Figura 1 e 2: Fazenda Patos localizada em Piranhas, Alagoas.
Fonte: Dayane Félix, 2018

¹ Segundo o pesquisador Robério Santos, a Fazenda Patos foi residência da família Ventura que eram coiteiros – davam abrigo – ao grupo de Lampião. Em 1938 após a morte de Lampião, a família Ventura foi brutalmente assassinada nessa Fazenda pelo cangaceiro Corisco que tinha recebido a informação de que o patriarca da família tinha comunicado o esconderijo de Lampião para a volante, provocando a emboscada que levou a morte de Lampião, Maria Bonita e seu bando.

A técnica da taipa utilizada no interior do Brasil e em edificações populares é conhecida popularmente como “pau-a-pique” e possui uma técnica e processo construtivo que se difere da taipa de pilão. Nas edificações de pau-a-pique é utilizada uma trama de madeiras amarradas geralmente com cipós e preenchida de maneira manual com o barro amassado. Estima-se que essa técnica seja uma junção de influências das técnicas portuguesas, africanas e indígenas (PISANI, 2004). A arquitetura de terra no sertão nordestino possui uma característica marcante quanto ao seu processo construtivo, sendo necessário uma construção coletiva com a cooperação de diversas famílias, reforçando as relações de amizade e vizinhança (Figura 3) além da manutenção da construção da casa de taipa como saber tradicional.

Com as exigências sanitárias em relação ao combate da doença de Chagas as casas de taipa estiveram em risco e boa parte delas foram destruídas para dar lugar a estruturas em alvenaria tidas como seguras para saúde. Diversos governos municipais e o governo de Sergipe tratam as casas de taipa como submoradias, estando associadas diretamente à pobreza.

Em vista disso, foram criados projetos que incentivam o abandono e destruição dessas moradias, como por exemplo os projetos “Casa de taipa nunca mais” da Prefeitura Municipal de Lagarto/SE e “Casa Nova, Vida Nova” do Governo de Sergipe que substituem as casas de taipa por casas de alvenaria (Figura 4). As exigências sanitárias e melhoria da qualidade e conforto das moradias é possível de ser solucionada com programas de incentivo à projetos de reforma ou restauro das edificações em contraposição aos programas de erradicação.

Por serem construídas de maneira popular, são gerados poucos registros desse processo construtivo que possam servir de comprovação sobre a relevância dessas edificações para história e memória afetiva de uma população. Com a ausência de registros sobre essas edificações, o processo de preservação das mesmas se torna dificultado, restando apenas o próprio objeto construído e as fontes orais como documentos a serem analisados para criação de uma documentação que dê suporte às ações de conservação e preservação dessas casas.

Os exemplares arquitetônicos populares em taipa fora do contexto monumental da arquitetura não são considerados merecedores de ações de tombamento e salvaguarda. O objetivo desse

Figura 3: Mutirão da comunidade Ipiranga para tapagem das paredes do Museu Quilombola do Ipiranga, Conde, Paraíba, 2017.
Fonte: Prefeitura de Conde, Paraíba, 2017



Figura 4: Substituição de uma casa de taipa por uma casa de alvenaria.
Fonte: Antonio Samarone, 2013



trabalho é discutir e dar visibilidade e documentação à essa produção arquitetônica construída tradicionalmente para que seja possível preservá-la e conservá-la. A preservação das arquiteturas de taipa já existentes também é primordial para a preservação desse saber popular, técnica e processo construtivo típico do sertão brasileiro.

Com a necessidade de construção de uma identidade nacional, o SPHAN (Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) foi criado com a Lei nº 378 em 13 de janeiro de 1937 com o objetivo de “promover, em todo o País e de modo permanente, o tombamento, a conservação, o enriquecimento e o conhecimento do patrimônio histórico e artístico nacional” (BRASIL, 1937). Nesse contexto dos anos 30, com a criação do SPHAN, inúmeras foram as discussões relacionadas aos fatores que seriam considerados determinantes para autenticação de tombamento e salvaguarda de determinados bens. Arquitetos, historiadores e outros profissionais relacionados ao SPHAN escreveram textos em periódicos como a Revista do Patrimônio trazendo como fator determinante o conceito de produção local, no caso de Lúcio Costa, o valor histórico, no caso de Mário de Andrade, e o valor da técnica, no caso de Luís Saia.

Dessa forma, as construções em taipa estiveram nessas discussões sobre o patrimônio, resultando em ter de um lado edificações como as casas bandeiristas (Figura 5) e igrejas construídas em taipa que possuem caráter monumental e, portanto, são consideradas como patrimônio nacional.

E, por outro lado, temos edificações construídas com taipa de mão (pau-a-pique) que representam uma técnica construtiva composta por um saber-fazer popular, caracterizando o seu valor histórico e técnico. No entanto, essas edificações populares de pau-a-pique (Figura 6) não são valorizadas enquanto patrimônio por estarem fora do conceito monumental da arquitetura brasileira e presentes em regiões mais afastadas dos grandes centros urbanos e conjuntos tombados e sendo consideradas construções pobres.

Diante da problemática apresentada, questiona-se: por que existe a valorização de algumas edificações antigas em taipa, em detrimento de outras? E com isso, de que forma é possível valorizar as edificações populares de taipa de mão?



Figura 5: Casa do Caxingui, São Paulo.
Fonte: Tiago Sala, 2007

Figura 6: Casa de taipa, atualmente demolida², Ilha Mem de Sá, Itaporanga d'Ajuda, Sergipe.
Fonte: Dayane Félix, 2017

OBJETIVOS

O trabalho de conclusão de curso em questão tem como objetivo geral discutir a arquitetura de taipa em Sergipe por meios que possibilitem a documentação dessa técnica construtiva e seus exemplares. Apresentam-se como objetivos específicos:

1. Valorizar a técnica de taipa de mão enquanto saber fazer tradicional;
2. Descrever e caracterizar construções que utilizam a técnica da taipa em um recorte geográfico específico dentro do estado de Sergipe: O caso da Ilha Mem de Sá;
3. Perceber e documentar as construções selecionadas que servirão como amostras para estudo;

METODOLOGIA

Para cumprir os objetivos listados produziu-se uma pesquisa de abordagem exploratória, com obtenção de dados relacionados à identificação dos objetos de estudo situados no contexto da Ilha Mem de Sá. No primeiro momento fez-se uma revisão bibliográfica e de referenciais teóricos relativos à técnica de taipa e patrimônio.

Após esses estudos foram selecionados casos que discutem a problemática estabelecida para a realização de uma análise mais aprofundada no trabalho. Com isso, foram produzidos levantamentos fotográficos, observações espontâneas, análise de fontes documentais e entrevistas para obtenção de fontes orais. Além de uma abordagem direta no objeto estudado com levantamento arquitetônico e análises de materiais.

ESTRUTURA DO TRABALHO

O trabalho a seguir está estruturado em três capítulos com diferentes assuntos para um melhor aprofundamento de cada temática que compõe e que irá construir um levantamento teórico e aplicação prática.

No primeiro capítulo, **TAIPA ENQUANTO TÉCNICA**, realizou-se um levantamento geral da técnica, abordando as origens, utilização da técnica no mundo e introdução para um contexto brasileiro. Além disso, foram descritos tanto os materiais quanto os processos construtivos utilizados, com enfoque para o cenário brasileiro e sergipano.

No segundo capítulo, **DO VALOR HISTÓRICO AO ESTIGMA: UM RECONHECIMENTO DIFÍCIL**, a abordagem de estudo está focada em analisar os contextos de patrimônio, história da arquitetura brasileira e patrimônio cultural nos quais a taipa de mão está inserida bem como foram levantados

questionamentos em relação às políticas públicas de erradicação de construções em taipa de mão e sobre a construção do estigma de pobreza comumente associado à técnica. Ao fim do capítulo foi analisado de como o estado de Sergipe está inserido nessas questões.

No terceiro capítulo, **O CASO DA ILHA MEM DE SÁ**, realizou-se um levantamento das moradias que ainda resistem com o emprego da taipa enquanto técnica construtiva, com um aprofundamento no contexto da Ilha Mem de Sá, em Itaporanga d' Ajuda. Essa investigação serviu para elaboração de uma documentação acerca do emprego da taipa nessa localidade. Foram feitas pesquisas de campo, entrevistas, levantamentos históricos, fotográficos e físicos com o objetivo de documentar a situação atual das edificações de taipa localizadas no recorte geográfico escolhido.

² Baseado em conversas com moradores da Ilha Mem de Sá, município de Itaporanga d' Ajuda, a casa em questão representa um dos últimos exemplares construídos em taipa de mão que ainda estavam de pé até o ano de 2018 na ilha, sendo uma das casas mais antigas da região. É perceptível no lado direito da fotografia a construção utilizando blocos cerâmicos em substituição da casa de taipa.



O VALOR TÉCNICO DA TAIPA

1. O VALOR TÉCNICO DA TAIPA

1.1. ORIGENS DA TÉCNICA

A mudança no estilo de vida do ser humano que deixa de ter uma vida nômade e passa a ter a necessidade de fixar-se em uma localidade, tornando-se sedentário e agrícola faz com que o mesmo utilize a terra como material na construção de suas habitações desde então. Esse uso deve-se ao fato de a terra ser um material natural, encontrado em abundância e de fácil manuseio. A utilização da terra como material construtivo não fica restrita somente aos seres humanos, já que animais como o joão-de-barro (pássaro típico da América do Sul e do Caribe) também constroem abrigos aplicando a terra úmida, esterco e palha (Figura 7).

Além de ser uma forma intuitiva para construção de abrigos, os seres humanos também podem ter tido os abrigos dos joões-de-barro como inspiração. Essa hipótese é mencionada pelo arquiteto romano Vitruvio (2002, p.70 *apud* OLENDER, 2012, p.17) ao declarar que no século I a.c., necessitando de abrigo, alguns homens começaram:

“[...] a construir abrigos com folhagens, outros, a abrir covas sob os montes e alguns, imitando os ninhos das andorinhas e suas construções, a fazer, com galhos e barro, os lugares aos quais se recolhiam.” (VITRUVIO, 2002, p.70 *apud* OLENDER, 2012, p.17)

No Oriente Médio foi possível encontrar evidências arqueológicas, com aproximadamente 10 mil anos, que comprovam a utilização da terra para construção de cidades inteiras, algumas delas existindo até os dias atuais como a cidade de Jericó, na Cisjordânia datada de 8.000 anos a.C. (Figura 8), Çatal Huyuk, na Turquia data de 8.000 anos a.C. (Figura 9) e Zigurates na Mesopotâmia datadas de 6.000 anos a.c.. Podemos atribuir a origem da construção utilizando terra às grandes civilizações do Oriente Médio que empregavam técnicas como adobe e taipa tanto em edificações habitacionais quanto em edifícios públicos.⁷

A arquiteta e urbanista Cybèle Celestino Santiago em seu livro “O uso do solo como material de construção” (2001, p. 32) cita exemplos de descobertas da utilização da terra desde o ano 5000 a.C. no Egito, com a construção das primeiras mastabas assim como nas construções em terra para alojar os operários das pirâmides de Gisé (3733-3566 a.C.). Na ocasião do Império Romano, Roma possuía habitações construídas, à princípio, em madeira e terra. Posteriormente foram substituídas por adobes até serem substituídas definitivamente por pedra. Santiago (2001, p. 35) cita a famosa frase dita pelo imperador Otaviano Augusto “Encontrei Roma de tijolos e a transformei em pedra”.

A terra, por conta da sua abundância, vem sendo empregada de diversas formas como material na construção civil, tanto crua como cozida. Inúmeras técnicas e processos construtivos foram criados para utilização da terra, o trabalho em questão irá destacar o método da taipa. A taipa é uma das técnicas construtivas que utiliza a terra crua como material de construção de paredes com caráter estrutural ou apenas de vedação. Considerada uma técnica recente,

⁷ PONTE, Maria Manuel Correia Costa. **Arquitetura de terra: o desenho para a durabilidade das construções**. Coimbra, 2012. Dissertação de Mestrado. (p. 13)

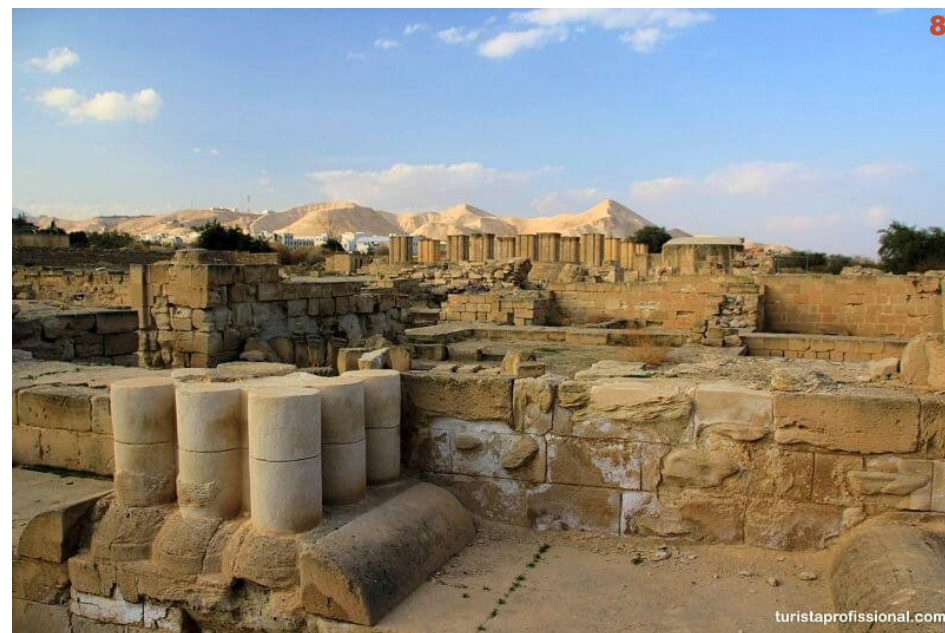


Figura 7: Pássaro joão-de-barro construindo o seu abrigo.

Fonte: Daniel Carbajal, s/d.³

Figura 8: Cidade de Jericó, Cisjordânia.

Fonte: Turista Profissional, s/d.⁴

Figura 9: Cidade de Çatal Huyuk, Turquia.

Fonte: National Geographic, s/d.⁵

³ Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/803095/a-natureza-fazendo-arquitetura-as-construcoes-do-joao-de-barro/> Acesso em: 16 de agosto de 2019

⁴ Disponível em: <https://turistaprofissional.com/jerico-cidade-mais-antiga-do-mundo/> Acesso em: 14 de agosto de 2019.

⁵ Disponível em: <https://www.nationalgeographic.com/archaeology-and-history/magazine/2019/03-04/early-agricultural-settlement-catalhoyuk-turkey/> Acesso em: 14 de agosto de 2019

estima-se que tenha surgido em Cartago, cidade fenícia na Tunísia, introduzida na península ibérica com a entrada dos fenícios, romanos e árabes.⁸

Portugal apresenta uma predominância da utilização de taipa, percebida tanto nas construções antigas que atualmente são consideradas patrimônio edificado como também na influência em construções contemporâneas. Diversos trabalhos são realizados em Universidades em Coimbra e em Porto sobre a técnica construtiva da taipa de pilão, fazendo com que a mesma adquira um reconhecimento e valorização a nível mundial. Porém, o emprego da taipa não fica restrito ao território português, podendo ser encontrado em diversas outras localidades.

Na Ásia, além dos exemplos das civilizações antigas do oriente médio citadas no início do texto, na Índia encontram-se exemplares da aplicação da taipa em construções na província de Goa por conta da influência portuguesa. A China pode ser considerada o país asiático onde a taipa de pilão foi empregada com maior escala e diversidade, como na Muralha da China, séc. XV-XVII d.C., (Figura 10) e as "Hakka Tulou", séc. VIII-XX, (Figura 11) que são edificações habitacionais plurifamiliares que possuem inúmeros pavimentos e são construídas em taipa de pilão localizadas na província Fujian, na China. (FERNANDES, 2013, p. 15)

No continente africano, a construção de taipa é mais comum em zonas rurais com edificações precárias. Todavia em Marrocos a técnica é bastante utilizada até os dias atuais, tendo maior utilização no interior do país com processos construtivos semelhantes aos portugueses. Santiago (2001, p. 32) destaca também a construção de 5000 casas usando apenas produtos locais na Ilha de Mayotte, nos anos 1980, considerado o maior programa de construção econômica em terra crua no mundo até hoje.

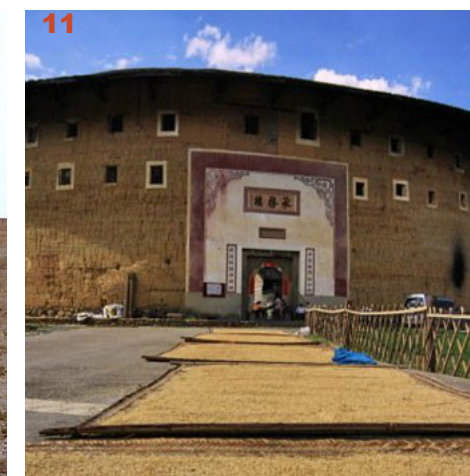


Figura 10: Trecho da Muralha da China. Jiayuguan, Gansu, China.

Fonte: Doron, 2000.⁸

Figura 11: Casas Hakka Tulou, Fujian, China.

Fonte: China Exploration.⁹

⁸ FONTAINE, L; ANGER, R; **Bátir em Terra.** (p. 31) SCUDO, G.; NARCI, B; TALAMO, C; **Construire con la terra.** (p.21) apud PONTE, Maria Manuel Correia Costa. **Arquitetura de terra: o desenho para a durabilidade das construções.** Coimbra, 2012. Dissertação de Mestrado. (p. 61)

⁹ Disponível em: <http://arquitecturasdeterra.blogspot.com/2010/03/grande-muralha-da-chinataipa.html> Acesso em: 14 de agosto de 2019.

¹⁰ Disponível em: <http://www.chinaexploration.com/m/xiamen-tours/Fujian-Tulou-one-day-tour.html> Acesso em: 14 de agosto de 2019

Na Europa, além da presença em Portugal, pode-se encontrar construções significativas em edifícios públicos, habitacionais e religiosos da Espanha. A França é um país que apresenta importante contribuição para a difusão da taipa (chamada pelos franceses de *le pisé*) pelo mundo por conta de publicações como os *Cahiers d'École d'Architecture Rurale*¹⁰ (1793) de autoria do arquiteto francês François Cointeraux (1740-1830), considerado um manual de construção responsável pela propagação da arquitetura em taipa nos outros países da Europa bem como em outros continentes a partir de traduções¹¹.

Essas publicações também possibilitaram um aperfeiçoamento da técnica, com melhor detalhamento dos equipamentos utilizados (Figura 12 e 13) para que a mesma deixasse de ser restrita a edificações habitacionais precárias e passasse a ser empregada também em edifícios públicos, religiosos e habitacionais com inúmeros pavimentos e boa qualidade construtiva.

Ainda na França, mesmo pós-Revolução Industrial e em meio ao movimento moderno, com priorização do emprego de materiais construtivos como concreto e vidro, alguns dos maiores nomes do modernismo também tiveram projetos que utilizavam a terra. O projeto *Les Maisons "Murondins"* (1940)¹² do arquiteto e urbanista Le Corbusier (1887-1965) é um exemplo dessa utilização (Figura 14 e 15). Não tendo sido executado, o projeto tinha a aplicação da terra crua com o objetivo de gerar projetos habitacionais para refugiados de guerra que pudessem ser construídos pelos próprios sem a necessidade de contratar mão-de-obra especializada.

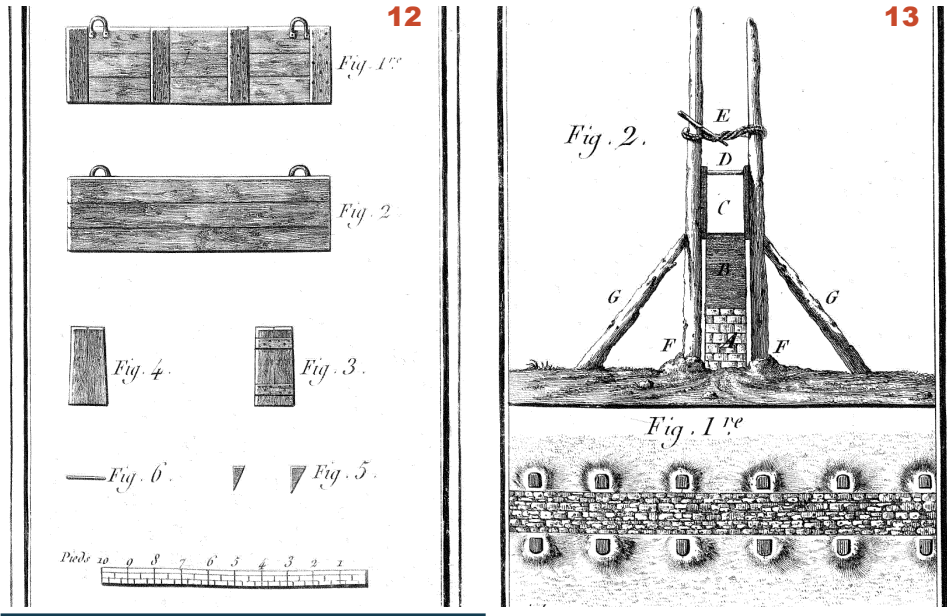


Figura 12 e 13: Detalhamento da estrutura dos taipais.
Fonte: François Cointeraux, 1793

¹⁰ Cadernos Escolares de Arquitetura Rural em tradução livre.

¹¹ Segundo Maria Fernandes (2013) a taipa passou a ser empregada nas edificações na Oceania após a tradução dos Cahiers de François Cointeraux por Henry Holland em 1832 tornando-se uma técnica bastante popular no continente a partir do século XIX.

A Alemanha destaca-se por ter empregado a técnica de taipa com maior frequência no período pós-Segunda Guerra Mundial, por conta da escassez de recursos, materiais construtivos e mão-de-obra como também por ter possibilitado a construção de habitações unifamiliares e plurifamiliares que puderam auxiliar na resolução do problema habitacional resultante do crescimento de imigrantes e de numerosos refugiados da guerra.

Nas Américas a taipa começou a ser utilizada a partir da colonização dos territórios americanos por espanhóis e portugueses tendo características e processos construtivos extremamente semelhantes aos que eram executados na Europa. O Brasil destaca-se por ter o maior número de construções de taipa consideradas patrimônio edificado nas Américas. Detém destaque igualmente por possuir um método diferente de execução da taipa, conhecido como taipa de mão ou pau-a-pique.

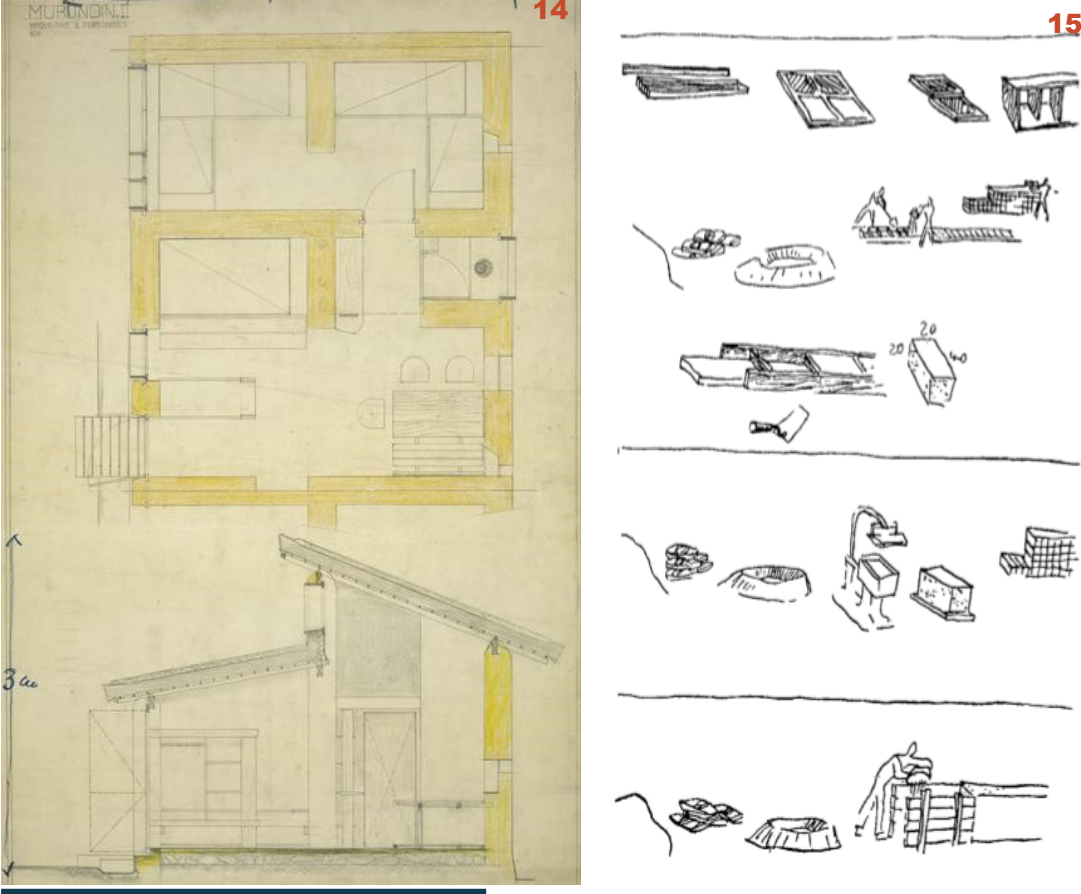


Figura 14: Projeto Les Maisons "Murondins", planta baixa e corte.
Figura 15: Esquema de execução das paredes das Les Maisons "Murondins".
Fonte: Le Corbusier, 1940.

¹² WILLY, Boesiger (ed.). *Le Corbusier - Œuvre complète Volume 4: 1938-1946*. 14. ed. Basel: Birkhäuser Verlag, 1995.

1.2. UTILIZAÇÃO NO BRASIL

A taipa é uma das técnicas construtivas mais antigas a ser utilizada no Brasil, sendo aplicada até os dias atuais, seja por populações de baixa renda que têm a taipa de mão como solução construtiva prática e barata para suas moradias, seja na arquitetura contemporânea que faz uso da técnica por conta da utilização de materiais tidos como ecológicos e sustentáveis.

Sobre o início da construção de edificações no Brasil, o historiador norte-americano Robert C. Smith (1975, p.97/98) destaca que existem poucas documentações em relação às primeiras igrejas e moradias improvisadas que foram construídas no Brasil antes da fundação da cidade de Salvador em 1549, entretanto, os poucos escritos e construções que resistiram foram o suficiente para constatar que

“A maioria das construções primitivas era de madeira, barro e materiais vegetais de tal variedade e durabilidade que, no dizer de Brandônio em 1618, era possível construir no Brasil boas casas sem o auxílio de pedreiros, ferreiros ou oleiros.” (SMITH, 1975, p. 97/98)

De acordo com o arquiteto Benedito Lima de Toledo (1983, p. 256) “nos primeiros tempos de colonização, vemos frequentes referências a casas de madeira e barro cobertas de folha de palmeira pindoba” tendo sido uma técnica aplicada no início da colonização por conta da sua rapidez construtiva e disponibilidade de material, podendo garantir estruturas temporárias que seriam substituídas por construções mais duráveis com o passar do tempo, algo que nem sempre ocorria. Com a não substituição dessas construções, a taipa foi se consolidando como técnica construtiva no Brasil.

As técnicas de taipa aplicadas no Brasil foram a taipa de pilão e a taipa de mão, popularmente conhecida também como pau a pique. Segundo o arquiteto e historiador Sylvio de Vasconcellos (1979, p.21) a taipa de pilão foi a mais utilizada “nos primeiros séculos da colonização, desaparecendo quase por completo no século XVIII”, sendo encontrada em maior concentração na região sudeste do país, como por exemplo nas casas bandeiristas paulistas e igrejas jesuíticas em todo o país.

Devido à grande espessura das paredes, a taipa de pilão foi muito utilizada nas construções de Casas de Câmara e Cadeia, além da utilização nas primeiras fortificações militares do Brasil. O emprego da taipa de pilão no início da colonização no Brasil pode ser justificado por se tratar de uma técnica construtiva aplicada em larga escala em Portugal desde o século X sendo relacionado à entrada dos árabes no território portugueses.¹³

A técnica de taipa empregada com maior frequência no interior do país, como no litoral e sertão nordestino, foi a taipa de mão que possui um processo construtivo diferente da taipa de pilão, a primeira utiliza uma estrutura de madeira com vedação em barro, enquanto a última resulta em paredes monolíticas em barro.

¹³PONTE, Maria Manuel Correia Costa. **Arquitetura de terra: o desenho para a durabilidade das construções**. Coimbra, 2012. Dissertação de Mestrado. (p. 61)



Figura 16: Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário, Pirenópolis, Goiás.



Figura 17: Paredes em taipa de pilão, Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário, Pirenópolis, Goiás.
Fonte: Dayane Félix, 2019

Sobre as origens da taipa de mão no Brasil não existe um consenso entre os autores estudados. Vasconcellos (1979, p. 33) sugere a influência indígena tendo em vista que os mesmos já faziam uso de estruturas autônomas de madeira na construção de suas edificações. O arquiteto e urbanista Silvio Colin (s.d., p.12) considera que a técnica de taipa de mão (ou pau-a-pique) já era de conhecimento dos indígenas e dos negros africanos. A arquiteta e urbanista Maria Augusta Justi Pisani considera a influência africana visto que:

“os negros trazidos ao Brasil também conheciam processos construtivos que utilizavam a terra, algumas tribos empregavam estruturas preenchidas com barro, que apresentavam similaridades com as técnicas de algumas tribos brasileiras. [...] Portanto, durante o início da colonização, todas as culturas componentes dominavam técnicas construtivas que utilizavam a terra como matéria prima.” (PISANI, 2004, p.9)

O historiador Smith ressalta a hipótese de influência indígena nas técnicas construtivas no Brasil, usando como referência para análise a gravura de Frans Post (Figura 19) que retrata um engenho pernambucano, tendo na imagem uma senzala com construção que se assemelha às feitas pelos índios:

“sólido arcabouço de toras de madeiras tropicais amarradas com cipó e timbu sustenta paredes constituídas por tramas de galhos tomadas com barro ou protegidas por folhas de palmeira entretecidas em espessa camada, sistema este também usado para a cobertura.” (SMITH, 1975, p.98)

Em sua quarta carta escrita, o viajante Vauthier também descreve a utilização da taipa em edificações que compõe o sistema econômico açucareiro. Nesse contexto, Vauthier (1975, p. 90) descreve que “quanto aos enchimentos, são paredes de tijolos de 22 centímetros de espessura, da espécie daquelas que chamamos parede singela ou simples parede de barro, feita à maneira de nossas construções de taipa e que resistem perfeitamente.” Portanto, podemos perceber que a taipa de pilão era utilizada nas construções das casas dos engenhos, enquanto nas senzalas, podemos perceber a utilização da taipa de mão. Vauthier ¹⁵ (1975) destaca as construções das senzalas, tendo em vista, que:

“Difícilmente uma habitação humana poderá ser reduzida a uma expressão mais simples. A terra nua constitui o seu piso. As dimensões de cada cubículo atinge apenas a 3 metros ou 3 metros e meio quadrados. A porta, que abre sobre a pequena galeria externa, é a única abertura que foi prevista. As paredes são de pau-a-pique. Pequenas estacas de madeira com casca, de 5 a 6 centímetros de diâmetro, fincadas na terra, suportam um gradeado horizontal, formando quadrados de 20 a 25 centímetros de lado, cheio de barro grosseiramente alisado pela parte de fora. Nenhum reboco protege esse enchimento, por isso, a ação das chuvas e do calor o deteriora prontamente, praticando ali aberturas suplementares através das quais penetra no cubículo um pouco de luz e frescura.” (VAUTHIER, 1975, p. 91)

Segundo José Wasth Rodrigues a arquitetura das casas de moradia no Brasil manteve-se um padrão construtivo uniforme, mesmo em diferentes localidades e em diferentes épocas.

“Vista de relance, dentro dos vastos limites do país e pelo passado, notamos em primeiro lugar, que as casas rústicas, de pau e barro, com vãos e coberturas rudimentares, levantadas nos primeiros cercados de paliçada, ao iniciar-se a colonização, são iguais às primeiras casas existentes junto aos engenhos e nas aldeias em Pernambuco, quando da invasão holandesa; iguais às dos primeiros arraiais de Minas um século depois, na época febril do ouro; iguais às casas isoladas, pioneiras, que vemos em qualquer rumo do sertão, esparsas à beira dos rios, nas roças longínquas ou dentro da mata espessa.” (RODRIGUES, 1975, p. 286)



Figura 18: Casa de taipa de mão no povoado Samambaia, Itabaiana, Sergipe.

Fonte: Vicente José, 2014

Figura 19: Recorte da gravura “Praefecturae Paranambucae pars Borealis, uma cum Praefectura de Itamaracã.”¹⁴

Fonte: Frans Post, 1647

¹⁴ POST, Frans. **Praefecturae Paranambucae pars Borealis, uma cum Praefectura de Itamaracã**. 1647. Gravura em metal, 45 x 55,5 cm. Disponível em: <https://www.brasiliاناiconografica.art.br/obras/18306/praeftecturae-paranambucae-pars-borealis-uma-cum-praeftectura-de-itamaraca>. Acesso em: 26 ago. 2019.

¹⁵ Vauthier foi um engenheiro e arquiteto que viajou pelo Brasil durante os anos de 1840 a 1846 e foram escritas diversas cartas reunidas em 1975 e publicadas pelo IPHAN no livro *Arquitetura Civil I*.

Na atualidade existem diversos exemplos da utilização da taipa no Brasil em diferentes contextos. É comum o emprego da taipa de mão em edificações precárias, conhecidas popularmente como barracos localizados em ocupações de movimentos sociais pelo direito à moradia, cujo processo construtivo não se difere muito dos descritos acima por Vauthier em relação às senzalas dos engenhos. O emprego, nesse contexto, deve-se ao fato de utilizar materiais de baixo custo, não necessitar de mão-de-obra especializada e garantir uma rápida execução que beneficia a construção de estruturas provisórias.

A taipa de mão é empregada até a atualidade em edificações populares rurais pela simplicidade e rapidez na execução da técnica e pelo baixíssimo custo dos materiais, além de apresentar uma boa resistência e durabilidade quando bem executadas tanto a construção quanto a manutenção. No Nordeste, o processo construtivo da taipa de mão tem caráter artesanal, sendo a representação do saber popular que é mantido e passado de geração a geração desde o período colonial.

Além das moradias populares é possível encontrar edificações contemporâneas que foram construídas com a técnica da taipa de mão com a intenção de trazer a ideia de resgate e manutenção da memória e cultura (Figura 20) além de servir como abrigo para exposições e museus que retratam a vida do sertanejo nordestino (Figura 21). Essa utilização geralmente está atrelada ao setor do turismo para que seja mostrado aos visitantes do estado sobre como eram construídas as residências no interior de Sergipe décadas atrás, visto que estão sendo destruídas na atualidade. Sendo assim, são apenas remontagens de casas de farinha e casas sertanejas antigas, porém sem respeitar a autenticidade da técnica. A técnica é trabalhada enquanto cultura somente quando associada à essas edificações montadas para exposição.



Figura 20: Casa de Taipa Cultural, Loteamento Luiz Gonzaga, Itabaiana, Sergipe.

Fonte: Juarez Ferreira de Góis, 2017.

Figura 21: Interior da Casa de Taipa Cultural, Loteamento Luiz Gonzaga, Itabaiana, Sergipe.

Fonte: Juarez Ferreira de Góis, 2017.

Uma outra vertente é a da bioconstrução¹⁶ que utilizam a taipa de mão em suas construções. Porém, com adaptações em relação a execução e escolha dos materiais para garantir uma maior durabilidade das suas edificações. É possível também encontrar organizações e escritórios atuais que trabalham com a técnica de taipa, com melhorias em relação aos instrumentos e execução das técnicas, como por exemplo o empresa Taipal Construções em Terra que executa projetos de arquitetura em taipa, fazendo uso de formas metálicas no lugar das formas de madeira nos taipais (Figura 22) para execução da taipa de pilão (Figura 23), possibilitando a aplicação da técnica em moradias contemporâneas.



Figura 22: Obras de casa de taipa de pilão, Camanducaia, Minas Gerais.
Figura 23: Paredes de casa em taipa de pilão, Camanducaia, Minas Gerais.
Fonte: TAIPAL, 2018.

¹⁶ Escritórios como o “Terra Compacta Construções Sustentáveis” e profissionais como o arquiteto Michel Habib são exemplos brasileiros da difusão das técnicas construtivas com terra no Brasil por meio de projetos e cursos voltado para bioarquitetura e construções sustentáveis.

1.3. AS TÉCNICAS DA TAIPA

A taipa no Brasil é empregada com duas técnicas diferentes: A taipa de pilão, trazida pelos portugueses com a colonização do território brasileiro, e a taipa de mão, tradicional do Brasil sendo uma junção de influências portuguesas, indígenas e africanas. (PISANI, 2004)

Taipa de pilão

A taipa de pilão foi utilizada nos primeiros anos de ocupação portuguesa em território brasileiro, principalmente em regiões com escassez de outros materiais de construção nobres (como as pedras) que pudessem suprir a demanda por construções sólidas e monumentais. A técnica produz **paredes estruturais e monolíticas compostas por terra socada**, o que deu origem ao seu nome **taipa de pilão**.

Segundo Vasconcellos (1979, p. 19), a execução das paredes consiste na armação de fôrmas de madeira, conhecidas como **taipais**, fôrmas semelhantes às atualmente utilizadas para execução do concreto. Os taipais são formados por tábuas presentes apenas nas laterais fixadas por meio de cunhas e um torniquete (Figura 24). De acordo com Rodrigues (1975, p. 293) essa armação de tábuas eram:

“presas a esteios verticais e estes aos horizontais, do andaime. A armação ia subindo e acompanhando o crescimento da parede, preservados naturalmente os vãos da casa. Terminada a obra, ficavam os buracos dos paus horizontais, que eram então tapados.” (RODRIGUES, 1975, p. 293)

As dimensões dos taipais possuem diferenças de acordo com a necessidade, porém a espessura da parede de taipa de pilão deve ser de no mínimo 0.60m para que seja possível a entrada de uma pessoa nas fôrmas (Figura 25), podendo chegar a paredes com mais de 1m de espessura. A terra crua é peneirada, misturada com fibras vegetais ou estrume e colocada no interior da fôrma passando por um processo posterior de compactação até que a terra chegue ao seu máximo adensamento com auxílio de pilões. Esse processo gera uma aparência estratificada da parede compostas pelas diversas camadas, com cerca de 10 a 15cm, de terra compactada.

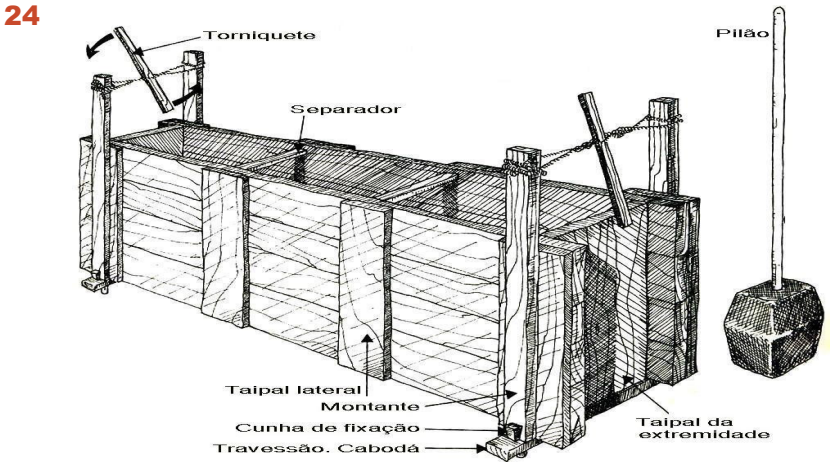


Figura 24: Detalhe das ferramentas para execução da taipa de pilão.
Fonte: BARDOU, 1981¹⁷

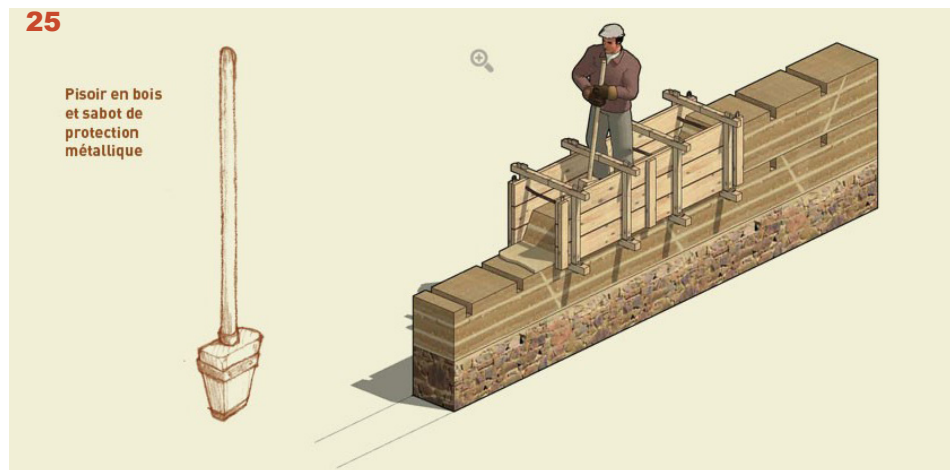


Figura 25: Esquema que mostra o processo construtivo da taipa de pilão.

Fonte: Parc naturel régional Livradois-Forez¹⁸

Após a secagem do barro, as paredes poderiam receber revestimentos para aumentar a resistência à umidade. Segundo Pisani (2004, p.13) os revestimentos eram uma mistura de terra, areia e estrume de animais, podendo ser adicionado à essa mistura a cal feito de sambaquis. Também se indica a construção das casas em taipa de pilão em uma elevação acima do terreno feita geralmente com alvenaria de pedra como mostrada na figura anterior para evitar a ação da umidade diretamente do solo. Além disso, é necessário a instalação de cobertura com grandes beirais para evitar o recebimento de água da chuva diretamente nas paredes.

Fernandes (1975, p. 293) indica a manutenção periódica e constante da edificação para que as paredes conseguissem resistir tanto quanto as de pedras. O telhado também precisa de manutenção periódica para que o mesmo não provoque o arruinamento das paredes.

As edificações construídas com taipa de pilão, quando construídas com uma excelente qualidade de materiais, com utilização de revestimentos e grandes beirais são extremamente duradouras podendo ser encontradas de pé até os dias atuais. Era comum a execução das paredes diretamente no solo, sem a criação de alicerces, que com o passar do tempo gerava a petrificação da terra, tornando-se difícil a sua demolição. (VASCONCELLOS, 1979, p.21)

Em alguns locais, era comum a mistura proposital da terra não peneirada “com pedregulhos maiores ou menores formando um conglomerado à feição de concreto.” As pedras eram recolhidas de rios ou do próprio local de construção, resultando numa variação da técnica reconhecida pela nomenclatura de “formigão”. (VASCONCELLOS, 1979, p.21)

Atualmente existem melhorias no processo construtivo das paredes de taipa, sendo utilizadas fôrmas metálicas e máquinas para comprimir a terra para facilitar o processo construtivo, garantindo um menor tempo de execução da obra.

¹⁷ BARDOU, Patrick; ARZOUMANIAN, Varoujan. Architecturas de adobe. Barcelona: Gustavo Gili, 1981, p.19. apud COLIN, s/d.

¹⁸ Disponível em: <http://pise-livradois-forez.org/spip.php?page=expo4> Acesso em: 14 de agosto de 2019

A taipa de pilão, assim como todos os sistemas construtivos, possui vantagens e desvantagens. As vantagens começam com o fato de que as paredes são constituídas apenas por terra apiloadada. O processo construtivo da taipa de pilão proporciona a execução de grandes espessuras de uma vez só, garantindo a formação de um corpo homogêneo. Além disso, as grandes espessuras das paredes proporcionam um bom isolamento, em função da inércia térmica da terra. As paredes resultantes dessa técnica são autoportantes e apresentam um excelente desempenho estrutural. Como desvantagens, a taipa de pilão necessita de uma completa secagem (que demora de 4 a 6 meses) para que possam ser executados os revestimentos e as estruturas de pisos e telhados. É muito sensível à umidade, sendo necessário revestimentos para conter isso ou telhados com amplos beirais que dificultem o contato direto da água da chuva com as paredes.



Figura 26: Fôrmas metálicas.
Figura 27: Compactador de solo

Fonte: Terra Compacta Construções Sustentáveis, 2017.

Taipa de mão

A taipa de mão, conhecida popularmente também pelos nomes de **pau-a-pique** ou **taipa de sopapo**, é uma técnica que emprega **a terra crua úmida e amassada arremessada em uma estrutura autônoma de madeiras**, servindo como **vedação**. Empregou-se a taipa de mão em todo o território brasileiro, sendo uma técnica utilizada até os dias atuais principalmente nas habitações rurais.

Para construir uma edificação utilizando taipa de mão são necessários três elementos: a gaiola de madeira, o pau-a-pique e o barro amassado. A gaiola de madeira tem caráter estrutural, sendo descrita por Sylvio de Vasconcellos (1979, p. 32-33) como estruturas autônomas de madeira. As espécies de madeiras utilizadas dependem da disponibilidade na região da construção, sendo mais utilizadas a canela preta, o ipê, o jacarandá, o angico, o cedro, a sucupira, dentre outras, dando preferência para madeiras de lei que só podiam ser derrubadas em tempo seco com lua minguante.

As estruturas de madeira são formadas por peças verticais fincadas no solo – os **esteios** – e peças horizontais chamadas de **baldrames** quando ao nível do solo e de **frechais** quando suportando o telhado. Para grandes alturas são colocadas peças horizontais entre os baldrames e os frechais – as **madres**. Para grandes vãos entre os esteios, é indicado a colocação de peças na diagonal, conhecidas por **cruz de Santo André**, para que as cargas das vedações possam ser transmitidas diretamente para os esteios e possibilite uma melhor estabilização da estrutura.

No interior dessa gaiola de madeira é instalado o madeiramento que forma a trama do **pau-a-pique**. Segundo Sylvio Vasconcellos (1979, p.45) os paus são colocados perpendicularmente entre os baldrames e os frechais, fixados neles por furos ou pregos. Os paus são madeiras *in natura*

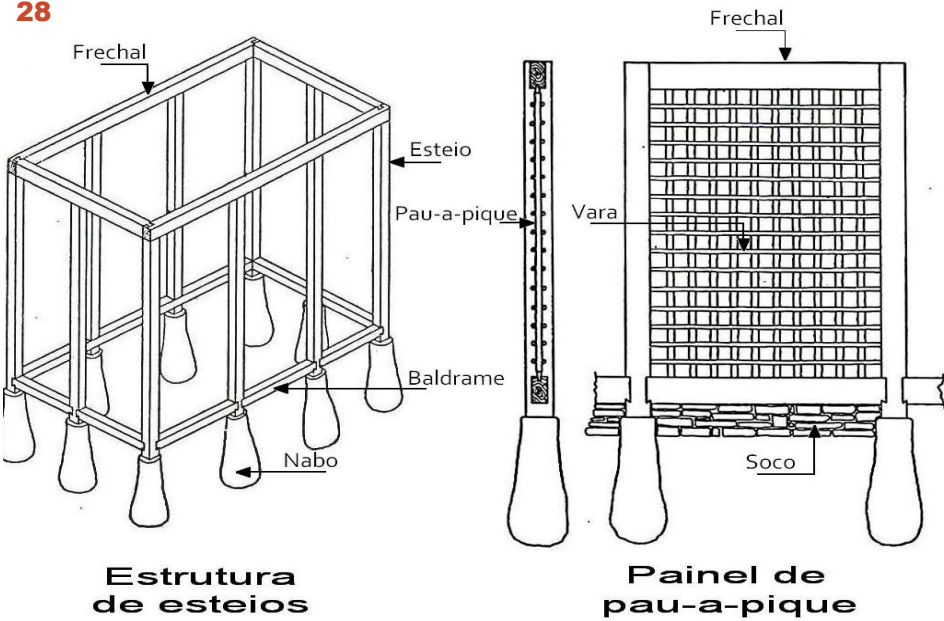


Figura 28: Elementos da construção em taipa de mão.
Fonte: SANTOS, 1951

e com casca, possuem seção circular e compatível com a espessura desejada para a parede: para paredes de 15 a 20 centímetros de espessura coloca-se paus com 10 a 15 centímetros de diâmetro. Nesses paus são colocados horizontalmente varas ou ripas mais finais dos dois lados, amarrados com couro, cipós e fibras como “seda em rama, o linho, o cânhamo, canabis sativa, o tucum, o cravete, a guaxima, o imbé, o buriti”. As varas podem ser roliças e colocadas duas a duas paralelamente ou alternadamente. O espaçamento entre os paus é de cerca de um palmo e as varas possuem espaçamento menor.

Após a trama de madeira pronta, é feito o fechamento com barro úmido e amassado, conhecido popularmente como **tapagem**. É um trabalho feito apenas com as mãos e sem auxílio de ferramentas, o que deu origem ao nome **taipa de mão** podendo ser conhecida também como **taipa de sopapo** em referência ao movimento feito jogar o barro na trama de madeira.

Em relação à tapagem, a arquiteta e urbanista Monica Olender (2006) destaca como característica marcante:

“a existência das marcas dos dedos dos artesãos que ficam gravadas no barro como se fosse a sua identidade, a sua assinatura ‘anônima’, uma forma de dizer: ‘esse é o produto das minhas mãos’. E essa integração artesão/barro não para por aí: ela tem início numa etapa até anterior ao barramento, quando a terra, misturada à água e ao suor do taipeiro, é pisada e marcada, momentaneamente, também pelos seus pés.” .” (OLENDER, 2006, p. 66)

Após a tapagem as casas de taipa de mão estão prontas, em alguns casos é feito um revestimento para aumentar a durabilidade e resistência à umidade. Os revestimentos são compostos por três camadas: emboço, reboco e acabamento. O emboço é a camada que faz intermédio entre o enchimento de barro e o reboco, portanto, é composto geralmente por terra, areia e cal. O reboco é aplicado após o emboço e é composto por areia e cal. O acabamento é realizado com diversos materiais, sendo mais comum a utilização de tintas à base de cal e argilas com pigmentação própria, como a tabatinga, possuindo a vantagem de serem materiais totalmente compatíveis com os materiais utilizados no reboco. (OLENDER, 2006, p. 66)

A rapidez na execução, utilização de materiais econômicos disponíveis nos locais das obras e empregados em estado natural, aproveitamento de mão-de-obra local, facilidade de construir habitações provisórias são algumas das vantagens da escolha da taipa de mão como técnica construtiva. Ademais, a estrutura independente de madeira proporciona uma maior flexibilidade arquitetônica, podendo ser feitas mudanças como retiradas de paredes sem que a estrutura seja afetada como um todo. (SANTIAGO, 2001, p. 56)

As paredes de taipa de mão possuem como desvantagem a retração, que gera fendas nas paredes e que, sem a devida manutenção, ocasiona a presença de insetos que utilizam as fendas como abrigo. Os insetos mais comuns nessas edificações são os cupins e o popularmente conhecido como barbeiro, transmissor da doença de Chagas, sendo esse último o motivo principal utilizado nas políticas públicas para justificar a necessidade de erradicação dessas casas. Porém, é possível evitar esse problema com uma boa execução da parede, utilização de materiais de qualidade e principalmente uma manutenção periódica. (SANTIAGO, 2001, p. 56)

Outras desvantagens que devem ser consideradas estão relacionadas à execução precária da técnica, que resulta em uma estrutura frágil. A necessidade de madeira para a estrutura também pode se tornar uma desvantagem tendo em vista que as estruturas de madeira podem apodrecer devido à umidade e por ser um material inflamável a madeira também pode oferecer riscos de incêndio na estrutura. As paredes de pau-a-pique são apenas de vedação, portanto, possuem pequenas espessuras, podendo esse ser um problema por não garantir um isolamento térmico-acústico tão eficiente quanto nas construções com taipa de pilão. (SANTIAGO, 2001, p. 56)



Figura 29: Tapagem das paredes de taipa de mão
Figura 30: Amassando a terra com os pés.
Fonte: Juarez Ferreira de Góis, 2017.

1.4. OS PROCESSOS CONSTRUTIVOS

Para a construção com **taipa de pilão** é indicado iniciar com a execução de fundações impermeabilizadas que possam garantir uma elevação da edificação em relação ao solo para evitar problemas com umidade. A fundação pode ser construída com concreto ou com pedras. Sobre essas fundações são fixadas as fôrmas de madeira.

A escolha da terra ser utilizada, segundo Colin (s/d, p. 11), possuía critérios que dependiam da tradição oral e disponibilidade na região. Porém, procura-se obter uma mistura “bem dosada de argila e areia e alguma fibra vegetal, crina de animal ou mesmo estrume”, garantindo uma boa durabilidade das paredes. Atualmente, indica-se também a mistura de cerca de 8% de cimento ao barro para uma durabilidade extra. No momento da mistura, pigmentos podem ser adicionados para obter cores diferentes nas paredes.

As fôrmas, taipais, são instaladas (Figura 31) no local projetado para as paredes. Após a mistura da terra (Figuras 32 e 33) a mesma é depositada no interior das fôrmas de madeira para que possam ser compactadas com auxílio de um pilão, ou de compactadores de solo mecânicos. A terra é depositada (Figura 34) em camadas de cerca de 20 centímetros que são apiloadas (Figura 35) até que seja possível ouvir um som mais pesado na compactação, indicativo de compactação máxima da terra, gerando camadas de 10 a 15 centímetros de altura quando no nível máximo de compactação.

Essa etapa é repetida até que as camadas de terra atinjam a altura dos taipais ou a altura desejada para a parede. No caso de a terra compactada atingir a altura dos taipais é necessário removê-los e instalá-los em outra posição (Figura 36) para que o trabalho de compactação do solo continue até atingir a altura e comprimento desejados.

O processo de secagem das paredes de taipa de pilão demora em torno de 4 a 6 meses, após isso as mesmas podem receber revestimentos, geralmente em cal e areia, para aumentar a resistência. Assim como também poderão ser instaladas as estruturas do telhado, com grandes beirais que possam impedir o contato direto da água da chuva com a parede. Durante o tempo de secagem, é necessário criar mecanismos provisórios para a proteção dessas paredes, como a colocação de plásticos ou coberturas temporárias (Figura 38).

No exemplo utilizado, da construção de uma escola em Gana¹⁹, na África, não foram aplicados revestimentos nas paredes de taipa de pilão, portanto, a edificação encontra-se finalizada após a instalação da cobertura.

¹⁹ As imagens utilizadas para ilustrar o processo construtivo da taipa de pilão são da construção de uma escola em Gana. Disponível em: <http://theakaaproject.org/2015/10/how-to-ram-a-wall/>. Acesso em 18 de agosto de 2019.



Figura 31: Instalação das fôrmas, conhecidas como taipais.
Fonte: The Aka Project, 2015.

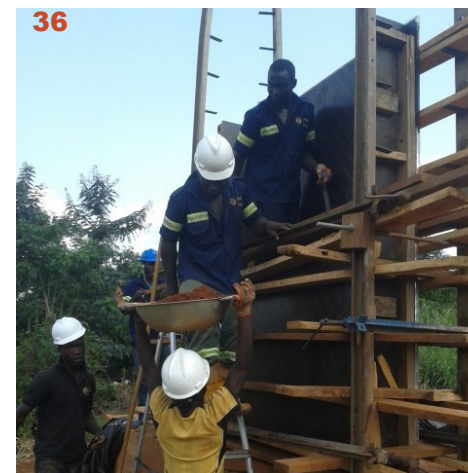


Figura 36: Realocação dos taipais.
Figura 37: Parede após a remoção dos taipais.
Fonte: The Aka Project, 2015.

Figura 32: Transporte da terra.
Figura 33: Misturando a terra.
Fonte: The Aka Project, 2015.



Figura 38: Proteção temporária contra as chuvas. The structure is covered with a black tarp to protect it from rain.



Figura 34: Despejando a mistura de terra.
Figura 35: Compactador a ser usado.
Fonte: The Aka Project, 2015.



Figura 39: Obra finalizada.
Fonte: The Aka Project, 2015.

O processo construtivo das construções com **taipa de mão** é marcado por representar um saber-fazer tradicional, transmitido de geração a geração, sendo construídas de maneira artesanal pelos próprios moradores com auxílio dos mutirões feitos para a tapagem – preenchimento da trama de madeira com o barro amassado – das paredes. Registros e relatos antigos de mutirões mostram que era comum que toda a vizinhança, família e amigos se juntassem em um dia de festa: o dono da casa era responsável por providenciar comidas e bebidas para os convidados que retribuíam com a construção da casa ao som de cantorias antigas. Além de um momento de execução da obra, o mutirão torna-se um momento de convivência em comunidade, servindo para reforçar as relações de amizade e vizinhança (Figuras 40 e 41).

Figura 40: Momentos de convivência e descontração no mutirão.
Fonte: Érika Nicácio, 2017.



Figura 41: Alimentação coletiva durante o mutirão de tapagem.
Fonte: Érika Nicácio, 2017.



Figura 44: Madeiras verticais do pau-a-pique.
Fonte: Raíssa Monteiro, 2017.

Figura 45: Pregando as madeiras horizontais do pau-a-pique.
Fonte: Yuri Duarte, 2017.



Figura 42: Preparando a gaiola estrutural de madeira.

Figura 43: Gaiola de madeira.
Fonte: Raíssa Monteiro, 2017.

Figura 46 e 47: Misturando a terra.
Fonte: Érika Nicácio, 2017.

O episódio “Casa Sertaneja” da série Habitar/Habitat²⁰ mostra as moradias e conta com depoimentos de moradores da cidade de Canindé de São Francisco, Sergipe. Sobre o processo de construção e tapagem das casas tradicionais do sertão sergipano a entrevistada, moradora de uma casa de taipa de mão, Tereza Pereira conta:

“ah, as casas aqui não se incomodava pa fazer não, tirava as madeiras ‘por’ o mato e fazia, não se aperreia não. Usava areia, quando acabava... chamava as ‘pessoa’ e ai tapava [E vinha muita gente pra tapar?] Vinhaaa, ficava um batalhão, vinha muita gente. Matava uma criaçõzinha, quando acabar chamava o pessoal, os vizinhos da gente e as muié aí carregavam água na cabeça, do riacho e ‘taparra’”

O morador Antônio Bispo, mostrado no episódio construindo um quarto em taipa de mão, ao ser perguntado sobre os mutirões para tapagem das casas de taipa de antigamente²¹ conta:

“Ah, era mesmo, ah era, aí quando era de primeiro quando chegava assim era uma tapa de casa, matava um porco, matava um bode, aí era uma tapa da pêga mesmo que nós botava aí o povo mais velho, quando acabá de tapar tinha um negócio de um pisa de coco daquelas mulê, do povo mais velho aí o povo era tudo cantando com alegria, nera, na tapa de casa era tudo pisando o coco, as mulê e a bebidinha correndo, a bebidinha pra beber né [...] aquela ruma de gente, era bom que arretado, de primeiro”

Para o mutirão, é necessário que a gaiola estrutural de madeira (Figura 42 e 43) esteja já executada, junto à colocação do pau-a-pique que compõem a trama de madeira da taipa de mão (Figuras 44 e 45). O primeiro passo é a montagem das estruturas de madeira, mais conhecidas como **gaiolas** que são quadros compostos por **esteios** que são madeiras com seção quadrada, colocadas na vertical, fincadas ao chão. A parte do esteio que ficava sob o solo era mantida ao natural, com seção cilíndrica e é tratada – geralmente queimada – para proteção contra umidade. À essa parte dá-se o nome de **nabo**. Ao nível do solo são feitos cortes nos esteios para encaixe das peças horizontais, chamadas de **baldrames** e que irão suportar as vedações, na parte superior são feitos os mesmos cortes nos esteios para serem colocados os **frechais** que servem para sustentação para a estrutura do telhado.

Após a execução da parte estrutural, executa-se a parte de vedação das paredes, começando pela trama de madeiras formada por varas na horizontal amarradas em paus na vertical. As madeiras utilizadas costumam ser cortadas em áreas de mato próximas ao local da construção, sendo utilizadas *in natura* ou serrados. As varas costumam ser amarradas com couro, cipós e outras fibras também retiradas de matos próximos, entretanto podem ser também fixadas com pregos.

O critério de seleção desses materiais depende da tradição oral que está sendo perdida com o passar do tempo e a desvalorização das técnicas de taipa. A escolha depende também dos tipos de terra e madeira que se encontram disponíveis nos locais das construções para que sejam evitados gastos desnecessários com transporte desses materiais. Com a trama de madeira

²⁰ Série produzida pelo Sesc TV, com direção de Paulo Markun e Sérgio Roizenblit que trata diversos modos de moradias brasileiras. Disponível em: <https://sesc.tv.org.br/programas-e-series/habitar-habitat> Acesso em: 22 de agosto de 2019

²¹ O entrevistador refere-se à um período de cerca de 20 a 30 anos atrás.



Figura 48 e 49: Amassando o barro.
Fonte: Érika Nicácio, 2017.



Figura 50: Carregando o barro.
Fonte: Prefeitura de Conde/PB, 2017.



Figura 51: Carregando o barro.
Fonte: Érika Nicácio, 2017.



Figura 52: Tapando a parede.
Fonte: Érika Nicácio, 2017.

Figura 53: Tapando a parede.
Fonte: Prefeitura de Conde/PB, 2017.

pronta é preciso preparar o barro para fazer o preenchimento – **tapagem** – das paredes. Inicia-se misturando a terra com água e em alguns casos com fibras vegetais, excrementos de animais ou até mesmo cal. (SANTIAGO, 2001, p. 54)

Após a colocação de água junto à terra e fibras é necessário amassar o barro com os pés para criar uma mistura homogênea e torná-la mais maleável para a aplicação sobre as tramas de madeira. Para que a tapagem seja iniciada, é necessário que o barro seja dividido em duas partes, ficando uma delas na parte externa da parede e outra parte no lado interno da edificação.

Segundo OLENDER (2006, p. 66) a tapagem das paredes em taipa de mão inicia-se com a aplicação do barro de baixo para cima. É necessário que duas pessoas estejam dispostas uma de frente para outra em ambos os lados da parede, estando uma na face interna e outra na face externa. Cada pessoa coloca “ao mesmo tempo e sobre o mesmo vazio da trama, um punhado da mistura previamente preparada, apertando-o contra o punhado da outra.” É perceptível nas imagens as marcas de dedos que vão sendo deixadas nas paredes em taipa de mão. Segundo OLENDER (2006, p. 66) essas marcas além de serem características da técnica e indicarem a “assinatura” das pessoas que ajudaram na tapagem, também auxiliam na fixação dos revestimentos que podem ser posteriormente aplicados.

Para ilustrar o processo construtivo da taipa de mão foram utilizadas imagens feitas durante o “mutirão da vizinhança” para a construção e tapagem do Museu Quilombola do Ipiranga, que foi realizado no mês de outubro de 2017 na comunidade Ipiranga, município de Conde na Paraíba. Neste caso, não foram empregados revestimentos ou acabamentos na edificação, sendo os beirais a única tentativa de proteção em relação à umidade. Em outros casos podem ser empregados revestimentos e acabamentos que utilizam areia e cal para melhorar a resistência e durabilidade da edificação.



Figura 54: Obra finalizada.
Fonte: Érika Nicácio, 2017.



DO VALOR HISTÓRICO AO ESTIGMA: UM RECONHECIMENTO DIFÍCIL

2. DO VALOR HISTÓRICO AO ESTIGMA: UM RECONHECIMENTO DIFÍCIL

Após o exposto no capítulo anterior em relação a técnica da taipa, suas origens e processos construtivos, é necessário compreender as formas como a mesma está sendo tratada em termos sociais e patrimoniais, como o preconceito gera o estigma atrelado à pobreza que favorece o abandono e erradicação no Brasil. Em Sergipe é preciso analisar as formas como a taipa é empregada, percebida, abandonada e destruída.

2.1. TAIPA: SABER POPULAR, ATRASO OU SUSTENTABILIDADE?

Para entender a construção do estigma da taipa é necessário inicialmente fazer uma revisão de como a mesma foi aplicada em construções em todo o Brasil. Para isso podemos tomar como referência o trabalho da arquiteta e urbanista Carolina Nascimento Vieira, autora da tese de doutorado intitulada “Habitus e Habitação: a precarização ideológica da Taipa de Sebe no Brasil” (2017) faz uma revisão detalhada acerca dessa problematização sintetizada neste capítulo. Em sua tese, Carolina Vieira destaca que “A compreensão da **formação das relações sociais brasileiras atuais** é de fundamental importância para o entendimento da origem do preconceito que recai sobre a taipa de sebe rústica nos dias de hoje.” (VIEIRA, 2017, p. 83, grifo nosso)

As casas de taipa de mão foram construídas no litoral do Nordeste desde o início da colonização do Brasil. A princípio os portugueses praticavam ações de extrativismo vegetal estabelecida por meio de escambo com os povos indígenas que já habitavam o país, não sendo de grande necessidade a fixação em território brasileiro enquanto o interesse era estritamente extrativista. Os primeiros estrangeiros estavam incorporados à aliados indígenas que proviam abrigo e alimentação aos mesmos e, caso fosse necessário, as casas construídas tinham **caráter provisório** sendo executadas com uma mescla de técnicas portuguesas rústicas em junção com as técnicas utilizadas pelos índios.

“Essa situação manteve-se onde os brancos se limitavam à exploração de produtos que podiam ser permutados com os índios, especialmente o pau-brasil. O intercâmbio econômico, nessas condições, não exigia a permanência de grande número de estranhos nos grupos locais, o que dava aos nativos a possibilidade de impor sua autoridade e seu modo de vida.” (AB’ SABER, 1993, p. 92)

A política de permuta com os indígenas mantinha os mesmos com autoridade sob o território, essa relação foi mudada a partir da necessidade dos portugueses de passar do extrativismo para a agricultura com a criação das capitanias. Com isso, os indígenas passaram a ser um obstáculo que só poderia ser ultrapassado a partir de dominação dos portugueses em relação aos mesmos, adquirida por meio da escravidão desses povos. Os portugueses passaram então a fixar-se no território brasileiro e a construir as primeiras residências com materiais que fossem encontrados em abundância como a madeira e o barro. (AB’ SABER, 1993, p. 132)

Com a posterior inserção de povos negros escravizados, ainda no início do período colonial, é possível considerar que a técnica da taipa no Brasil é uma junção das experiências “primitivas” portuguesas, indígenas e africanas, como afirma o geógrafo Ab’ Saber:

“As mais primitivas, do início do povoamento, parecem constituir pontos de confluências das culturas em contato, como sucede na adjunção de processos medievais lusitanos e usanças indígenas evidenciada pelo recurso à palha e às palmas de coqueiro para realizar a inteira construção ou para cobrir a obra de pau-a-pique. Também este resume experiências paralelas, senão do índio, como querem alguns, seguramente dos negros e dos portugueses. E o mesmo sincretismo de processo caracterizaria ainda a taipa (não apenas a taipa de mão, atirada de sopapo na trama de pau-a-pique, mas também a taipa de pilão, comprimida em caixões de tábuas) que, sem dúvida, é ponto de partida de técnicas mais avançadas, como o adobe [...]” (AB’ SABER, 2007, p. 123)

Essa junção de influências demonstra uma flexibilidade e capacidade de adaptação do português às condições locais da colônia nas primeiras décadas do século XVI, de acordo com Ab’ Saber. Todavia essas eram apenas estratégias para impulsionar a dominação de povos considerados pelos brancos como inferiores ao se apropriarem de elementos culturais dos povos escravizados.

A flexibilidade portuguesa para fins de dominação apenas reforça a hierarquia social refletida na organização espacial dos engenhos de produção açucareira. Na maioria das vezes as edificações dos colonos, a casa grande, era construída com materiais e técnicas mais elaboradas enquanto o abrigo dos escravos, a senzala, era construída com madeira, palha e barro sendo empregadas técnicas mistas como a taipa de mão. Mesmo que em algumas regiões, por restrições de disponibilidade de materiais e mão-de-obra, a casa grande fosse construída com a mesma técnica e materiais da senzala, a primeira possuía uma qualidade e dimensões construtivas superiores além de ficar localizada em cotas diferentes do terreno para garantir o distanciamento e controle visual em relação à senzala. (VIEIRA, 2017)

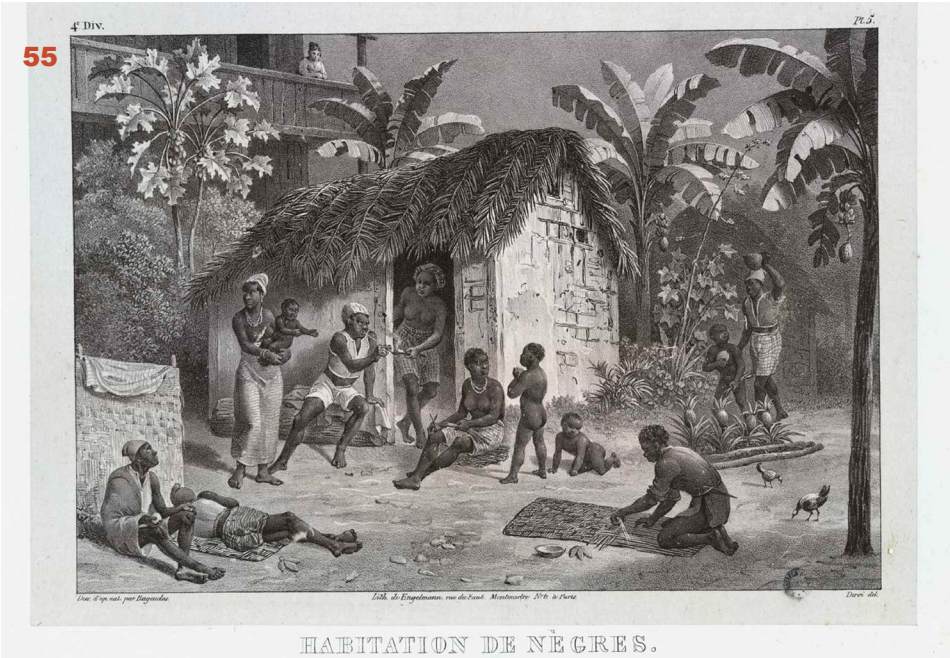


Figura 55: Habitação de negros
(Habitation de nègres)
Fonte: Johann Moritz Rugendas

Durante os primeiros séculos da colonização, as construções mantiveram a característica de serem diferenciadas em relação aos colonos e aos escravizados: moradias dos brancos construídas com pedra e cal ou taipa de pilão enquanto a dos escravizados esteve sempre relacionada às técnicas mistas de madeira, barro e palha. Com o declínio da produção de açúcar e a chegada da família real ao Brasil na primeira metade do século XIX tudo que estava associado ao período colonial e a cultura local passou a ser considerado atraso, enquanto os hábitos burgueses e europeus foram considerados como **ideais de progresso a serem atingidos**.

“Esse acontecimento histórico [a vinda da família real para o país] gerou maior controle fiscal e político por parte da coroa e, assim, maior influência desta na sociedade. O século XIX é marcado por acontecimentos que trazem grandes transformações de ordem social, política e econômica no Brasil, a exemplo da abertura dos portos, da entrada de novos materiais no país através das importações, e da chegada de novas tecnologias e profissionais com o aumento da imigração europeia, além da passagem mais intensa de viajantes e comerciantes europeus, derivando em uma tendência a europeização nacional.” (VIEIRA, 2017, p. 104)

A técnica da taipa de mão surge no período da colonização em que estava ocorrendo a miscigenação de raças, o que envolvia também uma miscigenação de cultura, incluindo assim a mescla das técnicas a serem aplicadas nas construções em território brasileiro. A miscigenação não era bem vista pelas classes dominantes e tudo que estava relacionado à mesma também eram alvo de preconceitos. Como apresentado no capítulo 1, a taipa de mão trata-se de uma técnica gerada a partir da junção de influências indígenas, africanas e europeias. Com isso, desde a colonização a taipa de mão é alvo de preconceitos permanecendo presentes na sociedade brasileira até os dias atuais.

“Houve aqui um processo de “mestiçagem”, que envolveu toda a cultura que nascia então, e era uma mistura dos costumes europeus aos costumes indígenas locais. **Essa “mestiçagem”, envolvia as raças, linguagem, religiões, dieta alimentar e também os materiais de construção**. As condições adversas encontradas aqui pelos colonizadores, como o clima e a falta de recursos, exigiu a adaptação das técnicas construtivas trazidas da Europa, até para utilizar-se os recursos naturais encontrados em maior abundância aqui, como a palha e a madeira. Essas técnicas construtivas consideradas mestiças, contudo não eram aperfeiçoadas pelos mestres taipeiros que chegavam do reino - até porque esses eram bem poucos e se dedicavam às construções dos prédios públicos e das residências de nobres - e tampouco obtinham a cristalização das soluções arquitetônicas dos povos indígenas. (SILVA, 2000, p. 60, grifo nosso)

Ao longo do século XIX houveram mudanças na estrutura das cidades europeias por conta da Revolução Industrial (séculos XVIII e XIX) que impulsionou um crescimento populacional desenfreado implicando em uma rápida urbanização que gerou reformas urbanas de adequação das cidades às novas demandas. Foi um período marcado por mudanças urbanas de caráter higienista, a exemplo do plano de Haussmann para Paris cujo modelo foi utilizado como inspiração para reformas urbanas no Rio de Janeiro. Entretanto, por mais que pautassem uma adequação da cidade para melhor receber o novo contingente populacional, “essas mudanças muitas vezes

não consideravam as peculiaridades de sua população, promovendo transformações de forma autoritária." (VIEIRA, 2017, p. 106)

No Brasil, o cenário à época é de busca por mudanças que objetivem o “progresso da nação” e para isso, em termos de moradia, as construções em taipa de mão começam a ser consideradas como algo antigo, primitivo e insalubre tornando uma técnica a ser abandonada e substituída por formas de construir associados aos estilos e conceitos arquitetônicos direcionados pela academia, influenciados pela vinda da Missão Francesa, como por exemplo o estilo Neoclássico e aplicação de materiais industrializados como o tijolo.

É sabido que apenas as pessoas das classes dominantes tinham acesso ao conhecimento acadêmico e possuíam condições financeiras que possibilitam a construção de edificações com materiais industrializados que precisam ser comprados e não apenas retirados da natureza como a madeira e o barro. Enquanto isso, as populações dominadas (escravos até 1888, negros libertos, assalariados e imigrantes) não possuíam condições financeiras que possibilitasse a adequação às tendências construtivas da época. Com isso, continuaram a construir suas moradias com materiais locais e técnicas artesanais.

O ideal higienista não se restringe as reformas urbanas, chega também às moradias, portanto, desde então as casas populares em taipa passaram a ter a sua existência condenada.

“As casas populares são associadas à propagação de enfermidades e à insalubridade da cidade. As epidemias que surgem nos bairros pobres assustam a burguesia, que teme a propagação para seus espaços. Decorre daí o imperativo de limpar e desinfetar os espaços públicos, alargando ruas, alinhando construções, abrindo e arborizando praças. Ganha a Medicina Social, com seu discurso disciplinar de controle do espaço social e pessoal e de interferência na vida cotidiana do trabalhador, através de novos métodos de higiene pessoal e de vida.” (PINHEIRO, 2011 apud VIEIRA, 2017, p. 123, grifo nosso)

As políticas higienistas e a ideia de progresso pautada na utilização de técnicas e materiais industrializadas mostram-se como mais uma forma de dominação por provocar que pessoas menos favorecidas financeiramente e socialmente fossem excluídas dos espaços centrais urbanos, levando-as de volta ao espaço rural ou regiões periféricas da cidade onde poderiam manter a utilização de técnicas artesanais com materiais naturais na construção de suas moradias.

Nas primeiras décadas do século XX a arquitetura neocolonial trouxe de volta, amparado academicamente, as técnicas construtivas do período colonial em uma tentativa de buscar uma experiência arquitetônica nacional, brasileira, contrapondo-se ao neoclassicismo e o ecletismo que possuíam forte influência europeia.

Em meados do século XX, o movimento da arquitetura moderna trouxe vertentes cujo discurso pautava a adaptação e valorização do local, utilizando técnicas tradicionais de maneira diferente, com propósito inovador. Um exemplo dessa utilização é o projeto “Cajueiro Seco” do arquiteto Acácio Gil Borsoi que empregava a taipa, por vezes em formato pré-fabricado, na construção de habitações sociais em Pernambuco, em 1960. (Figuras 56 e 57)

No texto “Ao ‘limite’ da casa popular” publicado na revista Mirante das Artes (1967) Lina Bo Bardi fala sobre o “Cajueiro Seco”, ressaltando ser um bom exemplo de respeito às tradições na construção de

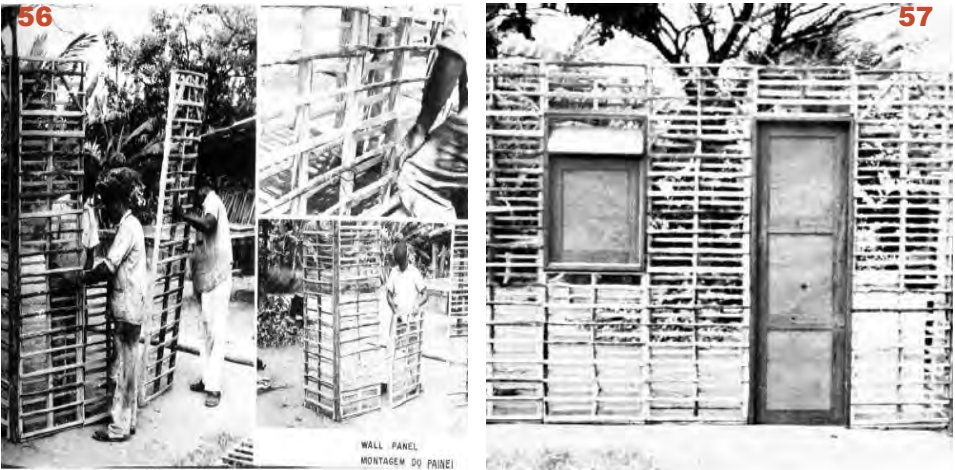


Figura 56: Painéis pré-fabricados em taipa de mão.

Figura 57: Instalação de porta e janela no painel de taipa.

Fonte: Projeto Cajueiro Seco, 1963, Acácio Gil Borsoi.

casas populares. O projeto tem como premissa uma construção que seja orientada por técnicos, sendo possível de ser executada e mantida pelos próprios moradores, dessa forma, não seria interessante utilizar técnicas construtivas que fugissem do saber-fazer dos moradores e fosse preciso contratar mão-de-obra. Com isso, optou-se por utilizar a técnica da taipa de mão ao invés de materiais industrializados.

“Entre a possibilidade remota de um pré-moldado utópico e a realidade de um primitivismo contingente e superável, tecnicamente orientado, foi escolhida a segunda possibilidade. Até a construção de tijolos praticamente realizável, mas sociologicamente inviável no caso da auto-ajuda, foi eliminada. Atrás das pequenas soluções de Cajueiro Seco há todo um século de pesquisa e de tomadas de consciência; toda uma história da habitação do homem orientada pelos fatores econômicos e pela legislação social.” (BO BARDI, 1967, p.21)

No artigo “Cajueiro Seco”, publicado em seguida ao artigo de Lina Bo Bardi na revista Mirante das Artes, o arquiteto apresenta e dá detalhes acerca da realização do projeto. Borsoi explica que a taipa de mão foi escolhida para que fosse possível utilizar a mão-de-obra dos moradores e familiares em todo o processo construtivo. A técnica foi empregada em painéis pré-moldados que podem ser instalados de acordo com as necessidades de cada família, não sendo um projeto padronizado para todos os beneficiados.

“O processo seria dividido em duas partes: fabricação e montagem. A fabricação representada por uma linha industrial, na qual a madeira seria desfiada em dimensões exatas, montadas em mesas gabaritadas, fixas entre si nos entreliçados, por meio de grampeadores, tratada e imunizada. A montagem seria individual. Por meio de uma folha de papel quadriculado no módulo dos painéis, qualquer um poderia estudar a sua casa (planta e elevações), adquirir os painéis e demais peças. Cordel, arame ou prego, proporcionariam as amarrações. Portas e janelas seriam executadas dentro dos mesmos padrões.” (BORSOI, 1967, p.22-23)

A experiência de Borsoi em Pernambuco no início da década de 60 serviu de inspiração para Lina Bo Bardi no final da década de 60 e início da década de 70 ao projetar um conjunto

de moradias populares para trabalhadores rurais na comunidade cooperativa de Camurupim em Propriá, Sergipe. O projeto não foi executado, mas se trata de um importante projeto habitacional da Bo Bardi. Além do projeto de infraestrutura do conjunto habitacional, foram projetadas tipologias das residências onde as soluções técnicas utilizadas foram inspiradas nos painéis pré-moldados com madeira e barro do projeto de “Cajueiro Sêco”.

“A estrutura prevista é de madeira, tanto a de sustentação como a de vedação. Para essa se estabelece um esquema pré-moldado de paredes não portantes com medidas pré-fixadas, com aplicação de barro, cimento e capim. Para a utilização desse sistema com pré-moldados, a arquiteta pretende contar com a participação dos usuários, através da auto-ajuda e da inter-ajuda. As portas e janelas também parecem ter as suas medidas pré-determinadas e podem ser produzidas em série.” (BIERRENBACH, 2008, p.54)



Figura 58: Croquis das parte interna de uma habitação tipo para o projeto Camurupim - Comunidade Cooperativa

Fonte: Instituto Lina Bo e P.M. Bardi

Da mesma época, e até os dias atuais, surge o trabalho do arquiteto Cydno Silveira que produziu diversos estudos com objetivo de utilizar a técnica da taipa de mão aprimorada e poder aplicá-la em projetos voltados para pessoas de classes sociais privilegiadas e com melhores condições financeiras. Além desses projetos, Cydno possui um site²² onde disponibiliza informações, arquivos e vídeos com entrevistas antigas sobre a história e utilização da taipa no Brasil em uma tentativa de salvaguarda desses materiais.

Nos últimos anos é crescente a busca por técnicas construtivas que gerem menor impacto ambiental e, por utilizar materiais naturais, a taipa de mão é comumente empregada em projetos que pautam a sustentabilidade. Esse conceito, assim como o trabalho de Cydno Silveira quebram a noção de pobreza atrelada a utilização da taipa. Porém essa quebra está ocorrendo de maneira restrita a pessoas cuja classe social e financeira permite o privilégio do conhecimento de que a taipa pode ser utilizada em casas confortáveis e salubres.



Figura 59: Casa em construção com mescla de taipa de mão e alvenaria.

Figura 60: Interior da casa finalizada.
Fonte: Cydno Silveira.

É notável que no decorrer da história de ocupação do território brasileiro o estigma em relação à taipa de mão, e demais técnicas que utilizam a técnica com terra crua, esteve diretamente associado ao preconceito enraizado na sociedade brasileira em relação à elementos culturais de povos historicamente escravizados e dominados: indígenas e negros. Atualmente esta associação é feita de maneira despercebida ao associar a taipa com a pobreza, tendo em vista que os descendentes desses povos dominados na época da colonização ainda se encontram socialmente e financeiramente vulneráveis.

²² Disponível em: <http://cydnosilveira.com.br/grid-blog/>

Além do estigma histórico por trás das técnicas construtivas com terra, existe a questão da ampla divulgação de que essas são abrigo para insetos que podem transmitir doenças e, por isso, é necessário uma urgente erradicação das mesmas. Embora as casas de taipa estejam comumente associadas à proliferação de doenças como a doença de Chagas, poucos são os estudos e programas governamentais que visem a melhoria dessas casas sem que seja necessário a derrubada e substituição por outra casa construída com alvenaria.

No IV Congresso Nacional de Município que aconteceu em 1957 no Rio de Janeiro/RJ, Álvaro Milanez, na época engenheiro do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), publica o texto “A Casa Rural Brasileira - Sugestões para um programa de melhorias” (1957) onde é perceptível que mesmo nessa época as casas rurais já não tinham a devida atenção dos governos e, por desinformação da população sobre outras soluções, as casas de taipa foram sendo desprezadas pelos próprios moradores que almejavam casas construídas com materiais industrializados.

O texto fala sobre um **plano de ação conjunta** que poderia ser feito unindo assistência técnica com capacitação e informação para que os moradores possam ter uma independência em relação à manutenção das suas próprias moradias com materiais que possam ser encontrados facilmente próximo aos locais de moradia. Fala-se também sobre incentivar nas escolas rurais a criação de cursos de técnicas da construção de casas que envolva o preparado da taipa, dos blocos de adobe e demais métodos que utilizam a terra. O engenheiro também enfatiza que a melhoria das habitações rurais implicará diretamente na melhoria dos padrões de saúde do homem do campo.

Posteriormente, Álvaro Milanez publicou o livro “Casa de Terra. As técnicas de estabilização do solo a serviço do homem do campo.” (1958) que trata sobre casa rural trazendo um material bastante completo em relação às técnicas construtivas com terra e apresenta também um propósito educativo com recomendações para melhorias tanto das habitações já construídas como das futuras que não precisarão abrir mão das técnicas tradicionais.

“O problema é, assim, essencialmente um problema educativo. Aquilo de que o caboclo mais precisa, talvez mais do que dinheiro, é de assistência técnica, de alguém que lhe mostre como é possível construir melhor, ou então melhorar a casa existente, com os seus próprios meios, lançando mão dos materiais e recursos existentes ao seu alcance, no próprio local, na comunidade mesmo em que vive.” (MILANEZ, 1958, p. 6)

O livro possui uma adicional importância por ter sido publicado pelo Serviço Especial de Saúde Pública (SESP) que foi uma repartição pública criada durante a segunda guerra mundial com o objetivo principal de levar saneamento básico para as regiões consideradas mais pobres no Brasil: Norte e Nordeste. Assim mostra que, pelo menos em 1958, a melhoria das habitações estava sendo tratado como uma questão de saúde pública que tinha como solução a melhoria e manutenção das casas existentes bem como a assistência técnica para auxiliar esses moradores na construção de casas mais resistentes e duráveis, com melhorias que previnem o alojamento de vetores de doenças.

Álvaro inclui no texto um estudo de solos, explicando as diversas composições e qual seria a adequada para a construção civil para que possa evitar a presença futura de trincas. A forma

de utilização da terra que garante melhor estabilização do solo é a terra cozida: os tijolos cozidos. Porém, ao contrário da terra crua, os tijolos precisam ser comprados e transportados até o local da obra, o que gera um custo que não é possível para as construções de moradias populares. A partir disso, recomenda a utilização de técnicas mais baratas: a terra crua compactada (taipa de pilão), a terra crua misturada com areia e palha arremessada em um engradado de madeira (taipa de mão), o tijolo cru (adobe) e o solo-cimento.

O livro apresenta capítulos específicos para cada uma dessas técnicas. Para a técnica da taipa de mão, Milanez fala sobre ser necessário uma boa escolha do barro (com pelo menos 60% de areia), controlar a adição de água e, se possível, adicionar palha na mistura para que a evaporação da água seja uniforme e evite trincas. Também é indispensável a execução de um revestimento (reboco) para proteger as paredes da ação das intempéries e evitar as frestas que se formam com a contração da terra e podem servir de abrigo para insetos como o “barbeiro”, que transmite a doença de Chagas. Como indicado no manual, o reboco pode ser simples: feito com uma mistura úmida de terra com areia e aplicado com as próprias mãos podendo também ser adicionado esterco bovino para que a mistura fique mais resistente. Após o reboco recomenda-se a aplicação de uma pintura com cal para que preencha as frestas menores e gere uma parede com uma boa aparência.

A Arquitetura e Urbanista Cláudia Gonçalves Thaumaturgo da Silva em sua dissertação de mestrado em Saúde Pública intitulada “Conceitos e Preconceitos relativos às construções em Terra Crua” (2000) traz uma análise sobre como as casas de taipa foram tratadas em termos de saúde pública. Em relação à doença de Chagas, Cláudia ressalta que a doença não está diretamente associada à construção com terra e madeira. Essa técnica (e suas variações) está presente nas habitações dos índios e a doença não possui registros significativos de transmissão nessas populações mesmo que sejam encontradas espécies silvestres nas proximidades das residências. A transmissão da doença de Chagas está diretamente associada ao desequilíbrio ambiental, gerado principalmente pela colonização branca desses territórios indígenas, sendo este o verdadeiro problema.

“Isso se deve ao fato de que esta colonização geralmente é predatória, onde há desmatamentos e, por consequência, redução gradativa da fauna silvestre. E ao ter sua sobrevivência ameaçada, o ‘barbeiro’ encontra nas casas de pau-a-pique dos colonos, o seu biótipo ideal. Os desequilíbrios ecológicos causados na área provocam também uma proximidade entre os animais silvestre (‘reservatórios’ do T. Cruzi) e o homem.” (SILVA, 2000, p.56.)

Sendo assim, a problemática da doença de Chagas está associado à busca dos insetos por um novo local para abrigo. Esse abrigo não é exclusivamente encontrado nas casas de taipa, pode ocorrer também em casas com outras técnicas construtivas que estejam mal cuidadas e apresentem trincas e frestas nas paredes. Com isso, é possível afirmar que é possível o combate da doença de Chagas sem destruição das casas de taipa. As soluções podem estar pautadas no controle do equilíbrio ambiental para evitar que o “barbeiro” busque abrigos artificiais e controle químico nas casas já infestadas pelo inseto.

Em contradição aos estudos de Álvaro Milanez, com o passar dos anos a postura do Ministério da Saúde foi mudando em relação às casas de taipa. A FUNASA (Fundação Nacional de Saúde) publicou em 2013 um manual para a “Elaboração de Projeto de melhoria habitacional para o controle da doença de chagas” que tem como objetivo ser um manual para nortear políticas públicas em áreas com presença de grande quantidade de casas com condições propícias ao abrigo do “barbeiro”. A introdução do manual mostra estratégias eficientes para o controle do inseto nas residências mais precárias: “utilização de inseticidas de ação residual e a Melhoria da Habitação, cujos benefícios devem ser reforçados por meio de ações de caráter educativo, desenvolvidas concomitantemente junto às comunidades beneficiadas.” (FUNASA, 2013, p. 8)

No decorrer do documento são apresentadas melhorias que podem ser financiadas pela FUNASA e desde o início é perceptível um equívoco em termos técnicos ao aplicar a palavra “restauração” como sinônimo de reforma. A opção apresentada como “restauração” seria na verdade uma reforma e adequação da residência visto que consiste em financiar serviços como reboco e pintura das paredes internas e externas, execução de calçada ao redor da residência, mudança de material para a cobertura, substituição de paredes, instalação de piso cimentado, substituição de portas e janelas para melhorar iluminação e ventilação, recuperação de abrigo de animais, substituição de cercas de proteção da casa, elevação de pé direito e/ou melhorias nas instalações hidro sanitárias. (FUNASA, 2013, p. 12)

A outra possibilidade apresentada é a reconstrução da moradia em alvenaria ou madeira. Por mais que o manual apresente a reforma e melhoria da casa existente como uma opção que pode ser financiada e poderá ser solicitada mediante análise de laudo técnico assinado por profissional da área de Engenharia ou Arquitetura, a mesma não parece ser uma solução incentivada para o financiamento posto que para a segunda opção existe um melhor detalhamento das orientações técnicas para o projeto, orçamento e execução. O manual apresenta capítulos com parâmetros e descrição das etapas para elaboração desses projetos de reconstrução, enquanto em relação a reforma das habitações existem poucas informações de como o projeto de reforma poderá ser feito.

No tocante as “ações de caráter educativo” mencionadas na introdução do texto da FUNASA como estratégia para reforçar a melhoria das habitações o manual não apresenta maiores detalhes de como isso será realizado junto as comunidades beneficiadas. Levando em consideração as informações mencionadas neste subcapítulo é possível concluir que a educação e orientação técnica é o elemento chave para que as moradias populares sejam construídas e conservadas de maneira adequada. Sendo assim, antes de se pensar em políticas públicas com objetivo de demolição das casas de taipa de mão e de erradicação da técnica, é necessário que sejam incentivadas atividades de natureza educacional e de assistência técnica para essas populações compreenderem o que é preciso para que as suas casas sejam duradouras e saudáveis sem que tenham que obrigatoriamente abandonar as suas culturas construtivas.

2.2. VALOR DOCUMENTAL DA TAIPA NA HISTORIOGRAFIA DA ARQUITETURA BRASILEIRA

É essencial atrelar a análise de valorização da taipa em termos sociais a como ela foi valorizada pelos intelectuais em termos patrimoniais para que possa ser discutido o seu reconhecimento enquanto técnica tradicional a ser preservada. Para isto, é necessário fazer um apanhado geral das noções e valores que foram atribuídos para justificar uma **autenticação de patrimônio** de alguns bens como também para explicar a forma como a técnica foi abandonada com o decorrer dos anos, levando à problemática da difícil percepção sobre a mesma.

Ao estudar a taipa no Brasil nos deparamos com um conjunto de questões que podem ser levantadas sobre a preservação dessa técnica. Diversos estudiosos pautaram valores para a taipa, sejam um **valor local** por ser uma produção construtiva realizada com materiais e técnicas locais, seja um **valor histórico** por autenticar uma produção arquitetônica típica do período colonial, seja um **valor técnico** por ser um método construtivo tradicional de algumas comunidades e que possui a oralidade como vetor de propagação dessa técnica, sendo necessário a sua preservação para que a mesma não se perca.

Esses valores foram pautados enquanto **autenticadores de tombamento** e de preservação de certos bens de acordo com o pensamento dos intelectuais que estavam a frente dos órgãos responsáveis pela cultura e patrimônio brasileiro. Maria Cecília Fonseca, em “O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil” (2005) destaca que os profissionais que tradicionalmente estudaram a temática (historiadores, arquitetos, arqueólogos e artistas) estiveram conduzindo intelectualmente o SPHAN desde o início e durante cerca de trinta anos.

“Mas, a partir da década de 1970, sobretudo quando o regime militar entrou em crise, essa política começou a ser criticada, e seu caráter nacional contestado, por se referir apenas às produções das elites. Nesse momento, coube a intelectuais com um novo perfil (especialistas em ciências físico-matemáticas e sociais, administradores, pessoas ligadas ao mundo industrial) definir novos valores e novos interesses. Durante as duas décadas que se seguiram, essa mudança evoluiu de uma modernização da noção de patrimônio – o que significou vincular a temática da preservação à questão do desenvolvimento – à politização da prática de preservação, na medida em que os agentes institucionais se propuseram a atuar como mediadores dos grupos sociais marginalizados junto ao Estado. Esses intelectuais viram na área de cultura, marginal no conjunto das políticas estatais, um espaço possível de resistência ao regime autoritário. Seu objetivo último era justamente o de ampliar o alcance da política federal de patrimônio, no sentido de democratizá-la e colocá-la a serviço da construção da cidadania.” (FONSECA, 2005, p. 23)

Segundo Fonseca (2005), o patrimônio histórico e artístico nacional costuma ser abordado com uma análise dos objetos e discursos que já o constituem, porém analisar o patrimônio de acordo com os **valores** que são atribuídos aos objetos para terem a sua proteção justificada garantem uma noção mais ampla de como são construídos progressivamente os patrimônios.

“A noção de patrimônio é, portanto, datada, produzida, assim como a ideia de nação, no final do século XVIII, durante a Revolução Francesa, e foi precedida, na civilização ocidental, pela autonomização das noções de arte e de história. O histórico e o artístico assumem, nesse caso, uma dimensão instrumental, e passam a ser utilizados na construção de uma representação de nação.” (FONSECA, 2005, p. 37)

Ao longo dos anos de atuação do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN (atualmente denominado como Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN) diversos estudiosos (arquitetos, arqueólogos, historiadores, antropólogos, etc.) escreveram artigos que foram publicados na Revista do Patrimônio sobre os bens que estavam sendo tombados àquela época, porém alguns textos foram de natureza reflexiva e crítica em torno dos conceitos de valorização do objeto enquanto patrimônio em relação a noção de identidade nacional.

Na chamada Revista do Patrimônio, foi possível verificar a existência de textos que colocam opiniões acerca das edificações de taipa que fogem do carácter monumental e estão pautadas no carácter tradicional, vernacular e popular. Com a análise dessas revistas e artigos percebe-se um panorama de como a taipa se encaixa no patrimônio desde antes da fundação do SPHAN/IPHAN, passando por todos esses anos de atuação do mesmo até chegar aos dias atuais.

Nos primeiros anos de atuação do SPHAN, e de publicação da Revista do Patrimônio, é possível perceber que os intelectuais envolvidos estavam em busca da autenticidade da arquitetura nacional que era frequentemente associada a arquitetura colonial, em negação à arquitetura eclética que estava sendo produzida para as elites. O exemplar inaugural da revista do patrimônio trouxe artigos que pautam a urgência da criação do órgão, como também a necessidade de busca por obras que fujam da monumentalidade já considerada como patrimônio.

O arquiteto Lúcio Costa em "Documentação Necessária" (1937), publicado no primeiro exemplar da Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional escreve sobre a necessidade que os arquitetos modernistas e aqueles que formavam o SPHAN na época tinham em relação ao estabelecimento do conceito de identidade nacional, com documentação do que seria considerado tradicional. No momento, a arquitetura das elites (que no momento utilizam do estilo eclético), das grandes construções e monumentos era considerada tradição, porém, o autor afirma o fato de que a verdadeira tradição construtiva nacional está nas edificações menores, consideradas até então como de menor valor arquitetônico por não possuir detalhes que as enquadrem em estilos arquitetônicos já conhecidos na Europa.

Lúcio Costa pauta o **valor local**, destacando também as edificações que fogem dos centros urbanos e são construídas em taipa podem ser consideradas elementos daquilo que realmente deveria ser colocado em pauta enquanto produção nacional e tradicional da arquitetura, por serem construídas com materiais do próprio local, com mão-de-obra local e, por vezes, da própria família que ali irá residir, mostrando-se também como uma manifestação cultural que aproxima as relações de família e amizade.

"É sair da cidade e logo surgem à beira da estrada, como se vê pouco além de Petrópolis, mesmo ao lado de vivendas de verão de aspecto cinematográfico. Feitas de 'páu' do mato próximo e da terra do chão, como casas de bicho, servem de abrigo para toda a família -- crianças de colo, garotos, meninas maiores, os velhos --, tudo de mistura e com aquele ar doente e parado, esperando... (o capitalista vizinho -- esportivo, 'aereo-dinâmico' e bom católico -- só tem uma preocupação: o que dirão os turistas) e ninguém de tão habituado que está, pois 'aquilo' faz mesmo parte da terra como formigueiro, figueira-brava e pé de milho -- é o chão que continua... Mas, justamente por isto, por ser coisa legítima da terra, tem para nós, arquitetos, uma **significação respeitável e digna:**

enquanto que o 'pseudo-missões, normando ou colonial', ao lado, não passa de um arremedo sem compostura." (COSTA, 1937, p. 34, grifo nosso)

Para tal afirmação, Lúcio Costa realça o valor que a taipa de mão representa enquanto técnica construtiva daquela época, sendo inclusive comparável ao método construtivo da arquitetura moderna: o concreto armado. Além disso, mesmo que construídas sem o auxílio de um profissional arquiteto, as residências possuíam uma grande preocupação em relação à salubridade e conforto que poderiam ser aplicados na contemporaneidade em projetos de residências econômicas.

"Aliás, o engenhoso processo de que são feitas -- barro armado com madeira -- tem qualquer coisa do nosso concreto-armado e, com as devidas cautelas, afastando-se o piso do terreno e caíando-se convenientemente as paredes, para evitar-se a humidade (sic) e o 'barbeiro', deveria ser adotado para casas de verão e construções econômicas de um modo geral." (COSTA, 1937, p. 34)

No mesmo artigo citado acima, o autor deixa claro a necessidade de se fazer um estudo que tenha como objetivo **documentar** sobre os "os vários sistemas e processos de construção, as diferentes soluções de planta, e como variam de uma região a outra, procurando-se em cada caso determinar os motivos - de programa, de ordem técnica e outros - porque se fez desta ou daquela maneira." (COSTA, 1937, p. 35) para que as construções não sejam consideradas como patrimônio somente pelo que elas são enquanto objeto edificado, como também pelo que elas representaram enquanto solução técnica e tipológica para o contexto em que estavam inseridas na época.

Ao final do artigo, Lúcio Costa mostra também que houveram intenções de cumprir com esses estudos, porém dificuldades foram colocadas e, portanto, não existiu essa documentação e valorização da produção tradicional nacional.

"Foi quando surgiu, com a melhor das intenções, o chamado movimento tradicionalista de que também fizemos parte. Não percebíamos que a verdadeira tradição estava ali mesmo, a dois passos, com os mestres de obras nossos contemporâneos; fomos procurar, num artificioso processo de adaptação -- completamente fora daquela realidade maior que cada vez mais se fazia presente e a que os mestres se vinham adaptando com simplicidade e bom senso -- os elementos já sem vida da época colonial: fingir por fingir, que ao menos se fingisse coisa nossa. E a farsa teria continuado -- não fora o que sucedeu. [...] Cabe-nos agora recuperar todo esse tempo perdido, estendendo a mão ao mestre de obras sempre tão achincalhado, ao velho 'portuga' de 1910, porque -- digam o que quiserem -- foi ele quem guardou, sozinho, a boa tradição." (COSTA, 1937, p. 39)

No mesmo exemplar inaugural da Revista do Patrimônio do SPHAN, Mário de Andrade inicia o seu texto "A capela de Santo Antônio" (1937) com questionamentos em relação aos critérios de avaliação do que seria considerado patrimônio e, conseqüentemente, tombado. A produção arquitetônica encontrada na época no estado de São Paulo era composta de edificações civis e religiosas com estéticas simples que se diferenciavam daquelas encontradas no estado de Minas Gerais por não possuírem características artísticas marcantes, sendo comum a ausência de detalhes, entalhes, pinturas e mobiliários complexos no interior das edificações. Com o desejo de tombamento da Capela de Santo Antônio, cujas paredes são de taipa, Mário sugere uma mudança no critério de avaliação para que seja pautado o **valor histórico**.

“O critério tem de ser outro. Tem de **ser histórico**, e em vez de se preocupar muito com beleza, há de reverenciar e defender especialmente as capelinhas toscas, as velhices dum tempo de luta e os restos de luxo esburacado que o acaso se esqueceu de destruir.” (ANDRADE, 1937, p. 119, grifo nosso)

Luís Saia, no artigo “Notas sobre a Arquitetura Rural Paulista” (1944) publicado no oitavo exemplar da Revista do Patrimônio destaca a importância que a taipa possui enquanto inserida na história da arquitetura paulista, trazendo detalhes sobre diversos pontos relacionados aos processos construtivos da taipa, desde o seu emprego nos alicerces das edificações até em relação a escolha do barro a ser utilizado nas paredes. Ressaltando também a importância da técnica da taipa nas construções de casas-grandes e igrejas na zona rural do Estado de São Paulo, pontuando aspectos tecnológicos que possibilitaram a durabilidade e também o estabelecimento da tipologia dessas edificações.

O autor também destaca as mudanças que foram ocorrendo nessa técnica com o passar do tempo. Algumas dessas representam uma evolução do método construtivo, porém outras estão associadas à decadência financeira da época (século XVII) que fez com que os taipeiros fossem em busca de outras ocupações e locais para moradia, possibilitando um desgaste da técnica construtiva, com perdas significativas na questão da durabilidade da técnica de taipa que resiste até os dias atuais. Saia (1944) considera o taipeiro como um personagem fundamental para a transmissão da técnica para as gerações futuras e, conseqüentemente, a manutenção dessa forma de construir.

“Como processo construtivo não estaria certamente estudado em bases científicas, não seria possível estabelecer com segurança quais as características técnicas indispensáveis à obtenção de uma boa parede de taipa. Daí a importância dos “taipeiros”, perfeitos conhecedores do processo tradicional, e daí, também, a precária resistência das paredes de taipa construídas na época em que a região já apresentava sinais de decadência. No Estado de São Paulo, isto pode ser observado quando se estuda a imigração interna e a decadência econômica de certas regiões, cujos habitantes especialistas em construção de taipa, se bandeavam para zonas mais florescentes.” (SAIA, 1944, p. 229)

Saia reforça a importância da preservação da taipa enquanto saber tradicional, atribuindo a decadência da técnica às diversas mudanças financeiras e demográficas que ocorreram nos séculos XVIII e XIX e forçaram os mestres taipeiros a abandonar suas regiões e até mesmo o ofício de taipeiro para procurar melhores condições de vida em outras localidades e profissões.

“A taipada das construções dos séculos seguintes [...], indica descuido na fatura propriamente dita e ainda no uso adequado desse processo de edificar. Deve-se, realmente, supor que **as condições desfavoráveis de economia e mobilidade demográfica, que afligiram os séculos XVIII e XIX, vieram criar circunstâncias prejudiciais ao aprendizado das técnicas correntes**. Isto se torna ainda mais sensível quando se considera que não foi apenas o processo de construir com paredes de taipa, o único atingido por essa dificuldade. De fato, certas construções de pau-a-pique, ainda hoje existentes, atestam que este último processo era também qualificado para construções importantes, tais como a atual sede da Fazenda Pau d'Alho e as sedes das Fazendas Engenho d'Água e São Matias. Nestas edificações, a técnica de pau-a-pique foi observada tão atentamente que elas resistiram até hoje. Quando se considera que datam do século XVIII, e que **atualmente os fazedores de paredes de pau-a-pique não conseguem senão levantar**

construções que durem alguns anos, fica evidente que alguns pormenores de fatura deste processo tradicional se perderam com o correr dos tempos. Quer seja desleixo na escolha da madeira e de outros materiais, quer seja esquecimento da maneira de tratar o material utilizado, o certo é que nas atuais construções de pau-a-pique não conseguem igualar a excelência das construções antigas. Antes disto, é alarmante e significativa a diversidade de terminologia encontrada em diversas regiões, para os mesmos detalhes. Significativa, sobretudo, porque indica que o processo foi transmitido ‘de ouvido’.” (SAIA, 1944, p. 231-232, grifo nosso)

Sylvio de Vasconcellos, já mencionado no capítulo anterior, no livro “Arquitetura no Brasil: Sistemas Construtivos” (1979) também enfatiza o **valor que a taipa tem enquanto técnica** utilizada principalmente nos primeiros séculos de colonização. Ao descrever a forma como a taipa de pilão e de mão eram executadas o autor contribui para a documentação da técnica.

Podemos observar que a taipa foi valorizada dentro dos órgãos do patrimônio nacional quando a mesma esteve pautada enquanto solução técnica para a construção de residências e fazendas de pessoas que, no esquema social do século XVII, representavam a sede e centralização do poder, justiça e religião da época, sendo de posses dos grandes colonos e fazendeiros. Com a decadência desse esquema social a taipa foi ganhando uma conotação de pobreza, sendo associada apenas às construções das classes sociais menos abastadas. Ao ser associada a edificações precárias, a taipa perde o valor histórico e passa a ser tratado como algo a ser desprezado em vários aspectos sociais e econômicos, restando apenas a demolição das mesmas.

Todavia esse cenário em relação à “patrimonialização” da taipa é possível de ser mudado porque a Constituição Federal de 1988 apresenta o Art. 216 referente à cultura e que marca uma mudança na matriz de reconhecimento do patrimônio cultural brasileiro. O artigo estabelece que não apenas os intelectuais à frente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) são responsáveis pela seleção dos bens valoráveis, indicando que a promoção e proteção do patrimônio cultural ficará a cargo do poder público junto com a colaboração da comunidade e isso poderá ser feito “por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.”

Com isso, abre-se um leque maior de possibilidades de bens que possam ser considerados patrimônio, visto que podem ser considerados todos aqueles bens que sejam identificados como referências culturais de determinados grupos, sendo necessária a preservação dos mesmos para que gerações futuras tenham a oportunidade de conhecer e aprender sobre a história e memória coletiva desses grupos. Dessa forma é possível discutir e organizar, junto com as comunidades, quais bens são importantes e a taipa de mão pode ser selecionada a partir da importância da técnica enquanto memória coletiva. Existindo assim a possibilidade de considerar o saber-fazer da técnica construtiva da taipa de mão como patrimônio cultural imaterial. Assim como eventuais bens edificados em específico que utilizem a técnica possam ser qualificados como patrimônio material da comunidade onde estão inseridos.

2.3. “PERCEBER” A TAIPA SERGIPANA

“Perceber” a taipa em Sergipe é analisar a mesma não somente com os critérios estabelecidos pelos intelectuais estudiosos clássicos da arquitetura brasileira apresentados no subcapítulo anterior. Essa percepção torna-se mais difícil por existir a necessidade de olhar a taipa não somente como técnica e representação de uma tradição. A taipa está presente no Estado de Sergipe em diversos contextos, o que exige um **olhar mais expandido e interdisciplinar**.

É possível encontrar construções em taipa em todo o estado, principalmente nos povoados dos municípios localizados no alto sertão, centro sul, agreste e baixo São Francisco sergipano. A taipa apresenta um **valor histórico** em Sergipe por ser uma técnica construtiva utilizada desde o princípio do povoamento, como podemos notar ao analisar as técnicas construtivas no centro histórico da **cidade mais antiga do Estado**: São Cristóvão. Na cidade é possível encontrar diversos exemplares em conjunto que utilizam a técnica da taipa de mão, como por exemplo as residências localizadas no entorno da Praça São Francisco, considerada patrimônio mundial da UNESCO desde 2010²³. (Figura 61)



Figura 61: Casario da Praça São Francisco, São Cristóvão, Sergipe.
Fonte: Dayane Félix, 2019.

Ainda que apresentem um **valor histórico** por estarem associadas às **primeiras construções do estado**, é comum que os moradores do centro histórico de São Cristóvão tenham o pensamento de que estão atrasados socialmente por não poderem ter casas com outra técnica construtiva. O pensamento é reforçado pela dificuldade relatada por moradores para executar reformas em suas residências. Mesmo no centro histórico de São Cristóvão é possível encontrar residências construídas em taipa de mão e que se encontram em estado de arruinamento (Figuras 62 e 63) sem que sejam tomadas providências em relação à recuperação das mesmas. Moradores afirmam não conseguirem “reformular” por conta de “empecilhos” causados pelas restrições impostas pelo IPHAN na cidade em relação aos materiais a serem utilizados nessa reforma.

²³Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/list-of-world-heritage-in-brazil/sao-francisco-square-in-sao-cristovao/> Acesso em: 10 de agosto de 2019

É evidente que casas nessas circunstâncias necessitam de intervenções de restauração e aplicação de materiais compatíveis com a taipa de mão, mas o sentimento que fica na sociedade que desconhece essas informações mais técnicas é de que não conseguem progredir na vida por não poder substituir as paredes de taipa por paredes de blocos cerâmicos. A dificuldade apresentada por esses moradores gera o abandono das casas de taipa quando as mesmas necessitam de maiores reparos para manutenção. O abandono dessas residências põe em risco a paisagem da cidade histórica de São Cristóvão que poderá ser modificada de maneira irreversível caso essas edificações venham a ruir de maneira que impossibilite restaurações. Essa situação não é exclusividade das casas de taipa antigas de São Cristóvão, a mesma repete-se em construções mais recentes e de moradia popular em todo o estado.



Figura 62 e 63: Casa em arruinamento.
São Cristóvão, Sergipe.

Fonte: Dayane Félix e Vanessa Andrade, 2019.

Um ponto importante a ser observado em relação à taipa em Sergipe é a forma como a mesma apresenta-se enquanto componente da paisagem rural sergipana. Desde as viagens de Vauthier, as casas construídas com taipa são tratadas como componentes que caracterizam paisagem rural do Brasil como descrito no texto da Carta III:

“Em outras direções menos frequentadas, encontraríamos ao mesmo tempo uma cultura mais séria, uma arquitetura menos cuidada e um aspecto geral mais agreste; veríamos surgir de longe em longe a casa de taipa com suas paredes de pau-a-pique, e sua cobertura em que a folha de coqueiro substitui muitas vezes a telha de canal. Aqui mesmo, se formos um pouco mais longe, veremos aparecer de novo, nos pontos em que o caminho se bifurca, alguns grupos de casas térreas margeando humildemente a estrada ou escondidas a certa distância entre tufo de árvores frutíferas em que domina a bananeira, a árvore de gente pobre.” (VAUTHIER, 1975, p. 73)

Essa característica existe até os dias atuais, tendo em vista que, as casas de taipa representam marcos na paisagem rural sergipana, estando presentes principalmente no interior do estado, nas zonas rurais de municípios afastados da capital e grandes centros urbanos. (Figura 64) A presença dessas residências deve-se ao fato de serem populações com baixo poder aquisitivo que apenas

conseguem construir suas casas com materiais retirados da própria região e que são usados em estado natural, dispensando compras de materiais específicos e contratação de mão-de-obra especializada.



Figura 64: Paisagem típica do sertão nordestino, Tobias Barreto, Sergipe.

Fonte: Google Street View, 2015.

Com as exigências sanitárias em relação ao barbeiro e a doença de Chagas, a paisagem sergipana foi mudando com a construção de moradias em alvenaria. Para além da função de abrigo e moradia, as casas antigas de taipa estão relacionadas à memória afetiva das pessoas que sempre moraram nessas casas, principalmente na zona rural. Portanto, é comum a construção de casas de alvenaria para moradia sem a demolição das casas antigas de taipa para que seja mantida como testemunho da história daquela família.



Figura 65: Casa de taipa mantida mesmo após construção de casa de alvenaria, Sergipe.

Fonte: Google Street View, 2014.

Com o crescente avanço da destruição dessas casas de taipa, é necessária a implantação de **políticas públicas que visem a melhoria, conservação e manutenção** constante dessas edificações posto que são o **produto da prática de um saber-fazer tradicional** e que, em conjunto com o ambiente natural do agreste e semiárido, proporcionam tradições, relações humanas e culturais formadoras da paisagem cultural bastante típica da zona rural sergipana. Essas casas representam o modo de vida e moradia do povo sertanejo, sendo assim dignas de valorização para que não sejam extintas tanto em termos de cultura material quanto em história e memória.

É notória a mudança na paisagem sergipana provocada pela substituição das moradias de taipa por moradias em alvenaria. Porém, em detrimento disso, as políticas públicas que são apresentadas pelos governos têm, geralmente, o intuito único de destruição dessas casas dado que é comum que casas populares construídas em taipa sejam enquadradas como habitações subnormais e, porquanto, nos últimos anos foram criados diversos programas com objetivo de erradicação das mesmas. O governo de Sergipe em 2007 criou o programa “Casa nova, vida nova” que, segundo a notícia publicada no site oficial do governo, teve como objetivo “em até quatro anos, remover todas as casas e taipa e as palafitas do Estado”. O programa foi, à época, considerado o maior projeto habitacional da história do Estado, sendo fruto de uma parceria entre governo estadual, federal e municipais.

É visível que o governo do estado apenas ansiava a remoção das casas de taipa e não necessariamente a melhoria da qualidade dessas habitações. As casas de alvenaria que foram construídas por meio desse programa não correspondem às necessidades individuais das famílias beneficiadas porque se tratam de projetos padronizados: casas de alvenaria com telhado de duas águas, paredes pintadas de branco, janelas e portas de vermelho e possuem dois quartos, sala, cozinha e banheiro. (Figura 66)



Figura 66: Casas executadas por meio do programa “Casa nova, vida nova.”

Fonte: Governo do Estado de Sergipe, 2009.

É nítido que esse programa representou um grande avanço na qualidade de vida de muitas famílias sergipanas, visto que não somente casas de taipa foram substituídas como também foram construídas casas para diversas famílias que não possuíam moradia própria. Porém, na maioria dos casos, o problema dessas moradias de taipa de mão, que foram consideradas submoradias, não está relacionado à técnica construtiva que foi utilizada e sim à precariedade da mesma, por falta de conhecimento e recursos para que fosse feita uma construção e posterior manutenção adequada das casas de taipa.

Desde 2007 até os dias atuais diversos programas de erradicação das casas de taipa foram criados tanto no âmbito estadual quanto em vários municípios como por exemplo em Lagarto (SE). Todos esses programas criados e executados não levam em consideração que as moradias populares em taipa de mão podem ser reformadas e melhoradas para que não existam os problemas relacionado a insetos (como o barbeiro) e demais complicações que tornam essas construções precárias.



Figura 67: Casa de taipa sendo substituída por casa de alvenaria, por meio do programa “Casa nova, vida nova.”
Fonte: Governo do Estado de Sergipe, 2009.

Em março de 2020 o governo do estado de Sergipe anunciou um projeto de lei que visa a criação de um programa intitulado “Novo Lar” com objetivo de recuperar moradias de famílias de baixa renda com investimento de até R\$10 mil por residência, gastos com materiais, projeto e execução que serão realizadas por meio de licitações. Em matéria publicada no site do governo de Sergipe foram apresentados dados baseados nas pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da Secretaria de Estado da Inclusão e Assistência (SEIAS) com auxílio do CAD único que informam que foram contabilizadas cerca de 38 mil residências com alguma precariedade.

Em comparação com os outros programas anteriormente citados, o “Novo Lar” aparentemente mostra uma maior preocupação em atender as demandas específicas das famílias e melhorias das habitações em si sem que seja necessário a demolição das casas precárias. O objetivo do mesmo é executar “serviços de pintura e reboco; instalações sanitárias; troca de esquadrias; recuperação ou troca de telhado; ligação de energia elétrica; os serviços serão definidos a partir da observação em campo e da prioridade demandada pela família”.

É controverso que ao mesmo tempo em que o governo de Sergipe incentiva a derrubada e substituição das habitações construídas com taipa com o programa “Casa Nova, Vida Nova”, o mesmo monta estruturas em taipa para que sirvam de “cenário” em eventos como a “Feira de Verão” organizada através da Secretaria de Estado do Turismo (SETUR). Em janeiro de 2020, na “Feira de Sergipe” foi montado um espaço chamado “InstaPoint” com a instalação de paredes de taipa e mobiliário considerado antigo e bastante comum de ser encontrado em casas populares no interior sergipano. É comum a instalação de paredes de taipa de mão nestes e em outros eventos anuais organizados ou apoiados pelo governo de Sergipe, essas instalações têm como objetivo colocar em destaque a cultura e tradição construtiva sergipana. A problemática em torno desse objetivo deve-se ao fato de que ao mesmo tempo em que são lançados programas que visam a erradicação das casas de taipa também são recriados ambientes aos moldes de uma casa popular sertaneja construída em taipa para ser um ambiente em exposição para turistas.



Figura 68: InstaPoint Feira de Sergipe 2020.
Fonte: Dayane Félix, 2020.



Figura 69: InstaPoint da Feira de Sergipe 2020.

Figura 70: Parte Interna do InstaPoint da Feira de Sergipe 2020.

Fonte: Dayane Félix, 2020.

A taipa de mão somente é valorizada enquanto cultura sergipana e herança construtiva se estiver correlacionada com ações voltadas para o turismo, apresentando unicamente a finalidade de **reproduzir a estética da técnica**. Sendo reconhecida somente quando retirada de contexto, a taipa de mão perde a qualidade construtiva que a torna autêntica ao ser aplicada com a finalidade de constituir uma moradia. Ademais, exibe uma imagem do estado que não condiz com a realidade, na medida que a técnica construtiva está sendo perdida com o tempo por causa da destruição dos exemplares já construídos e pela falta de incentivo à manutenção das mesmas.

Uma questão que não pode ser ignorada ao analisar as casas de taipa de mão em Sergipe é que a sua utilização, em diversas vezes, está associada à construções que se encontram em circunstâncias precárias. Em diversas ocupações presentes no estado é possível encontrar casas que utilizam a técnica por ser uma alternativa barata, rápida e com fácil execução. As casas que apresentam condições precárias, como problemas estruturais, não podem ser preservadas meramente pelo desejo de “congelá-las no tempo”, dado que condições inadequadas geram problemas habitacionais e de saúde pública. Isso reforça a necessidade da atuação do estado com aplicação de políticas públicas e assistência técnica nessas moradias.

É preciso levar em consideração que essa precariedade é fruto do abandono gradativo do saber-fazer popular da técnica, que gera o apagamento de um conhecimento antes passado oralmente entre as gerações por meio dos mutirões realizados para execução da técnica (os mutirões de tapagem) que envolviam toda a comunidade em prol da construção de uma moradia e, assim também, no aprendizado da técnica. Esse apagamento faz com que muitas etapas e orientações para boas construções sejam perdidas no decorrer do tempo, gerando construções com menor qualidade construtiva do que aquelas que foram construídas séculos atrás. Com isso, é preciso que a transmissão autêntica da técnica tradicional seja incentivada nessas comunidades para que as moradias populares (antigas ou futuras) possam ter uma boa qualidade construtiva e possam ser mantidas assim. Caso isso não aconteça, é provável que reste somente os exemplares de taipa de mão que servem aos interesses do turismo ou aquelas novas construções que utilizam a técnica com a justificativa da sustentabilidade.

Desse modo, percebemos que quando se fala em reconhecimento da taipa em Sergipe é imprescindível analisar a existência da necessidade urgente de preservação do saber-fazer popular para que exista uma melhoria na qualidade tanto das moradias já existentes e que necessitam de manutenções periódicas como também nas construções novas. Essa preservação também leva à preservação da paisagem cultural rural sergipana, preservando a memória afetiva e história dessas populações.

Além disso, trazendo os pontos levantados no sub capítulo 2.1 para o contexto sergipano, nota-se que é preciso levar em consideração que Sergipe foi um território colonizado em prol da economia açucareira e, portanto, as relações de dominação apresentadas anteriormente influenciam de maneira direta na situação social atual do estado. Dessa forma, é importante considerar que o abandono da técnica em Sergipe também está relacionado com o estigma presente nos próprios moradores por conta do histórico de associar culturas dominadas pelos brancos como culturas a serem excluídas e substituídas pelas culturas dos povos dominantes.



3. O CASO DA ILHA MEM DE SÁ

Por concentrar, em uma porção geográfica restrita, diversos casos de percepções diferentes da utilização da taipa de mão sergipana, a Ilha Mem de Sá – povoado pertencente ao município de Itaporanga d'Ajuda no litoral do estado de Sergipe – foi escolhida como objeto de estudo deste trabalho. Neste capítulo serão apresentadas análises do cenário da aplicação da taipa de mão enquanto técnica construtiva das moradias na ilha. Também será apresentada uma documentação preliminar referente às edificações de taipa de mão que resistem até os dias atuais.

3.1. A ILHA MEM DE SÁ

A Ilha Mem de Sá é uma ilha fluvial com cerca de 2.000 m² de extensão, cercada pelo rio Vaza Barris, inserida enquanto povoado no município de Itaporanga d'Ajuda no leste do estado de Sergipe, estando distante cerca de 53km da capital. Segundo estudos da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA Tabuleiros Costeiros (2013) a ocupação da ilha é resultado do crescimento de três famílias nativas e que possuíam uma estreita e benéfica relação com o meio ambiente no entorno.

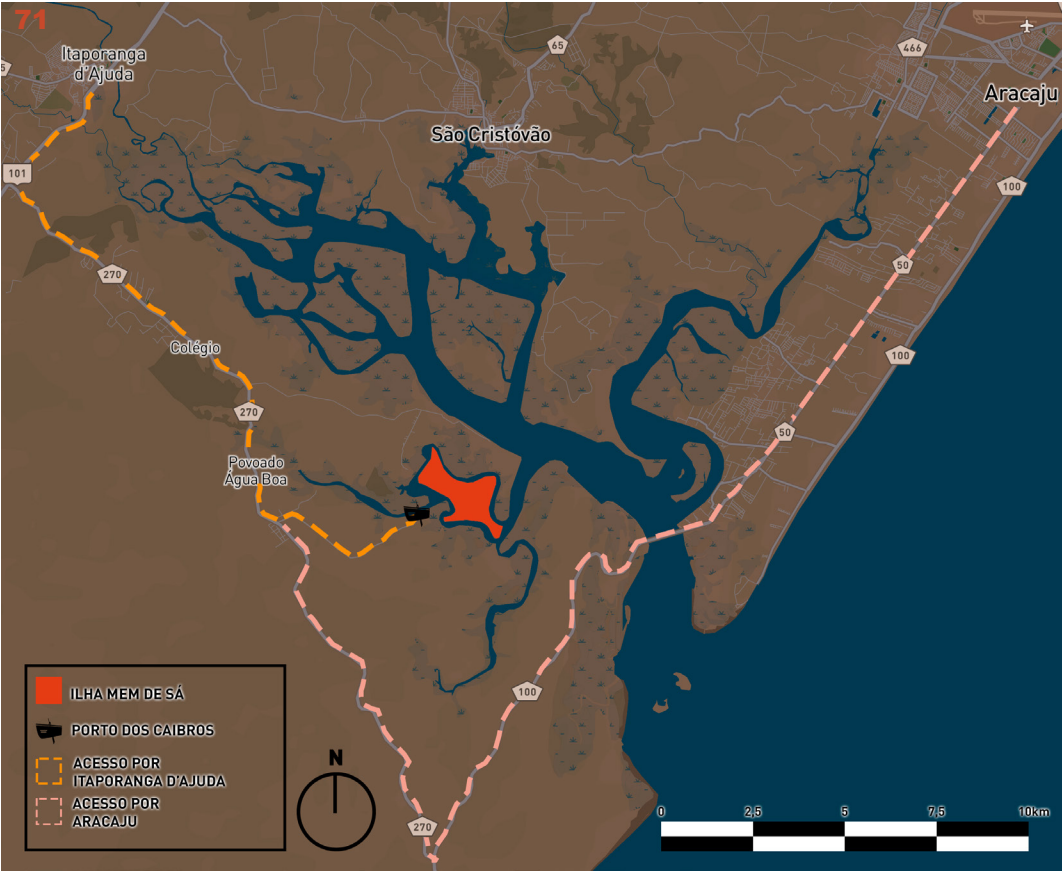


Figura 71: Localização e acessos da Ilha Mem de Sá.
Fonte: Dayane Félix, 2020.

A região do estuário do rio Vaza Barris possibilita, até os dias atuais, que o sustento dessas famílias ocorra por meio das atividades de extrativismo de crustáceos e pesca. Por terem a noção de que o meio ambiente é o que garante a sobrevivência das suas famílias, os moradores da ilha possuem um sentimento de **cuidado e conservação** desses territórios. Nos últimos anos, o movimento de turismo e veraneio na Ilha Mem de Sá cresceu, possibilitando aspectos positivos, como crescimento econômico de algumas famílias e maior visibilidade para a região, e também aspectos negativos como a degradação do meio ambiente com a instalação de obras grandiosas e que agredem o ecossistema local.

A Ilha Mem de Sá foi escolhida como território de estudo porque, mesmo levando em consideração que seja um recorte com dimensões geográficas limitadas em relação ao restante do estado, podemos perceber diversas formas de utilização da taipa na produção de edificações. Essa utilização apresenta diferentes objetivos, sendo perceptível também a desvalorização e destruição de edificações apenas por apresentarem essa técnica. Com isso, a escolha da ilha enquanto objeto de estudo tem como objetivo fazer um **diagnóstico** acompanhado da produção de **documentação** que possa servir como pontapé inicial para corroborar a intenção de preservação desse saber-fazer tradicional encontrado no local.

Tendo os capítulos anteriores como referência podemos perceber que os casos documentados nesse trabalho não são acontecimentos restritos à Ilha Mem de Sá, diversos outros casos semelhantes são encontrados nos mais variados locais do estado. Dessa forma, a ilha serve como um bom laboratório de observação para documentação do saber-fazer popular, assim como também da destruição crescente pelo qual esse saber-fazer tem passado nos últimos anos.

A proximidade com uma Reserva Particular do Patrimônio Natural - RPPN do Caju faz com que a técnica da taipa seja uma técnica construtiva ideal para execução de edificações na Ilha Mem de Sá, por se tratar de um processo construtivo onde as interferências prejudiciais ao meio ambiente são reduzidas em comparação com outras técnicas como o uso de alvenaria.

Porém, o processo que podemos perceber na ilha é contrário à essas questões ambientais, a cada ano que se passa as casas que originalmente eram construídas em taipa de mão estão sendo substituídas por alvenaria, em uma busca pela sensação de evolução construtiva, como também o estabelecimento da moradia **fixa** em relação àquela terra em oposição à sensação de **efemeridade** vista por muitos moradores na técnica da taipa de mão. A chegada de pessoas externas aos nativos da ilha fez com que aumentasse a quantidade de residências com um padrão construtivo elevado, com técnicas e tipologias construtivas diferenciadas, com aplicação majoritariamente de alvenaria. Essa inserção descontrolada de residências de veraneio na ilha faz com que o território seja prejudicado em relação ao meio ambiente.

O Plano de Manejo da Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) do Caju elaborado pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – EMBRAPA Tabuleiros Costeiros em 2013 mostra que os moradores da ilha executam atividades na Reserva do Caju que são prejudiciais ao ecossistema da mesma e que não estão em conformidade com as normas estabelecidas pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza. Uma dessas atividades está diretamente relacionada à construção civil tendo em vista que para fazer o cimento utilizado nas casas de alvenaria da Ilha Mem de Sá é necessário a extração de areia branca da restinga da RPPN do Caju.



Figura 72: Entorno próximo da Ilha Mem de Sá.
Fonte: Dayane Félix, 2020.

Todavia, ao mesmo tempo que apresenta essa extração de areia para construção de casas em alvenaria na ilha como uma atividade prejudicial ao meio ambiente, o relatório também coloca as casas de taipa como símbolos de pobreza, reforçando o estigma existente acerca das habitações em taipa.

“A maioria das casas é de alvenaria, no entanto, existem ainda pequenas casas feitas de taipa (barro batido), revelando a situação precária de alguns moradores da região.” (EMBRAPA, 2013, p.40)

A taipa nem sempre foi tratada como sinônimo de pobreza entre os moradores da ilha e entorno. Seu Salvador, taieiro da ilha, destaca a taipa como uma tradição que todos da sua época sabiam fazer e participavam dos mutirões de tapagem, verdadeiros eventos da comunidade.

“O mutirão era a comunidade toda né. Vamos supor, ai articulava o povo, chamava o povo, pela manhã ou uma semana antes de acontecer né. E quando tava envarando né, botando as varas... Aí dizia quando passava ‘quando é que vai ter a tapagem?’ ai o pessoal ‘tal dia, tal dia, tal dia do mês vai acontecer’ ai o pessoal já ficava sabendo né, ai isso era uma grande importância pra eles né, na minha época, na época do meu pai, pessoal ficava animado, ia acontecer ai já passava pra outra comunidade também que é aqui vizinho. O Povoado Costa tem muita gente também que trabalha com casa de taipa, tem casa de taipa ainda, são poucas, mas ainda tem alguém que tem casa de taipa. E lá tem muita gente também que trabalha com casa de taipa, senhores, jovens...” (SALVADOR, 2020)

Entretanto, nos dias atuais as gerações mais novas estão perdendo essa tradição e não possuem mais esse saber-fazer porque as pessoas pararam de construir com essa técnica, sendo essa uma técnica abandonada e somente nos últimos anos que ela tem sido colocada novamente em pauta. Seu Zé Carlos, morador de casa de taipa e antigo taipeiro da ilha, chama a atenção também para a forma como esse abandono da técnica gera a precarização das casas que ainda resistem com essa técnica, tendo em vista que o fato das novas gerações não dominarem a técnica dificulta encontrar pessoas que saibam fazer manutenção dessas casas e trabalhem com isso atualmente. Com isso, Zé Carlos afirma que atualmente prefere a construção de alvenaria, conhecida como “casa de bloco”:

“É, porque a de bloco, o cara vai, só que a de bloco vai ainda, quasemente vai gastar mais né, porque só o material vai gastar mais, mas a de taipa de primeiro era mais fácil, porque você chamava a comunidade e todo mundo vinha e ajudava a tapar né. Vinha, ajudava a tapar, ajudava a amarrar uma vara, porque ela é toda na vara né. E hoje em dia ninguém faz mais isso, for fazer uma casa de taipa aqui no caso, a pessoa vai tapar quasemente sozinho ou se a família vim ajudar. Porque povo de fora mais, num tão mais vindo ajudar ninguém, quem tem suas casas de bloco não vai querer vim tapar mais casa de taipa.” (ZÉ CARLOS, 2020)

No período de 2017 a 2020 foi possível, em observações espontâneas da autora, perceber a maneira como a paisagem da ilha estava mudando com as novas construções e também com a derrubada de construções antigas. (Figura 73 e 74) Em conversas com moradores de casas de taipa na ilha foi possível perceber que essa mudança não é recente e vem acontecendo nos últimos trinta anos. Moradores informam que desde o princípio de ocupação da ilha que as casas eram construídas em taipa (chamada de “tapia” por alguns nativos da ilha), sendo assim todas as casas eram construídas com taipa e cobertas com palha.

Moradores indicam que a substituição das casas de taipa pelas casas de alvenaria foi iniciada com um determinado prefeito da cidade de Itaporanga d’Ajuda (que não teve o nome citado nas entrevistas) que ao assumir a gestão municipal ofereceu um incentivo em material para que os moradores da Ilha Mem de Sá trocassem as coberturas com palha pelas coberturas com telha cerâmica. Com essa substituição da cobertura, alguns moradores que já possuíam melhores condições financeiras optaram por também substituírem as suas casas por completo.

Antes mesmo de chegar no Porto dos Caibros (ponto de encontro com os barqueiros para fazer a travessia até a Ilha) é possível encontrar pelo caminho diversas casas construídas em taipa de mão (Figura 75). A maioria delas está em estado de ruína, porém sendo mantida nesse estado ao lado de uma casa de alvenaria recém construída. Sendo assim, pode-se afirmar que a técnica construtiva é tradicional não apenas na ilha como em todo o seu entorno. Afirmação essa reforçada pelo taipeiro Seu Salvador que em entrevista informou sobre ser possível encontrar diversas casas de taipa em um povoado da região chamado Paruí.

No Porto dos Caibros também se encontra um bar (Figura 76) que foi construído em taipa de mão recentemente. Seu Salvador informa que foi construído por um antigo taipeiro chamado João que construiu diversas casas de taipa no Paruí, local onde o mesmo reside.

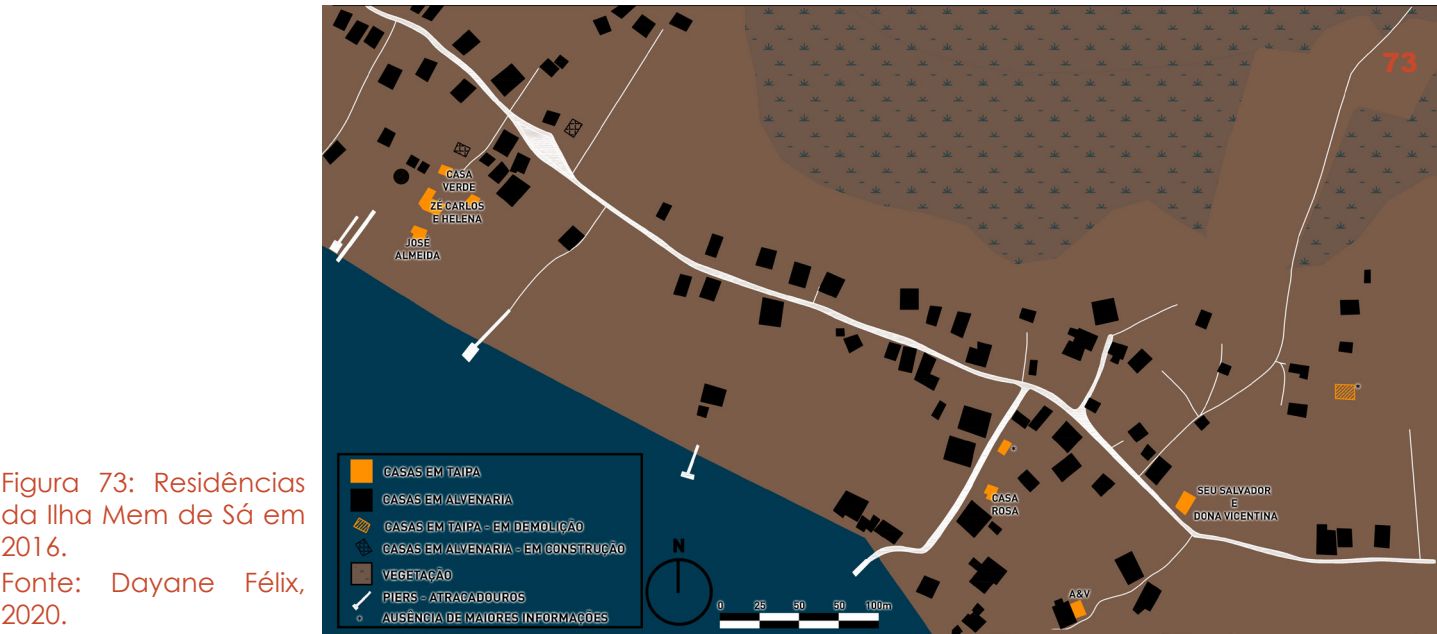


Figura 73: Residências da Ilha Mem de Sá em 2016.
Fonte: Dayane Félix, 2020.

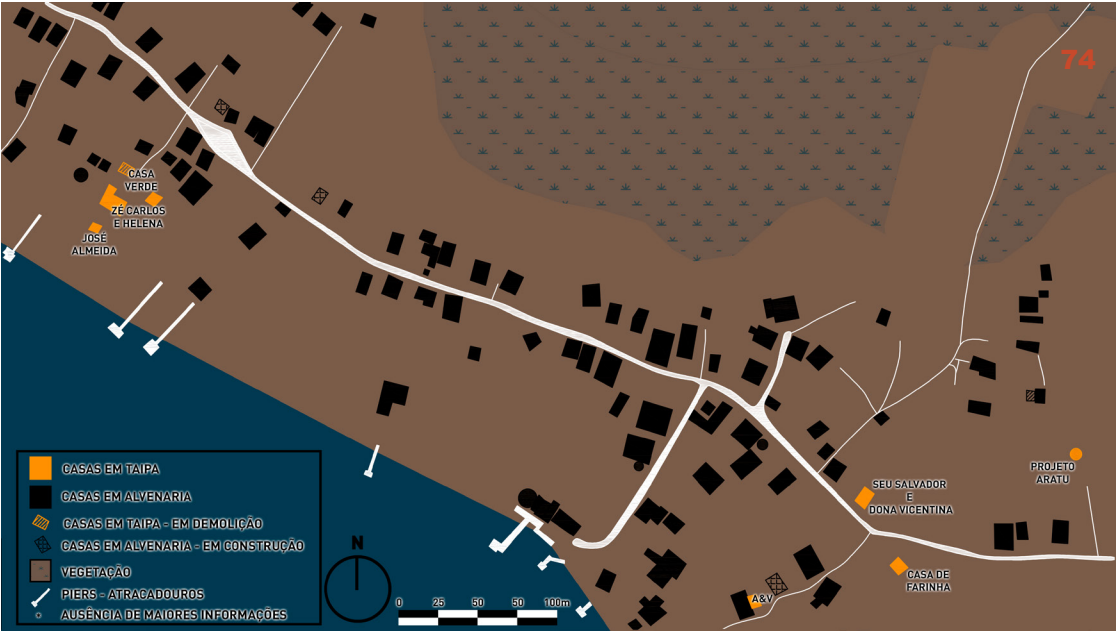


Figura 74: Residências da Ilha Mem de Sá em 2020.
Fonte: Dayane Félix, 2020.

Nas últimas décadas, impulsionados pelo ideal de progresso e “modernização” construtiva, os moradores da Ilha Mem de Sá abandonaram e destruíram as casas de taipa para construir casas em alvenaria. Os terrenos, principalmente os localizados na beira do rio e na rua “principal” começaram a ser visados por pessoas de fora da região para construção de casas de veraneio, sendo assim as casas de taipa que existiam nesses locais foram destruídas para que o terreno “limpo” fosse vendido e casas de veraneio construídas, essas também utilizaram técnicas mais “atuais” como blocos de cerâmica e blocos de concreto. Além da mudança da técnica construtiva também mudaram o gabarito das construções, sendo possível encontrar diversos sobrados na ilha.

As figuras 79 e 80 são fotos que foram tiradas praticamente do mesmo ângulo na primeira rua que as pessoas acessam logo ao desembarcar no porto da Ilha Mem de Sá. Nota-se que as edificações da esquerda sofreram diversas alterações, principalmente de gabarito. A construção de novas edificações nessa área deve-se ao fato de que houve uma obra de modernização do porto com intuito de atrair mais visitantes, mas a obra trouxe prejuízos tanto em relação ao meio ambiente quanto sobre a paisagem da ilha, pois agora existem bares instalados em sobrados na beira do porto de chegada a Ilha Mem de Sá e que não são “camuflados” pela vegetação nativa.

Uma vez que substituição gradativa das casas de taipa pelas casas de alvenaria contribuiu para o abandono e destruição das casas antigas, o trabalho em questão tem como objetivo reconhecer e documentar essa produção em taipa, por meio do estudo dos exemplares que até este momento ainda resistem na Ilha Mem de Sá e que serão apresentados a seguir.



Figura 75: Casa de taipa de mão em ruínas.
Fonte: Dayane Félix, 2020.



Figura 76: Bar no Porto dos Caibros.
Fonte: Dayane Félix, 2020.



Figura 77: Sobrado em alvenaria construído na Ilha Mem de Sá.
Fonte: Dayane Félix, 2020.



Figura 78: Sobrado em alvenaria construído na Ilha Mem de Sá.
Fonte: Pedro Murilo, 2020.



Figura 79: Vista da via de acesso à ilha em 2017.
Fonte: Dayane Félix, 2017.



Figura 80: Vista da via de acesso à ilha em 2020.
Fonte: Dayane Félix, 2020.

3.2. “NÃO TEM CASA DE TAIPA AQUI MAIS NÃO”?

Foram realizadas visitas ao local de estudo em diversas vezes no período de 2017 a 2020. As visitas realizadas em novembro e dezembro de 2019 bem como janeiro e fevereiro de 2020 estiveram focadas em analisar edificações que ainda resistiam em taipa de mão na Ilha Mem de Sá. Para isso, foram aplicadas entrevistas (Apêndice B) seguindo um questionário previamente elaborado (Apêndice A) com moradores e donos de casas de taipa, porém o assunto também foi pauta de conversas informais com outros moradores e nativos da Ilha.

As entrevistas foram importantes para entender tanto sobre a história construtiva da ilha como também a forma como os moradores se sentem e pensam em relação a taipa de mão. Como exposto no subcapítulo anterior, o ideal de “modernização” das construções fez com que a população passasse a negar a existência das casas de taipa de mão, visto que as mesmas se encontram escondidas e ofuscadas por casas maiores e que chamam mais a atenção em termos de dimensões, cores e materiais. (Figura 81) Ao visitar a ilha, perguntando aos moradores onde seria possível encontrar casas de taipa a resposta mais comum era **“não tem casa de taipa aqui não”**. Somente ao questionar sobre casas que já eram do meu conhecimento, os moradores “lembravam” das casas que ainda existiam. Apesar desse não reconhecimento por parte de alguns moradores, foi possível encontrar diversas moradias construídas com taipa de mão na Ilha Mem de Sá.



Figura 81: Casa de taipa em ruínas ao lado de uma casa recentemente construída para veraneio. Fonte: Linda Tayala, 2019.

Junto com as entrevistas foram realizados levantamentos fotográficos para que fossem registrados e documentados o estado dessas residências. Foram selecionados duas residências para realização de levantamento físico, a primeira residência foi escolhida por estar em abandono sendo utilizada como depósito e com grandes chances de ser demolida em breve, tendo em vista que os donos da mesma manifestaram a vontade de utilização das telhas dessa casa para a cobertura de uma outra casa que está sendo construída ao lado para servir de moradia para uma filha do casal.

O segundo exemplar escolhido não apresenta risco eminente de destruição, o dono apresenta um desejo por preservar a casa por fazer parte da história da ilha e da família dele: a casa é considerada a mais antiga da ilha, foi construída para ser a primeira escola da ilha. Além disso, o dono da casa é um taieiro conhecido na ilha, conhecedor do saber-fazer da taipa de mão. Nas demais residências apresentadas aqui não foi possível realizar levantamentos físicos por já terem sido destruídas, em outras os moradores entrevistados não estavam confortáveis em autorizar medições em suas residências por temerem represálias futuras estarem em destruição ou serem abrigo residencial de inúmeras pessoas, dificultando o acesso e trabalho.

Com essas visitas, entrevistas e levantamentos foi possível analisar sete construções em taipa de mão, dessas três estão sendo utilizadas como moradia, uma está sendo utilizada como depósito (mas já foi utilizada como moradia), uma outra foi encontrada em estado de ruínas e duas são construções mais atuais sendo uma utilizada como museu e outra ainda está em construção para servir de ponto de apoio para um camping.

Para facilitar o entendimento das análises das edificações as mesmas foram organizadas de acordo com as suas características, de acordo com o exposto ao fim do capítulo 2, bem como de acordo com o estado de conservação que apresentam. Dessa forma foram divididas em dois grupos de análise: 1. Crescente destruição vs. Única solução construtiva; 2. Saber-fazer popular em abandono vs. Retomada “sustentável”.

3.2.1. CRESCENTE DESTRUIÇÃO VS. ÚNICA SOLUÇÃO CONSTRUTIVA

Dentre os diversos exemplares de residências construídas em taipa de mão na Ilha Mem de Sá é nítida a diferenciação entre as justificativas e objetivos da utilização da técnica. Neste subcapítulo será analisado sobre a destruição e precariedade da técnica. Além dos relatos de casas de taipa de mão que foram destruídas anos atrás, foi possível encontrar exemplares que em um curto período de tempo foram demolidas, abandonadas ou encontradas em arruinamento. Essa destruição foi impulsionada pelos “desejos de progresso e modernização” das edificações e pelo crescimento da venda de terrenos na ilha.

Todavia, é preciso analisar que também existem edificações que ainda funcionam enquanto moradias de diversas famílias na Ilha e encontram-se em precariedade por conta da dificuldade de manutenção e principalmente pelo abandono da técnica, que nesses casos trata-se da única solução construtiva viável.

Uma das famílias entrevistadas (Zé Carlos, Dona Helena, filhos e netos) ressalta que moram na casa de taipa desde que se casaram e, na época, as únicas técnicas possíveis eram as que utilizavam a madeira, palha ou barro como materiais de construção por serem facilmente encontrados na região e fáceis de manusear. Além disso, a técnica da taipa de mão era de conhecimento de todos os moradores da Ilha Mem de Sá e a construção era feita de maneira coletiva para festejar a união de um novo casal.

Na época da construção, o Seu Zé Carlos era um conhecido taipeiro que dominava a técnica e transmitia para as pessoas que estavam presentes na tapagem. Atualmente, o mesmo encontra-se com problemas de saúde que impossibilitam de executar as manutenções e melhorias necessárias para manter a casa em boas condições. Ao mesmo tempo, a técnica da taipa de mão entrou em desuso e abandono, sendo assim poucas são as pessoas que dominam a técnica no local, o que faz com que as manutenções gerem custos que a família não possui condições de arcar.

Na mesma situação encontra-se o Seu José Almeida cuja casa foi parcialmente arruinada após a queda de parte da cumeeira do telhado. Seu José e Zé Carlos informam que a técnica de taipa é a única solução construtiva para servir de abrigo para as suas famílias e que as casas estão em condições precárias por não ser possível fazer manutenção delas. Atualmente, por questões de preservação ambiental, os moradores relatam estarem impedidos de fazer retiradas de madeiras dos locais próximos às suas moradias, isso gera a necessidade de compra de materiais caso uma manutenção de madeiramento seja necessária. Mesmo com a existência de diversas outras técnicas construtivas, como a alvenaria com blocos cerâmicos, a família não possui condições financeiras de adquirir materiais industrializados e contratar profissionais habilitados para executar técnicas diferentes da taipa de mão. Dessa forma, diante das dificuldades citadas, a taipa de mão é mantida em uso por ser a única forma de construir que é acessível em termos de habilidade e condições financeiras.

CASA ROSA (DEMOLIDA)

A “Casa Rosa” representa uma das motivações iniciais desse trabalho. No final de 2017, durante a primeira visita feita na Ilha Mem de Sá, foi possível perceber, já em estado de abandono, uma casa de taipa pintada externamente com a cor rosa e localizada em uma das principais ruas da ilha, a primeira a ser acessada por quem chega pelo atracadouro principal.

Nessa primeira visita (Figura 82) já era possível verificar a presença de uma casa sendo construída com blocos cerâmicos aos fundos da casa de taipa, presumindo-se então a intenção de substituição da casa de taipa. Dessa forma, a motivação do trabalho surge da necessidade de documentar a edificação antes que a substituição fosse concretizada e a casa de taipa demolida. Porém, antes que isso fosse feito a casa foi demolida, em meados de 2018.

Segundo informações obtidas em conversa com moradores, a casa era de propriedade de uma senhora que não mora mais na Ilha Mem de Sá e na ocasião de uma viagem a mesma decidiu que iria derrubar a casa, mesmo sem ter construído outra, visto que a casa de blocos cerâmicos continua no mesmo ponto que estava em 2017.

É crescente o movimento de vendas de terrenos pelos locais para a construção de casas de veraneio na Ilha Mem de Sá e, nos últimos anos, a rua onde a referida casa estava instalada apresentou um aumento dessas residências. Isso nos leva a pensar de maneira crítica em relação aos motivos que levaram à demolição da casa, levando em consideração que antes da demolição o terreno esteve com placas de anúncio de venda. Os lotes costumam ser vendidos pelos nativos da ilha já “limpos”, como os mesmos se referem aos terrenos que são entregues sem casas e sem vegetação que possa dificultar a visão e acesso à rua ou, principalmente, ao rio.



Figura 82: Casa Rosa, ainda em uso.
Fonte: Dayane Félix, 2017.

CASA VERDE (EM DEMOLIÇÃO)

A “Casa Verde” integrava um conjunto de casas que ainda resistem com a técnica da taipa na Ilha Mem de Sá e pertencem à mesma família. Esse local apresenta a maior concentração de casas de taipa de mão na ilha. Em dezembro de 2019 (Figura 83 e 84) foi possível encontrá-la em estado de demolição, porém com algumas paredes que ainda não tinham sido derrubadas por completo e esquadrias ainda no local. Em janeiro de 2020 (Figura 85), cerca de um mês depois, foi possível verificar que as paredes tinham sido derrubadas quase em sua totalidade, restando apenas parte de uma parede. Porém, os escombros da casa ainda continuam no local.

Um vizinho relatou que a casa pertenceu a uma mulher que não morava mais nela, pois já estava morando em uma casa de alvenaria em outra localidade da ilha. Com o abandono, a casa desabou e os donos pretendiam limpar o local, não tendo feito isso ainda por receio de acabar perdendo o lote por não ter nada construído que demarque a propriedade do mesmo.

Observando a estrutura das ruínas encontradas em dezembro de 2019 é possível verificar a autenticidade da técnica, com a utilização de materiais típicos do local como as varas de madeiras roliças e os cipós que efetuam a amarração da trama de madeira. O barro também se apresenta com uma boa qualidade, adquirindo uma resistência tal qual tijolos de barro cozido. O revestimento das paredes de taipa também comprova uma preocupação com a durabilidade das paredes.



Figura 83 e 84 : Casa Verde em arruinamento.
Fonte: Linda Tayala, 2019.

Figura 85: Escombros da Casa Verde.
Fonte: Dayane Félix, 2020.

CASA DE DONA HELENA, ZÉ CARLOS E FILHOS

Aos fundos da “Casa Verde” encontram-se a residência de Dona Helena e Zé Carlos, que conta também com uma mercearia anexa à casa, dos mesmos proprietários (Figura 86). Ambas foram construídas utilizando a taipa de mão como técnica e resistem dessa forma até os dias atuais. Dona Helena informa que a casa é grande para que seja possível comportar todos os integrantes da família composta por filhos e netos, além dela e o seu esposo Zé Carlos.

Zé Carlos informa que a casa possui mais de quarenta anos, tendo passado por reformas que possibilitaram ampliação da casa de acordo com as novas necessidades da família, mas sempre com o emprego da taipa de mão visto que nunca tiveram condições financeiras de construir uma casa em alvenaria. Comenta também que a sua primeira moradia com a esposa foi uma casa com estrutura de madeira, semelhante à estrutura atual, porém com o fechamento das paredes em palha igual à cobertura. A cobertura foi mudada para telhas cerâmicas quando uma gestão municipal doou as mesmas para que as famílias da ilha substituíssem a cobertura de palha.



Figura 86: Vista da casa e da mercearia de Zé Carlos e Dona Helena.
Fonte: Dayane Félix, 2020.

O morador destaca também que a casa de taipa é boa, porém ela é trabalhosa para cuidar por necessitar de manutenções periódicas e atualmente esse cuidado está sendo agravado tanto pela dificuldade de encontrar profissionais capacitados para reparos na técnica de taipa naquela região, como também por conta das fiscalizações que vem ocorrendo da Administração Estadual do Meio Ambiente (ADEMA) em relação à retirada de madeira da ilha e territórios no entorno.

“É, proibindo de tirar as madeiras né. Não quer que tire né. Aí as coisas tão[sic] ficando mais difícil pra gente que tem casa de taipa né. Porque não tem como tirar né, aí cada vez mais pra nós aqui que mora nessa casa de taipa, tá ficando difícil. Muitos que tem a casa de bloco, não tem precisão[sic] de tirar né. E aqui quase[m]ente[sic] aqui só nós e alguma que tiver pra lá né. Porque se for no mangue, não pode; se for no mato, não pode. Então é uma coisa que não tá ficando bom pra gente, só é isso, **a morada da casa de taipa só tá ruim é isso porque num[sic] passim] pode tirar um pau pra consertar.** Se um pau do alpendre tiver querendo cair o cara num[sic] pode ir, só se for tirar nos escondido, pra num... num dia que eles não veja né.” (ZÉ CARLOS, 2020, grifo nosso)

Esses impasses em relação ao cuidado constante fazem com que a casa em que eles vivem encontre-se em condições precárias, com riscos de desabamento por ser necessária a troca de algumas peças de madeira do telhado e da estrutura das paredes. (Figura 87 e 88) Além da dificuldade com as madeiras, destaca que a taipa também facilita que animais, como insetos e ratos, instalem suas moradas no barro e possam transmitir doenças aos moradores. Zé Carlos mostra-se apreensivo em relação às circunstâncias em que a casa se encontra no momento, principalmente por ter uma criança recém-nascida morando nela. (Figura 89 e 90) Ao ser questionado sobre se seria melhor construir uma casa de alvenaria ou reformar a casa de taipa, o morador diz preferir uma casa de alvenaria, visto que a casa de taipa sempre precisa de manutenção periódica e ele não apresenta mais boas condições de saúde para conseguir fazer essas manutenções sempre.

“[...] a (casa) de bloco vai ainda, quase[m]te[sic] passim] vai gastar mais né, porque só o material vai gastar mais, mas a de taipa de primeiro era mais fácil, porque você chamava a comunidade e todo mundo vinha de ajudava a tapar[sic] né. Vinha, ajudava a tapar, ajudava a amarrar uma vara, porque ela é toda na vara né. E hoje em dia ninguém faz mais isso, (se) for fazer uma casa de taipa aqui, no caso, a pessoa vai tapar quase[m]te[sic] sozinho ou se a família vim ajudar. Porque povo de fora [...] num tão mais vindo ajudar ninguém, **quem tem suas casas de bloco não vai querer vim tapar mais casa de taipa.** E a casa de taipa, ela quando vai ficando velha, vai muitos insetos, vai ajuntando dentro, rato, essas coisa, aí num pode ver um buraco num pé de uma parede[sic] que eles entra e sendo que rato é perigoso né. Rato é perigoso, ai eles cava no pé da parede[sic], aí eles fazem um ninho. E a casa de bloco não tem como eles se acumular né, cavar pra fazer a namorada[sic] dele, aí a casa de taipa é boa, mas é difícil é isso. [...] Eu digo, **a casa de taipa é boa, mas quando ela começa a cair, se não tiver dinheiro pra pagar, pronto, aí o perigo é muito.**” (ZÉ CARLOS, 2020, grifo nosso)



Figura 87: Detalhe madeiramento telhado.
Fonte: Dayane Félix, 2020.



Figura 88: Detalhe junção de paredes.
Fonte: Dayane Félix, 2020.



Figura 89: Vista do “quarto do bebê”.
Fonte: Dayane Félix, 2020.



Figura 90: Vista de outro quarto da casa.
Fonte: Dayane Félix, 2020.

Apesar das dificuldades de manutenção da casa de taipa e das dificuldades financeiras que impedem a construção de uma casa de alvenaria que comporte a sua família, Zé Carlos mostra que não possui a vontade de derrubar a sua casa para vender apenas o terreno. Esta proposta já foi feita para a sua família diversas vezes, mas eles possuem uma forte relação com a terra e com o rio, que passa atrás da casa, e não pretendem sair desse local mesmo que sair signifique melhorar as condições de vida e habitação. Na fala do morador sobre uma possível venda da casa é possível perceber também o estigma em torno da casa de taipa ser relacionada apenas moradia de pessoas pobres.

“Então, no caso, aqui nós já achemo[sic] muitos comprador[sic], mas por causa de nós somo[sic] nascido e criado aqui nesse local, nós, como é, já acostumemo[sic] ne[sic] nosso lugar, então nós num[sic] tem assim[sic] vender pra sair pra local nenhum porque a pessoa acostumado[sic] viver num lugar desse, sossegado, pra vender pra ir pra outro lugar mais... perigoso ou em um lugar que nós num[sic] acostume[sic]. Porque eu vou fazer 50 anos e [...] graças a Deus nunca tive interesse de vender aqui pra sair pra canto nenhum, assim mesmo sendo de taipa. Mas... porque quem for comprar aqui num[sic] vai querer por causa da casa né, vai querer fazer outra mais né, porque aqui a área aqui é limpa, é aberta isso ai tudo[sic], já tem o porto aqui tudo limpo né, ai quer dizer que **o rico que vai oferecer um dinheiro aqui num[sic] vai ser por causa da casa, vai ser por causa da terra e por causa do local né,** ai quer dizer que um rico vai querer morar numa casa dessa? Não vai né. só pra quem é pobre mesmo que não tem condições de construir outra, ai então quer dizer que ainda querendo comprar eu não vendo. [...] A pessoa vender o que tem por causa de dinheiro, um dia ele vai acabar, né. **Um dia o dinheiro vai acabar e a terra vai ficar né.**” (ZÉ CARLOS, 2020, grifo nosso)

De acordo com os moradores, os cômodos foram adicionados à medida que a família foi crescendo e foi necessário aumentar as dimensões da casa. Aparentemente, o último a ser adicionado foi o banheiro interno (Figura 91), sendo este o único anexo que foi construído em alvenaria. Mesmo que a técnica construtiva tenha mudado, as paredes desse anexo não foram totalmente revestidas e, portanto, também se encontram em precariedade.

Analisando a estrutura da casa percebe-se que algumas paredes estão em perigo de arruinamento, assim como também a cobertura. Algumas madeiras da cobertura estão com infestação de cupins e uma das empenas do telhado está sendo amarrada por uma corda. Por ser uma das peças que sustentam o telhado, a substituição é difícil e demanda retirar todas as telhas para refazer essa parte do madeiramento. (Figuras 93, 94 e 95)

Em anexo à residência de Dona Helena e Zé Carlos há uma mercearia (Figura 99), administrada pela família e que possui também uma mesa de sinuca, compondo assim um importante ponto de socialização da comunidade. Ao lado da residência podemos perceber também outra residência construída também em taipa que, segundo Dona Helena, é a moradia de um dos filhos dela que não estava em casa no momento da realização da visita. (Figura 100)



Figura 95: Detalhe do telhado.
Fonte: Dayane Félix, 2020.
Figura 96: Cozinha interna.
Fonte: Dayane Félix, 2020.

Figura 91: Porta e parede do banheiro.
Fonte: Dayane Félix, 2020.
Figura 92: Vista de dois dos quartos da casa.
Fonte: Dayane Félix, 2020.

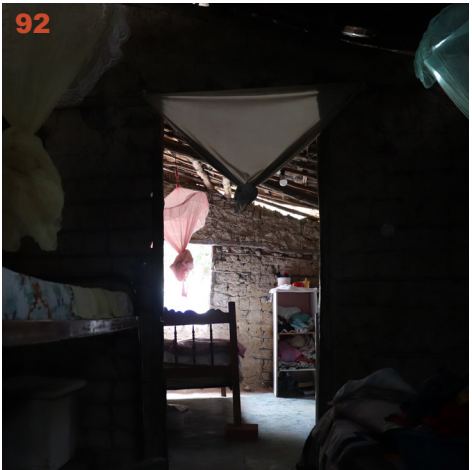


Figura 97: Cozinha externa.
Fonte: Dayane Félix, 2020.
Figura 98: Parede lateral da casa.
Fonte: Dayane Félix, 2020.



Figura 93: Detalhe do escoramento improvisado do telhado.
Fonte: Dayane Félix, 2020.
Figura 94: Parede com infestação de cupins.
Fonte: Dayane Félix, 2020.

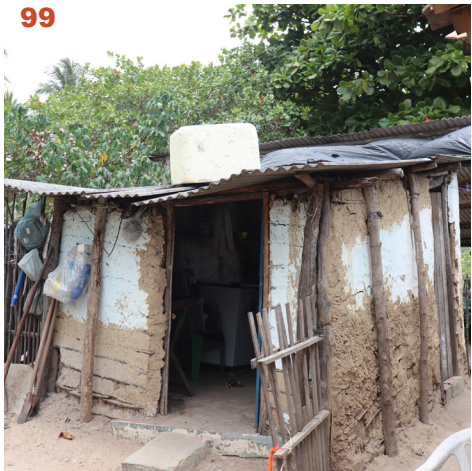


Figura 99: Fundos da mercearia.
Fonte: Dayane Félix, 2020.
Figura 100: Casa do filho de Dona Helena e Zé Carlos.
Fonte: Dayane Félix, 2020.

CASA DE JOSÉ ALMEIDA

A casa do José Almeida está localizada na beira do rio Vaza Barris, ao fundo da casa de Dona Helena e Zé Carlos. Seu José Almeida mora sozinho em uma casa de taipa que está em condições bastante precárias devido a cumeeira do telhado (Figura 102) que caiu, levando ao desabamento de boa parte da residência. O entrevistado informa as mesmas questões pautadas por Zé Carlos em relação à manutenção das casas de taipa, tendo em vista que atualmente eles estão impossibilitados de retirar madeira da vegetação próxima para realizar manutenção e consertos em suas residências. Por essa dificuldade, o morador informa que não foi possível reformar ainda a casa e também ressalta não ser possível construir outra casa em alvenaria por ser uma técnica que ele possui conhecimento, ao contrário da taipa de mão.

“Rapaz, é difícil é a madeira. Que a madeira agora ninguém tá podendo, ninguém tá tirando mais, mas e a casa de bloco sozinho fazer mesmo eu num [sic] faço. [...] A de taipa eu consigo.” (JOSÉ ALMEIDA, 2020)

Dessa forma, Seu José Almeida vive no que restou da sua casa de taipa, que corresponde somente ao ambiente do quarto (Figura 103) onde algumas paredes estão improvisadas com tecidos fazendo o fechamento que outrora era composto por barro. A peça da cumeeira que desabou serve hoje como escoramento para que o restante do telhado não venha a ruir. (Figura 104) O “banheiro” (Figura 105) que o José Almeida utiliza é uma estrutura externa de madeira e tecido. O morador recebe ajuda da família do Zé Carlos para serviços essenciais como alimentação, visto que a cozinha da casa dele estava na parte que caiu da casa e atualmente ele possui apenas um “fogão a lenha” improvisado (Figura 106) .



Figura 101: Casa de José Almeida vista pela janela da casa de Zé Carlos.
Fonte: Dayane Félix, 2020.



Figura 102: Detalhe da cumeeira do telhado.
Fonte: Dayane Félix, 2020.



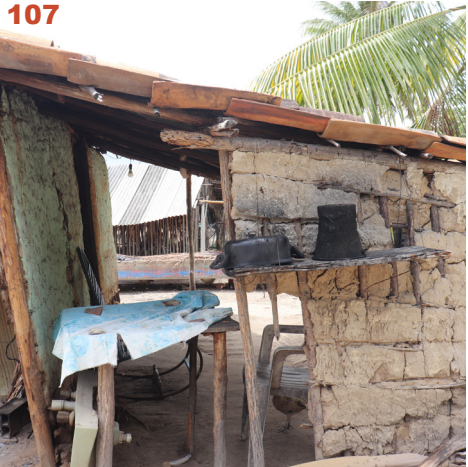
Figura 103: Quarto de José Almeida.
Fonte: Dayane Félix, 2020.



Figura 104: Cumeeira escorando o que restou da casa.
Fonte: Dayane Félix, 2020.



Figura 106: “Cozinha” da casa.
Fonte: Dayane Félix, 2020.



CASA DE DONA A. E V.

Dona A. e seu marido V., que solicitaram não ter seus nomes expostos, moram em uma casa de alvenaria que fica ao lado de uma casa de taipa em abandono. Em conversa, Dona A. informa que a casa de taipa era parte da sua antiga residência que teve partes demolidas, atualmente restando apenas poucos cômodos que servem como depósito da família.

Embora tenha morado durante mais de trinta anos na casa de taipa, Dona A. não demonstra sentir nenhum valor sentimental ou de apego para com a casa, declarando que apenas não demoliu ainda por estar servindo de depósito, mas que irá demolir tão cedo quanto puder. A técnica da taipa é vista como muito trabalhosa para a Dona A. e mesmo confessando que a casa de taipa é mais confortável, a moradora acredita que não vale a pena. Apesar disso, ainda que a casa que more atualmente seja construída com bloco cerâmico, um anexo a cozinha foi construído nos fundos da casa e a técnica utilizada foi novamente a taipa de mão (Figura 114).



Figura 108: Frente da Casa A&V .
Fonte: Dayane Félix, 2020.



Figura 109: Fundos da Casa A&V.
Fonte: Dayane Félix, 2020.

Mesmo diante de um clima de desconfiança, foi autorizado um breve levantamento cadastral e fotográfico da edificação para que possa ficar documentado, tendo em vista o desejo urgente de demolição da edificação para que as telhas possam ser aproveitadas na construção da casa de uma das filhas da antiga moradora.

Sendo uma das casas mais antigas da Ilha Mem de Sá, a mesma ainda se encontra aparentemente em condições regulares para habitação. Porém, boa parte das paredes de taipa não possuem mais o revestimento externo que antes possuíam, isso deve-se ao fato de que a casa possui uma cobertura cujo madeiramento finaliza rente às paredes e apresenta apenas um beiral frontal, formando alpendre da casa e protegendo a fachada frontal das intempéries. Analisando a estrutura podemos perceber que, além da falta de revestimento das paredes, um dos pilares da gaiola estrutural possui um cupinzeiro de grandes dimensões que, possivelmente, infesta e põe em risco todo o madeiramento tanto da estrutura das paredes quanto da cobertura.

A moradora informa que a casa possuía diversos outros ambientes na época em que moravam nela e esses ambientes foram demolidos para que fosse construída a casa atual da família em alvenaria, o que restou da casa de taipa é apenas um pequeno pedaço da casa original. Em comparação com as casas citadas anteriormente, esta apresenta um maior risco de desabamento e arruinamento por conta da enorme infestação de cupins que, ao fragilizar a madeira, põe em risco que a estrutura do telhado venha a ruir. A exposição do barro às intempéries também enfraquece as paredes externas e pode ser percebida pelas marcas de água escorrendo nas mesmas. Essas condições podem ser justificadas pela descaracterização da residência e posterior abandono devido a substituição da mesma.



Figura 110: Lateral da Casa A&V.
Fonte: Dayane Félix, 2020.



Figura 111: Vista interna da Casa A&V.
Fonte: Dayane Félix, 2020.



Figura 112: Vista interna da Casa A&V.
Fonte: Dayane Félix, 2020.



Figura 113: Parede com grande infestação de cupins.
Fonte: Dayane Félix, 2020.



Figura 114: Cozinha anexa à casa vizinha.
Fonte: Dayane Félix, 2020.

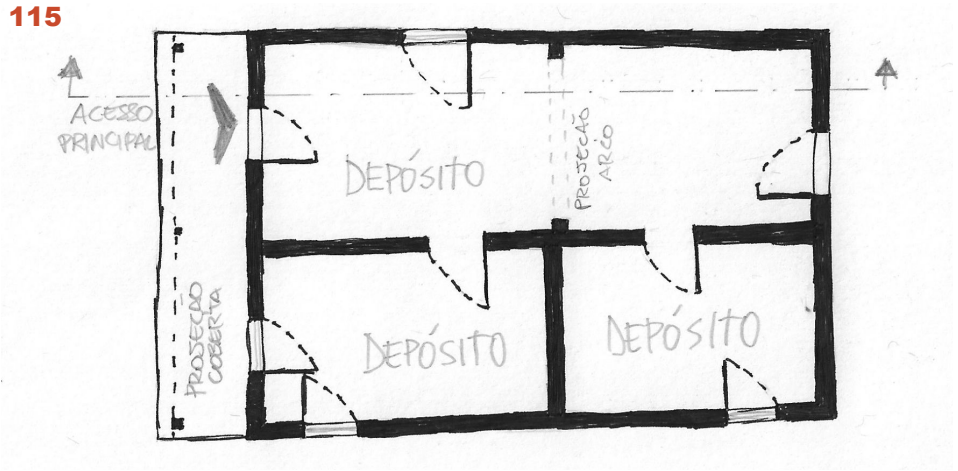


Figura 115: Planta baixa da Casa A&V.
Fonte: Dayane Félix, 2020.

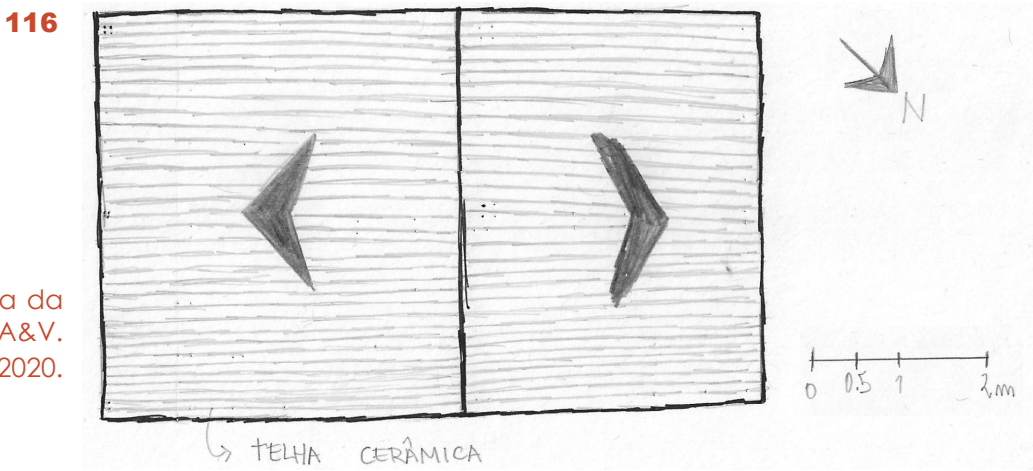


Figura 116: Planta de cobertura da Casa A&V.
Fonte: Dayane Félix, 2020.

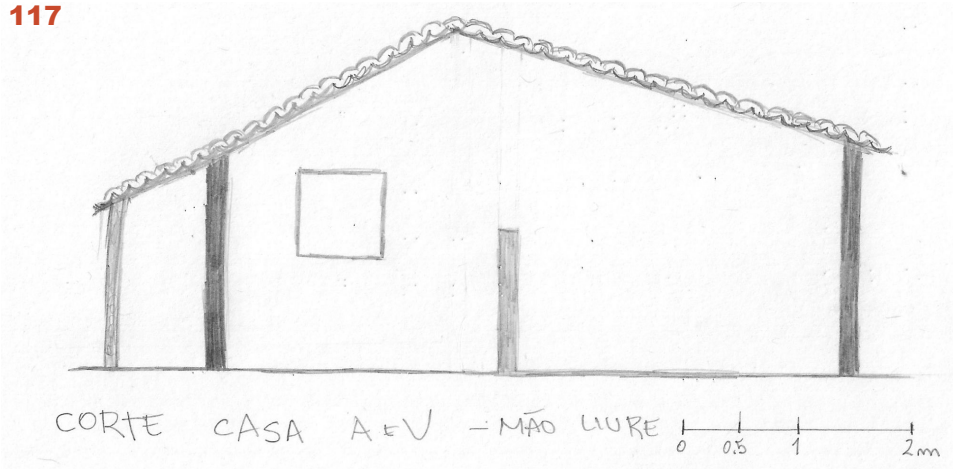


Figura 117: Corte esquemático da Casa A&V.
Fonte: Dayane Félix, 2020.

3.2.2. SABER-FAZER POPULAR EM ABANDONO VS. RETOMADA “SUSTENTÁVEL”

Além das construções abandonadas, em arruinamento ou condições precárias de habitação, também foi possível encontrar exemplares que utilizaram a taipa de mão com outros propósitos. A Ilha Mem de Sá possui um taapeiro que exerce a profissão até os dias atuais: o Seu Salvador que mora em uma casa de taipa de mão, considerada a mais antiga da comunidade e que ainda se mantém em boas condições por conta do proprietário da residência possuir os conhecimentos técnicos para realizar manutenções periódicas.

Seu Salvador também construiu uma recente edificação em taipa de mão na Ilha com a finalidade de ser uma casa de farinha e comportar um museu com objetos originais da mesma. Em entrevista o mesmo também informou ter sido contratado para construir novas casas de taipa de mão na ilha para uma família que herdou uma casa de taipa no sertão e preserva a mesma até hoje, portanto, optou por essa técnica (e por contratar o Seu Salvador) para executar a obra de acordo com o saber-fazer tradicional da comunidade.

“É, o rapaz tá[sic passim] fazendo os projetos, ele tá deixando primeiro botar energia. Ele disse que daqui mais três mês[sic] já sai a energia e assim que colocar a energia ele já tem os projeto. Ele já me mostrou e aí vai construir, lá pra março. Ele disse que março por aí já resolveu a energia e aí ele vai botar o barco pra frente[sic]. Que ele tinha uma casa lá no rio São Francisco, não me lembro bem onde, ele disse que era numa parte lá pro Rio São Francisco, eles tem uma fazenda lá e tem uma casa de taipa e ele disse que preserva muito essa casa de taipa, e os pai dele quer[sic] construir aqui na ilha, comprou um terreno” (SEU SALVADOR, 2020)

Também existe uma outra obra em que foi utilizada a técnica da taipa de mão. O projeto original (denominado “projeto aratu”) é bastante controverso por colocar como intenção “rememorar” as técnicas tradicionais associando com sustentabilidade, mas propor uma construção marcada pela utilização do bambu para fazer a gaiola estrutural da edificação. Utilizar o bambu como material construtivo não é uma opção de todo ruim, porém é imprescindível levar em conta que o mesmo não é uma espécie nativa da ilha e, portanto, é preciso comprar (ou retirar) e transportar de uma outra localidade. A compra e transporte do material implica em aumento expressivo dos custos da obra, dessa forma não podemos considerar que seja uma adaptação acessível e sustentável da técnica da taipa de mão tradicionalmente empregada na Ilha Mem de Sá.

O projeto Aratu apresentou problemas (muitos de ordem financeira) durante a execução da obra e foi necessário interrompê-la. Isso deixou evidente a dificuldade provocada pela utilização do bambu, uma vez que o material adquirido foi deixado em abandono por anos após a interrupção da obra por conta da ausência de nativos da ilha que possuíam conhecimento para utilizá-lo de maneira correta. Consequentemente, a problemática referente ao projeto aratu é a utilização do discurso de sustentabilidade com utilização de técnicas tradicionais quando, na realidade, trata-se apenas de uma forma de construir inacessível tanto em termos financeiros quanto relativos ao saber-fazer popular da comunidade. Na prática, apresenta-se como uma “gourmetização” da técnica, sendo necessário um maior cuidado nos discursos de justificativa para utilização da mesma em comunidades tradicionais e populares.

A técnica da taipa de mão fruto do saber-fazer dos nativos da Ilha Mem de Sá é caracterizada pela utilização de materiais acessíveis, encontrados em localidades próximas, e que sejam de fácil manuseio. A população da ilha não possui conhecimentos para o fácil manuseio e execução da técnica com a substituição das madeiras nativas pelo bambu. A execução de uma técnica sem o domínio do conhecimento acerca do material a ser utilizado poderá gerar problemas futuros causados por má execução ou possível incompatibilidade de materiais. Em vista disso, a utilização do bambu surge como uma descaracterização do saber tradicional.

CASA DE SEU SALVADOR

Seu Salvador é o taapeiro tradicional da Ilha Mem de Sá que ainda exerce a profissão, com isso, dentre os entrevistados foi o que se expressou com maior paixão e apreço pelas casas de taipa e pelo modo construtivo em si. A casa em que mora atualmente é em taipa de mão e mesmo que esteja construindo uma nova casa em alvenaria para morar com a família, declara que não irá abandonar nem tampouco demolir a casa de taipa: “sempre digo à minha esposa, eu tô[sic] construindo ali na frente, ela vai pra lá e eu fico aqui”.

A casa possui mais de 45 anos de existência, tendo sido construída pela prefeitura de Itaporanga d’Ajuda, em terreno da avó de Seu Salvador, para ser utilizada como escola para a ilha. Com a construção da nova escola, em alvenaria, a casa de taipa ficou em posse da família dona do terreno em que estava instalada e dessa forma se tornou a moradia de Seu Salvador e sua família. A casa foi construída seguindo os processos construtivos tradicionais da taipa de mão: varas de madeira amarrada com cipós e preenchidas com barro da região. Porém, é perceptível a utilização de madeira de melhor qualidade, em comparação com as casas anteriormente analisadas.

“Antigamente a gente amarrava com cipó, como essa casa daqui. Ela é amarrada de cipó, as varas. Não é de prego, não é de arame. Com o cipó também ela é mais resistente né. O arame e o prego, como aqui é a região de água salgada, ele enferruja logo cedo. Enferruja e se decompõe logo cedo. E o cipó não, o cipó tem aqui 45 anos. Essa casa e o cipó ele tá em forma ainda.” (SEU SALVADOR, 2020)

Seu Salvador declara diversas vantagens da casa de taipa, dentre elas a segurança construtiva. Declarando ser mais segura do que as casas de alvenaria porque “a casa de bloco rachou, pendeu[sic], ela cai e a casa de taipa não, ela pendendo[sic], rachando, ela tem uma grande resistência, não cai assim fácil”. Ao ser questionado se optaria por comprar uma casa de bloco ou uma casa de taipa, ressalta novamente a segurança construtiva para justificar a escolha da compra da casa de taipa. Apesar disso, assume que a casa de taipa é bastante trabalhosa para ser construída.



Figura 118: Vista frontal da Casa de Seu Salvador.
Fonte: Dayane Félix, 2020.



Figura 119: Lateral da casa.
Fonte: Dayane Félix, 2020.



Figura 120: Detalhe gaiola estrutural da casa.
Fonte: Pedro Murilo, 2020.



Figura 121: Lateral da casa.
Fonte: Dayane Félix, 2020.



Figura 122 e 123: Vistas de um dos quartos da Casa de Seu Salvador.
Fonte: Dayane Félix, 2020.

Figura 124 e 125: Vistas da Sala da Casa de Seu Salvador.
Fonte: Dayane Félix, 2020.



Figura 126: Cozinha da Casa de Seu Salvador.
Fonte: Dayane Félix, 2020.
Figura 127: Porta da cozinha e banheiro externo aos fundos.
Fonte: Dayane Félix, 2020.

“É muito trabalhoso. É muito trabalhoso porque ela tem mais trabalho[sic] do que a casa de alvenaria. Porque você tem que tirar as madeiras no mato, tem a madeira de fincar que a gente chama esteio na casa de taipa, na casa de alvenaria chama-se coluna e na casa de taipa a gente chama de esteio, que é as madeiras que fica fincado[sic] no solo. E tem os enchimentos que são as madeiras que ficam na vertical e tem as varas que ficam na vertical[sic] (horizontal), que tem que tirar que é[sic] as mais finas e as mais grossas. E os caibros e as ripas também que não era dessas ripas daqui, essas ripas daqui foi[sic] que eu já mudei depois, que a própria ripa também era do mato, era da madeira de biriba, a gente tirava as taliscas e fazia ripa que é muito resistente também.” (SEU SALVADOR, 2020)

Na entrevista também foi possível entender que a taipa de mão possui uma importância cultural para a comunidade da Ilha Mem de Sá por conta da movimentação que era gerada tanto na ilha como nas comunidades do entorno para a tapagem. Ressalta também que esses momentos eram importantes para a transmissão do saber-fazer da técnica de uma geração para as mais novas. E, portanto, pelo abandono da técnica, esse momentos de interação e transmissão de conhecimento não acontecem mais.

“O mutirão era a comunidade toda né. Vamos supor, aí articulava o povo, chamava o povo, pela manhã ou uma semana antes de acontecer né[sic passim]. E quando tava[sic] envarando né, botando as varas... Aí dizia quando passava ‘quando é que vai ter a tapagem?’ aí o pessoal ‘tal dia, tal dia, tal dia do mês vai acontecer’ aí o pessoal já ficava sabendo né, aí isso era uma grande importância pra eles né, na minha época. Na época do meu pai, pessoal ficava animado, ia acontecer aí já passava pra outra comunidade também que é aqui vizinho, Povoado Costa. Tem muita gente também que trabalha com casa de taipa, tem casa de taipa ainda, são poucas, mas ainda tem alguém que tem casa de taipa. E lá tem muita gente também que trabalha com casa de taipa, senhores, jovens...” (SEU SALVADOR, 2020)

A paixão de Seu Salvador pela casa em que mora possibilitou a autorização para um levantamento cadastral mais preciso e um levantamento fotográfico mais completo da edificação. Com isso foi possível analisar diversos pontos da casa. Quanto a manutenção, o morador informa que não foi possível realizar recentemente por conta da poeira que seria gerada, mas planeja fazer uma manutenção completa e troca do telhado quando a sua família se mudar para a casa de alvenaria.

Além das madeiras de melhor qualidade na estrutura do telhado, é possível perceber um diferencial importante na casa do Seu Salvador: a casa foi construída por cima de uma fundação de pedras calcárias que eleva o nível da casa em relação ao solo. Isso faz com que a mesma seja mais resistente em relação à umidade. As casas analisadas anteriormente não apresentam fundação de pedras e os moradores relatam problemas com umidade e infestação de animais, como ratos, por meio do solo. Os revestimentos das paredes exteriores apresentam adições de material cimentício que, apesar de proteger a parede funciona apenas como um paliativo por ser um material incompatível com o barro do preenchimento das paredes de taipa. Um depósito construído aos fundos do terreno de Seu Salvador também foi construído em taipa de mão.



Figura 128: Acesso da cozinha para a sala da casa.

Fonte: Dayane Félix, 2020.



Figura 129: Detalhe do telhado.

Fonte: Dayane Félix, 2020.

134

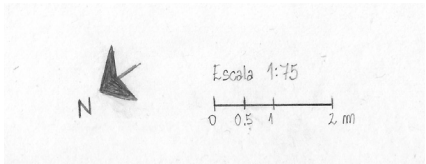
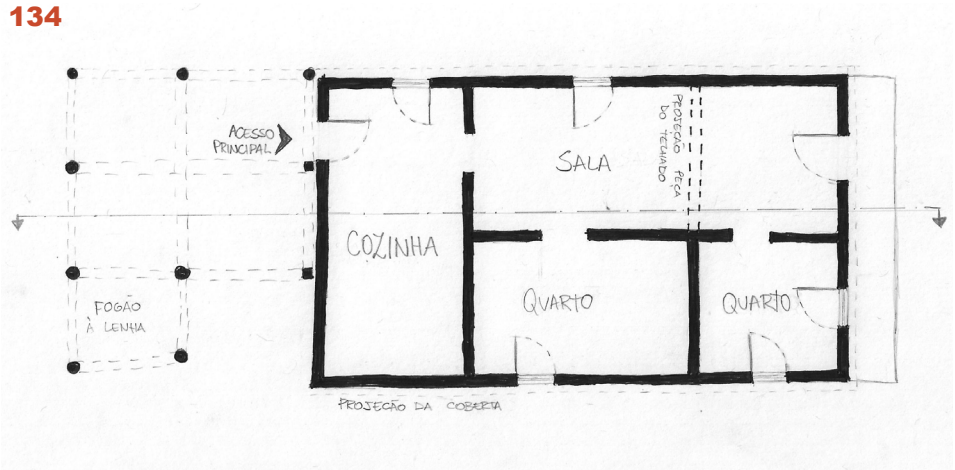


Figura 134: Planta baixa da Casa de Seu Salvador.

Fonte: Dayane Félix, 2020.

Figura 130: Vista da parte no fundo da Casa de Seu Salvador.

Figura 131: Depósito em taipa de mão aos fundos da Casa de Seu Salvador.

Fonte: Dayane Félix, 2020.



135

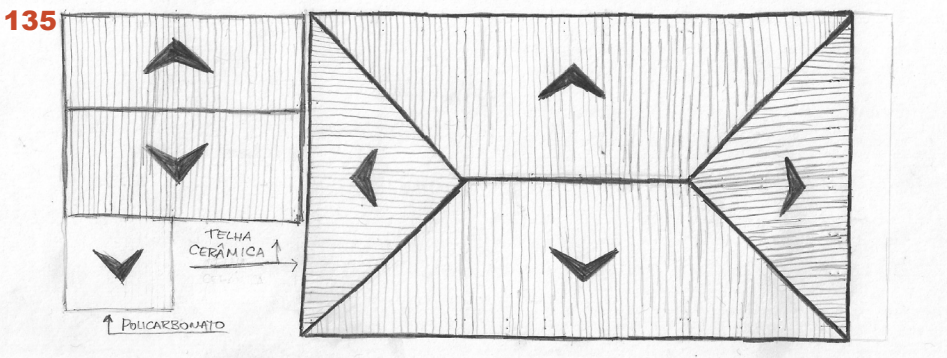


Figura 135: Planta de cobertura da Casa de Seu Salvador.

Fonte: Dayane Félix, 2020.

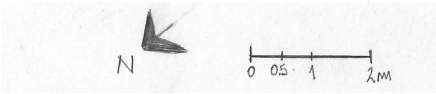


Figura 132: Detalhe da parede externa.

Fonte: Dayane Félix, 2020.



Figura 133: Detalhe da fundação de pedras calcárias.

Fonte: Dayane Félix, 2020.

136

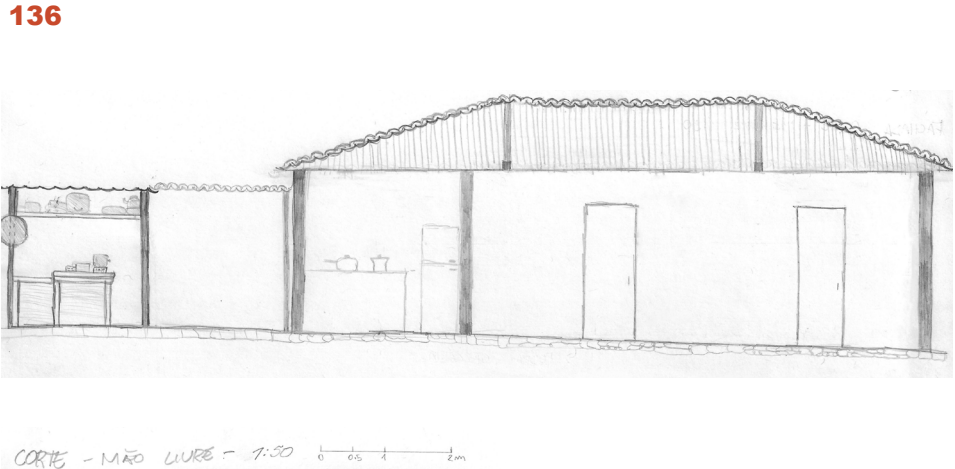


Figura 136: Corte esquemático da Casa de Seu Salvador.

Fonte: Dayane Félix, 2020.

CASA DE FARINHA

A casa de farinha é uma construção recente da Ilha Mem de Sá, construída para ser uma espécie de museu para rememorar as antigas casas de farinha que existiam na região. A casa foi construída pelo Seu Salvador que declara que a escolha da técnica construtiva foi pessoal, já que pediram para que ele construísse a casa de farinha com alvenaria e ele afirmou que só construiria se fosse em taipa porque antigamente as casas de farinha eram construídas em taipa, do modo que está lá construída: estrutura de madeira, fechamento com taipa de mão e cobertura com palha. No interior da casa de farinha foi construído um forno e equipamentos originais que ainda estão em uso.

“Eu construí de taipa porque antigamente também as casas de farinha eram de taipa, aí o cara queria que eu fizesse de bloco que era mais rápido pra levantar e era menos trabalho ai eu digo ‘não, mas eu vou fazer é de taipa’ e isso ai revela o tempo passado né, que era de taipa, de taipa e palha, como é ali.” (SEU SALVADOR, 2020)

Figura 137: Vista Frontal da Casa de Farinha de Seu Salvador.
Fonte: Dayane Félix, 2020.



Figura 138: Vista Lateral da Casa de Farinha de Seu Salvador.
Fonte: Dayane Félix, 2020.



Figura 141: Forno da Casa de Farinha de Seu Salvador.
Fonte: Pedro Murilo, 2020.



Figura 139: Parte dos fundos da Casa de Farinha de Seu Salvador.
Fonte: Dayane Félix, 2020.

Figura 140: Vista externa da da Casa de Farinha de Seu Salvador..
Fonte: Dayane Félix, 2019.



Figura 142: Prensa da Casa de Farinha de Seu Salvador.
Fonte: Pedro Murilo, 2020.

Figura 143: Vista interna da Casa de Farinha de Seu Salvador.
Fonte: Pedro Murilo, 2020.

PROJETO ARATU

A crescente procura pelas atividades de turismo, lazer e veraneio na Ilha Mem de Sá fez com que olhares acadêmicos fossem voltados para essa comunidade e parcerias fossem firmadas entre instituições de ensino superior do estado: Instituto Federal de Sergipe (IFS) e Universidade Federal de Sergipe (UFS), a Associação de Moradores de Ilha Mem de Sá e a Prefeitura de Itaporanga d'Ajuda. Com essa parceria, diversos estudos e projetos foram e estão sendo elaborados utilizando a Ilha como objeto de estudo e laboratório de experimentações práticas.

Um dos projetos que ganharam mais destaque e repercussão na história da Ilha Mem de Sá foi o denominado como o Projeto Aratu, vencedor do edital 2013 do Programa Integração Petrobras Comunidades. Esse edital implica em um aporte financeiro que foi disponibilizado para o Projeto Aratu realizar as atividades propostas na inscrição do projeto “que visa a implantação de uma cooperativa de turismo e infraestrutura básica receptiva com objetivo de fortalecer as atividades, produtos e serviços ecoturísticos, desenvolvido em parceria com o Instituto Federal de Sergipe - IFS”. (SANTOS e ALEXANDRE, 2015 apud ALEXANDRE, 2018)

Para tanto, o projeto tinha como produto final a instalação de três módulos construídos para serem a base receptiva da Cooperativa Aratu. Em entrevista realizada por Lilian Alexandre e disponível em sua tese de doutorado denominada “(Re) invenção do Turismo de Base Comunitária no Litoral Sul Sergipano: turismo e economia criativa como elos de gestão participativa”, a coordenadora pedagógica do projeto Aratu declara que:

“O projeto Aratu termina o ciclo com a bioconstrução da base receptiva da Cooperativa Aratu. Até lá e mesmo depois, continuaremos trilhando juntos, com a associação e a comunidade, para valermo-nos do turismo como instrumento de transformação social e empoderando pessoas, transformando economicamente, resgatando valores, gerando autonomia e conectando realidades.”

A intenção exposta no parágrafo anterior não foi colocada em prática, porque mesmo com o investimento financeiro da Petrobrás para o projeto, os coordenadores desse projeto alegaram não ter sido o suficiente para dar prosseguimento à construção dos módulos, o que acarretou em sérios conflitos do Projeto Aratu junto à comunidade da Ilha Mem de Sá como também em relação a outros órgãos que estavam sendo parceiros desse projeto. Em relação à técnica construtiva aplicada nos módulos, a coordenadora pedagógica do projeto afirma que:

“a bioconstrução da cooperativa será um momento de rememorar algumas práticas tradicionais. Momento de aprender, ensinar, aplicar tecnologias sociais e ambientais, além de continuarmos exercitando o fortalecimento de nossos laços e de nossa rede, engajando e expandindo o conceito de comunidade.”

O Ministério do Meio Ambiente lançou em 2008 uma cartilha criada para os cursos de bioconstrução ministrados pelo Programa de Apoio ao Ecoturismo e à Sustentabilidade Ambiental do Turismo (PROECOTUR). A publicação tem objetivos que reforçam a intenção exposta na fala da coordenadora do projeto Aratu.

“O Curso de Capacitação em Bioconstrução tem por objetivo estimular a adoção de tecnologias de mínimo impacto ambiental nas construções de moradias ou

equipamentos turísticos comunitários, por meio de técnicas de arquitetura adequadas ao clima, que valorizem a eficiência energética, o tratamento adequado de resíduos, o uso de matérias-primas locais, aproveitando os conhecimentos e saberes gerados pelas próprias comunidades envolvidas.” (BRASIL, 2008, p.05)

A publicação também traz um capítulo que mostra a valorização da arquitetura tradicional como um dos pré-requisitos da bioconstrução por conta da utilização de materiais locais e a preocupação com o clima e o meio ambiente. O projeto de construção da sede da cooperativa do Projeto Aratu utilizou o bambu como material estrutural. Considerando que o bambu não é uma matéria prima encontrada no território da Ilha Mem de Sá, questiona-se a intenção do projeto ao afirmar que utilizaria a bioconstrução dos módulos da cooperativa e, por fim, terem utilizado materiais construtivos que, além de aumentarem os custos da obra por terem sido adquiridos em outro local, ainda demandam a contratação de mão-de-obra especializada, em detrimento da utilização do saber-fazer popular e tradicional encontrado na ilha.



Figura 144: Módulo de bambu, Projeto Aratu, Ilha Mem de Sá, Itaporanga d'Ajuda, Sergipe. Fonte: Márcio Pereira, 2017.

Figura 145: Projeto da Cooperativa Aratu. Fonte: Divulgação Projeto Aratu no Facebook, 2016.

Como mencionado anteriormente, o projeto não foi finalizado com alegações de falta de recursos, gerando um clima de conflito e desconfiança na comunidade da Ilha Mem de Sá em relação ao Projeto Aratu, finalizando assim a referida parceria. A obra foi interrompida e permaneceu do mesmo modo de 2017 até meados de 2019 quando a Associação de Moradores da Ilha Mem de Sá entrou em contato com o Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Sergipe (Trapiche-UFS) com a intenção de solicitar auxílio técnico para continuação da obra. O projeto altera o uso proposto para o espaço que antes seria implantado uma cooperativa e atualmente fará parte de uma área de camping. O novo uso foi sugerido pela própria associação dos moradores por entenderem que o camping seria mais viável e traria retornos financeiros para a associação.

A obra foi retomada na ocasião do evento Mambembe Mem de Sá, realizado na ilha em dezembro de 2019. O prosseguimento da mesma deu-se ao fato de que a Associação dos Moradores da Ilha Mem de Sá gostaria de aproveitar a presença dos cerca de 50 estudantes de Arquitetura e Urbanismo que estavam no evento na ilha para que pudesse ser feito o mutirão de tapagem do módulo, tendo em vista que com essa quantidade de pessoas em soma com os moradores da ilha o preenchimento das paredes com o barro amassado seria feito com maior agilidade. Seu Salvador ressalta a importância do evento por ter sido possível que a comunidade, principalmente os moradores mais jovens, pudesse vivenciar um mutirão de tapagem – coisa que há muitos anos não é mais realizada na ilha.

Em conversa com o tradicional taapeiro da Ilha Mem de Sá, Seu Salvador, o mesmo expõe que a retirada de madeiras da vegetação próxima faz parte do processo construtivo tradicional da taipa, sendo assim, o simples fato da obtenção dos bambus em outro estado já implica na perda de parte da prática construtiva aplicada tradicionalmente na ilha. O bambu também foi utilizado na trama interna das paredes por ser um material que já tinha sido adquirido e estava apodrecendo ao ar livre durante mais de dois anos. Para “amarração” dessa trama foram utilizados pregos, parafusos e cordões de sisal para garantir uma maior velocidade na execução. Contudo, Seu Salvador reforça que o ideal seria que fossem amarradas com cipós, haja vista que a água da ilha é salgada e, portanto, poderá corroer e fragilizar a estrutura com o passar do tempo.

Por fim, as críticas e questionamentos expostos nesse trabalho estão voltadas não para o conceito de bioconstrução em si, mas sim ao fato de terem se utilizado desse discurso de bioconstrução em teoria, como justificativa para a construção com bambu, porém deixando de lado o saber-fazer tradicional na prática. Ressalto que a bioconstrução é um campo importante, devendo ser valorizado e incentivado, no entanto é necessário ter em mente que a arquitetura tradicionalmente executada no local é um dos importantes fatores a serem considerados. A utilização do bambu, no contexto da Ilha Mem de Sá, entra em contraponto com o discurso da “bioconstrução para rememorar algumas práticas tradicionais” no momento em que se trata de um material exótico à ilha e, em vista disso, os moradores da ilha não dominem técnicas construtivas com a utilização do mesmo.



Figura 146: Abandono dos bambus comprados pelo Projeto Aratu.

Fonte: Márcio Pereira, 2017.

Figura 147: Retomada da obra com fechamento do pau-a-pique em bambu.

Fonte: Dayane Félix, 2019.



Figura 148 e 149: Retomada da obra com fechamento do pau-a-pique em bambu.

Fonte: Dayane Félix, 2019.



Figura 150: Homens da Ilha Mem de Sá executando a tapagem do módulo.

Fonte: Dayane Félix, 2019.

3.3. ANÁLISES CONCLUSIVAS

Com os pontos e problemáticas questionados e analisados nos capítulos anteriores em relação à técnica da taipa de mão em Sergipe, o estudo realizado na Ilha Mem de Sá foi um importante recorte geográfico para ser analisado pois com ela foi possível entender os contextos em que a taipa está inserida, assim como quais as intenções e objetivos que justificam a utilização da técnica.

A taipa de mão é considerada tradição ao ser caracterizada por um conhecimento transmitido de gerações para gerações por meio dos mutirões de execução das obras. Mas, desde o princípio a taipa foi utilizada por ser uma técnica que utiliza materiais de construção encontrados na natureza e que são de fácil manuseio, então, atualmente é possível encontrar diversos exemplares em que a taipa de mão foi empregada não somente pela manutenção da história e sim por ser a única solução construtiva acessível financeiramente para algumas comunidades.

Por ser um conhecimento transmitido pela oralidade e que necessita de mobilização popular de uma comunidade em prol de uma determinada obra, esse saber-fazer está se perdendo e, com isso, foram encontradas dificuldades na execução e, principalmente, na manutenção das edificações construídas com a técnica da taipa. O abandono desse saber-fazer popular implica na precarização das moradias já existentes e também das novas que poderão surgir.

É preciso levar em consideração os motivos que levam a substituição e destruição desses exemplares como também as justificativas para construção de novas edificações com a técnica da taipa de mão. Por um lado, o apelo estético e o desejo de progresso e evolução construtiva faz com que muitas famílias que possuíam melhores condições financeiras substituíam as suas casas de taipa por casas de alvenaria. Em contrapartida, no âmbito acadêmico-profissional da área da construção civil existe um incentivo à construção de edificações com taipa de mão por conta dos benefícios estruturais (citados no primeiro capítulo) e da busca pela sustentabilidade nas técnicas.

Na Ilha Mem de Sá podemos encontrar diversas dessas justificativas citadas. Os moradores José de Almeida e Zé Carlos afirmam estarem morando em casas de taipa de mão somente por não possuírem condições financeiras o suficiente para reconstruírem as suas casas, sendo a taipa a única opção ao alcance de suas famílias. Por um outro lado, o morador Seu Salvador, taipeiro da região, considera a taipa como parte fundamental da história da ocupação na Ilha e, portanto, acredita que os exemplares inda existentes precisam ser mantidos para que a tradição não seja abandonada.

A crescente busca por técnicas construtivas sustentáveis pode causar um fator reverso se for utilizada em comunidades tradicionais sem o devido estudo, como no caso do Projeto Aratu que poderia ter sido projetado e construído em conjunto com os taipeiros da comunidade, de acordo com os processos construtivos autenticamente tradicionais, utilizando os materiais que os mesmos dominam o manuseio. Pois, dessa forma, poderia servir como pontapé inicial para que o saber-fazer referente a todas as etapas construtivas da taipa de mão tradicional fosse transmitido para as novas gerações e também incentivado para que a transmissão para as gerações futuras fosse mantido. A utilização da taipa de mão com bambu, por mais que aparenta ser uma boa intenção, acaba por gerar a ilusão na comunidade que a taipa de mão só é válida, bela e eficiente se for

construída com esses materiais de construção, visto que, as suas casas tradicionais são consideradas submoradias, precárias, abrigo de insetos e doenças.

A partir desse estudo foi possível chegar em uma síntese das diversas possibilidades de utilização da taipa, assim como temáticas diversas para estudos futuros mais aprofundados, a exemplo:

- A taipa enquanto saber-fazer popular em abandono: podendo ser analisado a partir das falas de Seu Salvador, taipeiro da Ilha Mem de Sá;

- A taipa enquanto única solução construtiva possível para moradias de populações de baixa renda: como os exemplares de taipa que são moradias de pessoas com menor poder aquisitivo;

- A taipa como autenticação da marca do tempo no espaço: como as edificações encontradas em São Cristóvão que remetem à ocupação do território no período colonial;

- A taipa como técnica construtiva símbolo de uma função: podendo ser verificada nos diversos exemplares de casas de farinha existentes no Estado de Sergipe e que utilizam a taipa como técnica construtiva;

- A taipa como componente de uma paisagem cultural rural sergipana: verificada nos diversos exemplos de construções antigas em taipa que são mantidas por compor uma paisagem cultural que não deve ser modificada para evitar a não-identificação dos moradores com o espaço em que vivem.

Desse modo, percebemos que quando se fala em reconhecimento da taipa em Sergipe é imprescindível analisar a existência da necessidade urgente de preservação do saber-fazer popular para que exista uma melhoria na qualidade tanto das moradias já existentes e que necessitam de manutenções periódicas como também nas construções novas. Essa preservação também leva à preservação da paisagem cultural rural sergipana, preservando a memória afetiva e história dessas populações.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolvimento dos estudos foi possível perceber que a taipa de mão é utilizada no Brasil desde o período colônia, sendo uma técnica formada pelo misto de influências indígenas, africanas e portuguesas. Desde então, a mesma possui importância em diversos aspectos. Na historiografia da arquitetura brasileira, a técnica apresenta diferentes valores como o valor local, técnico e histórico, sendo utilizado como autenticador para tombamento e preservação de bens culturais.

O trabalho realizado se apresenta como uma documentação com diagnóstico da atual situação da aplicação e valorização da técnica da taipa de mão em Sergipe, com foco no recorte geográfico estudado: a Ilha Mem de Sá. Dessa forma, foi possível entender as motivações que levam ao abandono e substituição das casas populares em taipa de mão. Essas inúmeras residências populares e simples construídas em taipa de mão não são reconhecidas pelos órgãos legais como patrimônio mesmo que as mesmas configurem a manutenção do saber fazer da técnica tradicional da taipa de mão.

Além disso, as mesmas são muitas vezes consideradas pelos governos como submoradias e as políticas de erradicação agem nessas edificações com o único objetivo de destruí-las ao invés de implantar ações de conservação, salvaguarda e principalmente melhoria dessas edificações para torná-las tão duráveis, salubres e valorizadas em termos de patrimônio e sociedade quanto outros exemplares que estão localizados em centros históricos ou que representam uma noção de antiguidade e nostalgia.

Mesmo com o crescente movimento pela sustentabilidade das edificações gere novas edificações com a técnica, essa retomada da taipa de mão por pessoas com boas condições financeiras não exclui o conceito de que as casas rurais e periféricas construídas com a mesma técnica e de maneira tradicional, frutos do saber-fazer popular, são sinônimos de atraso e pobreza. Fica evidente que o estigma está diretamente atrelado à classe social a qual os donos das casas de taipa estão inseridos. Enquanto casas populares são alvo de políticas públicas de erradicação, casas construídas por pessoas privilegiadas socialmente e financeiramente são preservadas e até incentivadas com a justificativa de sustentabilidade e até mesmo de "retomada das técnicas tradicionais."

Pelo caráter diagnóstico e documental do trabalho, as soluções que serão apresentadas envolvem a proposição de trabalhos futuros que podem ser realizados tanto na comunidade da Ilha Mem de Sá como também em outras comunidades do estado. Uma solução estratégica para a problemática exposta em todo esse trabalho é a educação patrimonial, iniciando por incentivar a mobilização das comunidades para que conheçam a importância dos patrimônios e busquem identificar referenciais culturais que a representam e que poderão ser selecionados para documentação, salvaguarda e preservação.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) elaborou diversos manuais para auxiliar esse trabalho, como por exemplo o "Inventário Nacional de Referências Culturais" (INRC) desenvolvido em 2012 e o manual de aplicação "Educação Patrimonial: inventários participativos" de 2016. Usando esses manuais como referenciais, um trabalho futuro que poderá ser realizado na

Ilha Mem de Sá é a produção de inventários participativos para pesquisar, conhecer, documentar e preservar a técnica da taipa de mão como parte da cultura da ilha.

Para preservar a técnica da taipa de mão é necessário garantir que a transmissão do saber-fazer das gerações mais antigas para as mais novas assim como era transmitida até décadas atrás, garantindo assim que seja preservado o conhecimento autêntico da técnica. Em associação à educação patrimonial é preciso que sejam realizados trabalhos voltados para a assistência técnica das casas de taipa de mão que estão em condições precárias, visto que, apesar de ser uma técnica tradicional e de importância para história e memória construtiva da comunidade da ilha, essas condições geram prejuízos em relação à saúde dos moradores.

É importante ressaltar que a precariedade das atuais casas de taipa também está relacionada ao abandono gradual da técnica, visto que elementos importantes do processo construtivo estão se perdendo com esse desprezo em relação à técnica. Em vista disso, preservando-se a técnica evita-se a construção de casas precárias.

Portanto, acredita-se que seria importante a realização de trabalhos futuros para a realização de inventários participativos, ações de educação patrimonial e implantação de assistência técnica gratuita para as residências precárias.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB'SABER, A. N. et al. (Org.). **A época colonial**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993. (História Geral da Civilização Brasileira, 1). t. 1. v. 2.

ALEXANDRE, Lilian Maria de Mesquita. **(Re) invenção do Turismo de Base Comunitária no litoral sul sergipano: turismo e economia criativa como elos de gestão participativa**. 2018. 257 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2018. Disponível em: <http://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/7931>

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**: Art. 216.. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_05.10.1988/ind.asp. Acesso em: 21 fev. 2020.

_____. **Lei nº. 378, de 13 de janeiro de 1937**. Dá nova organização ao Ministério da Educação e Saúde Pública. Rio de Janeiro/Capital Federal, 1937.

_____. **Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937**. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Rio de Janeiro/Capital Federal, 1937.

_____. Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Extrativismo e Desenvolvimento Rural Sustentável. Departamento de Desenvolvimento Rural Sustentável. **Curso de Bioconstrução**. Texto elaborado por: Cecília Prompt - Brasília: MMA, 2008.

BELMONTE, Cristina. **This Stone Age settlement took humanity's first steps toward city life**. [S. l.], 26 mar. 2019. Disponível em: <https://www.nationalgeographic.com/archaeology-and-history/magazine/2019/03-04/early-agricultural-settlement-catalhoyuk-turkey/>. Acesso em: 14 ago. 2019.

BIERRENBACH, Ana Carolina de Souza. Conexão Borsói-Bardi: sobre os limites das casas populares. **Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online)**, n. 7, p. 49-61, 1 jan. 2008.

BO BARDI, Lina. **Ao "limite" da casa popular**. *Mirante das Artes* (2), p. 21, 1967.

BORSOI. Acácio Gil. **Cajueiro Seco**. *Mirante das Artes* (2), p. 21-23, 1967.

CANTEIRO, F.; PISANI, M.A.J. **Taipa de mão: História e Contemporaneidade**. Ensaios, v.1, n.2, p.1-21, out. 2006.

COINTERAUX, François. **École d'Architecture Rurale, Premier Cahier**. Segunda edição. Paris, 1793. Disponível em: <https://bityli.com/XsDvj>. Acesso em: 18 de agosto de 2019.

COLIN, Silvio Vilela. **Técnicas Construtivas do Período Colonial**. Disponível em: <https://bityli.com/xE0ZC> (Acesso em 25/06/2019)

COSTA, Lucio. “**Documentação Necessária**”. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 01, Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde: Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1937, pp 31-39.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA (EMBRAPA). Embrapa Tabuleiros Costeiros. **Plano de Manejo Reserva Particular do Patrimônio Natural do Caju**. Aracaju, 2013.

FERNANDES, Maria. A Taipa no Mundo. **digitAR: Revista Digital de Arqueologia, Arquitectura e Artes**, Coimbra, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316.2/9120>. Acesso em: 13 ago. 2019.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Minc-Iphan, 2005, 295p.

FRANCO, José Tomás. **A natureza fazendo arquitetura: as construções do João-de-barro**. [S. l.], 20 jan. 2017. Disponível em: <https://bityli.com/C1kWd>. Acesso em: 16 ago. 2019.

FUNDAÇÃO NACIONAL DA SAÚDE (FUNASA). **Elaboração de projeto de melhoria habitacional para o controle da doença de chagas**. Fundação Nacional de Saúde. — Brasília: Funasa, 2013.

IPHAN. **Inventário Nacional de Referências Culturais: manual de aplicação**. Apresentação de Célia Maria Corsino. Introdução de Antônio Augusto Arantes Neto. Brasília: Iphan, 2012.

_____. **Educação patrimonial: Inventários participativos. Manual de Aplicação**. Texto de Sônia Regina Ramping Florêncio et al. — Brasília: 2016.

SANTIAGO, Cybèle Celestino. **O solo como material de construção**. 2 ed., rev. Salvador: EDUFBA, 2001.

MAYUMI, Lia. **Taipa: canela-preta e concreto: estudos sobre o restauro de casas bandeiristas**. Apresentação Carlos Lemos. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2008.

MILANEZ, Álvaro. A Casa Rural Brasileira - Sugestões para um programa de melhorias. **IV Congresso Nacional de Município**, Rio de Janeiro/RJ, 1957.

MILANEZ, Álvaro. **Casa de Terra – As técnicas de Estabilização do Solo a Serviço do Homem do Campo**. Serviço Especial de Saúde Pública. Ministério da Saúde. Rio de Janeiro, 1958.

OLENDER, Mônica Cristina Henriques Leite. **A técnica do pau-a-pique: subsídios para a sua preservação**. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA/PPGAU, 2006.

PISANI, Maria Augusta Justi. Taipas: a arquitetura de terra. **Revista Sinergia**, São Paulo, p. 09-15, 1 jan. 2004.

PONTE, Maria Manuel Correia Costa. **Arquitetura de terra: o desenho para a durabilidade das construções**. Dissertação de Mestrado. Coimbra, 2012.

POST, Frans. **Praefecturae Paranambucae pars Borealis, uma cum Praefectura de Itamaracã**. 1647. Gravura em metal, 45 x 55,5 cm. Disponível em: <https://www.brasilianaiconografica.art.br/obras/18306/praelecturae-paranambucae-pars-borealis-uma-cum-praelectura-de-itamaraca>. Acesso em: 26 ago. 2019.

RODRIGUES, José Wasth. A casa de moradia no Brasil antigo. In: FAUUSP E MEC-IPHAN. **Arquitetura Civil I: Textos Escolhidos da Revista do IPHAN**. São Paulo: Resenha Tributária, 1975.

RUGENDAS, Johann Moritz. **Viagem pitoresca através do Brasil**. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1979.

SMITH, Robert C. Arquitetura Civil no período colonial. In: FAUUSP E MEC-IPHAN. **Arquitetura Civil I: Textos Escolhidos da Revista do IPHAN**. São Paulo: Resenha Tributária, 1975.

TOLEDO, Benedito Lima de. “**Bem cultural e identidade cultural**”. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 20, Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde: Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1984, pp 29-32.

_____. Antecedentes Portugueses; Morfologia das Cidades; Antecedentes da Arquitetura dos Jesuítas no Brasil; Anexo; Arquitetura Franciscana; Arquitetura Beneditina; Arquitetura Civil. In: ZANINI, Walter (Org.). **História Geral da Arte no Brasil**. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles, 1983. pp. 103-163; 255-266. (Inclui Notas e Bibliografia).

VASCONCELLOS, Sylvio de. **Arquitetura no Brasil: sistemas construtivos**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1979.

VAUTHIER, L. L. Casas de Residência no Brasil: Carta III. In: FAUUSP E MEC-IPHAN. **Arquitetura Civil I: Textos Escolhidos da Revista do IPHAN**. São Paulo: Resenha Tributária, 1975.

_____. Casas de Residência no Brasil: Carta IV. In: FAUUSP E MEC-IPHAN. **Arquitetura Civil I: Textos Escolhidos da Revista do IPHAN**. São Paulo: Resenha Tributária, 1975.

WEIMER, Günter. **Arquitetura popular brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WILLY, Boesiger (ed.). **Le Corbusier - Œuvre complète Volume 4: 1938-1946**. 14. ed. Basel: Birkhäuser Verlag, 1995.

HABITAR/HABITAT: Casa Sertaneja. Direção: Paulo Markun e Sérgio Roizenblit. Fotografia de Sérgio Roizenblit. [S. l.]: Sesc TV, 2013. Disponível em: <https://sesctv.org.br/programas-e-series/habitar-habitat/?mediald=8d1188950f3ceffdf9d368fea111f7f6>. Acesso em: 5 maio 2019.

A “VINGANÇA” de Corisco. Canal “O Cangaço na Literatura”: Robério Santos, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FK1VmB0d508>. Acesso em: 6 mar. 2019.



APÊNDICE A - BASE PARA ENTREVISTA COM OS MORADORES

- Desde quando o(a) senhor(a) tem/mora nessa casa de taipa?
- E quando foi construída essa casa? O senhor(a) sabe?
- O(a) senhor(a) gosta de morar/ter uma casa de taipa?
- E o que não gosta?
- O(a) senhor(a) cuida da casa? Sabe cuidar?
- Dá trabalho pra cuidar?
- E sobre a técnica da taipa, a forma de construir, o que o(a) senhor(a) acha?
- O(a) senhor(a) gostaria/teria uma casa com outra técnica? Em alvenaria, tijolo, bloco?
- A casa de taipa, o(a) senhor(a) acha que possui algum valor?
- E se fosse vender essa sua casa hoje, acha que teria problemas por ser uma casa de taipa? Acha que o povo compraria?
- E se fosse comprar uma outra casa hoje em dia, compraria uma casa de taipa? Ou deixaria de comprar se fosse de taipa?
- Acha que é importante não derrubar as casas de taipa?
- A casa representa alguma coisa para o(a) senhor(a)? Qual a opinião sobre as casas de taipa?
- Antes as casas aqui eram construídas como? Em taipa mesmo?



APÊNDICE B – ENTREVISTAS TRANSCRITAS

ENTREVISTA COM A MORADORA A.

Tempo de gravação: aproximadamente 13 minutos

Entrevista realizada no dia 18 de janeiro de 2020

A.: É assim, ela foi abandonada porque a casa de taipa ela é muito trabalhosa né. Pra você fazer uma tapia você precisa tirar as madeiras, as varas, precisa envarar ela, depois que precisa envarar, você vai tapar. Ela é muito trabalhosa, pra uma pessoa só tapar é difícil, é muita gente, por isso que ela é trabalhosa.

D.: A senhora sabe quando ela foi construída?

A.: Assim, a data eu não lembro não. Mas essa casa ela tem mais de 30 anos.

D.: Sim, aí a senhora morou esse tempo nela?

A.: Morei. Morei muito tempo nela, foi mais de 30 anos.

D.: E aí a senhora deixou de morar nela... [interrupção]

A.: Não, assim, eu saí dela porque ela tava ruim e deixei ela lá. Mas é assim, a gente vai tirar ela, né. Vai tirar ela né, porque ela tá assim deformada, a gente vai tirar ela. Aí a gente deixa assim, guardar os materiais. Mas a gente tá em plano de tirar ela daí.

D.: Entendi, porque uma coisa que eu percebo também é que, não sei a senhora, mas algumas pessoas com quem eu tenho conversado, tem um apego a uma casa de taipa, sabe? Mesmo que tenham construído uma casa de alvenaria, geralmente ao lado.. [interrupção] Não quer derrubar a casa de taipa.

A.: Não, assim. Não, assim, eu não tive apego. Eu não derrubei ainda porque assim que a gente tem os material, muita coisa aí que tava espalhado pra guardar, aí a gente guarda aí, mas num derrubei por isso, mas a qualquer momento a gente vai tirar as telhas dela, e vai botar ela no chão.

D.: O que a senhora gostava da casa de taipa em si, assim, de quando morava nela?

A.: A casa de taipa assim, ela é fresca, ela é mais fresca que essa né. Muito mais fresca, só isso. Ela era mais fresca, um pouquinho do que essa.

D.: A senhora já falou do trabalho pra cuidar, quando morava dentro também era trabalhoso?

A.: Não, depois dela prontinha não. Depois dela prontinha não é trabalhoso não. Que assim a gente quando tinha ela prontinha ela toda rebocadinha, até embaixo a gente fez o piso assim de cimento, aí ela num.. . .. quando assim, se uma parede ficasse ruim, madeira de muito tempo, a gente ia fazer outra. Agora uma casa dessa aí, ela tem mais vida do que essa daqui. Uma casa dessa daí pra cair, minha filha, é muitos anos. Ela tem muito mais de 30 anos.

D.: Foi a senhora que construiu mesmo?

A.: Foi

D.: E aqui na ilha, tinha muitas casas de taipa?

A.: Tinha, era tudo de tapia. Depois aí, a gente colocou, todo mundo colocou... Colocou telha. Era de tapia. Essa casa, ela foi de tapia e a cobertura dela era de palha. Aí a gente mudamos, tiramos a palha e botamos telha, mas a cobertura dela era de palha.

D.: Aí todas na ilha assim eram assim?

A.: Eram, de tapia com palha.

D.: E foi mudando?

A.: Era. E é uma casa fresca. A casa de tapia com palha é fresca, é muito fresca. Aí ela era um chalé, essa casa era um chalé. Aí meu esposo transformou nessa daí. Mudou, cortou o ponto né, pra poder colocar telha né. Aí a gente morou muito tempo. Aí tinha mais, aí, acho que tinha um quarto pra esse lado de cá, tinha uma cozinha que era do lado de lá. Ela não era desse tamanho não, ela era maior. Era maior, tinha 2 compartimentos... 3 compartimentos. Aí esses 3 compartimentos derrubou né, pra fazer essa daqui.

D.: A senhora falou que todo mundo foi trocando a palha pela telha. Foi porque que isso foi acontecendo?

A.: Porque assim... Assim... a casa de palha você pode passar só o que, depois que você cobrir ela, se ela for bem coberta você passa uns dois anos, aí tem que mudar a palha. E a palha tem que cortar nos coqueiros, assim, quando o pessoal fazia tirada aí tirava um coco e derrubava as palha. Aí a gente ia tirar as palhas, ia coisar as palha, virar, todinha, pra depois cobrir a casa. Era uma casa, a casa de palha era muito trabalhosa.

D.: E tem que trocar né? Sempre..?

A.: É, de dois em dois anos, trocar. E se for mal coberta, se a palha for ruim é antes de dois anos. Aí, todo mundo quis...

D.: Aí depois que foi trocando pelas telhas também, foi construindo novas casas?

A.: Foi construindo novas casas.

D.: E teve algum motivo assim? Pra as pessoas irem trocando?

A.: Teve, assim. Na época, o pessoal assim, era.. assim, sem condições. Aí entrou um prefeito aí em Itaporanga, ele disse eu vou dar telha pra tirar as palha toda das casas. Aí ele deu.

D.: E pra construir as casas... Teve incentivo?

A.: Não, construir as casas foi os seus donos. É o pessoal já tava com as casas, foi só cerrar os pontos e botar as telhas, entendeu?

D.: Sim, mas assim, casa de tijolos? Pra sair dessas casas de taipa pras casas de tijolo?

A.: Essas daí num foi mais ninguém, foi os seus donos.

D.: Sim, mas aí teve alguma motivação, ou foi só...?

A.: Não, foi só o dono mesmo, o dono que teve que se interessar pra poder fazer.

D.: Então foi uma questão de interesse assim?

A.: É

D.: A senhora acha, que o pessoal que não é da ilha, que foi chegando mais, os que não são nativos, foram chegando, morando e foram construindo casas de alvenaria, foi também uma forma de incentivo assim? O pessoal via, as casas construídas...?

A.: Não, assim. O pessoal que não são nativos, eles vinham passear aqui na ilha e chegaram aqui e se apaixonaram pelas terras. Então, se apaixonou e aí o pessoal comprou. Comprou e eles mesmos fizeram suas casas.

D.: Aí as casas que eles fizeram já foi de tijolo?

A.: É, essas casonas aí é tudo de bloco

D.: E aí, o pessoal que era nativo que tinha casa de taipa foi trocando nessa época também?

A.: Na época, não. O pessoal daqui da ilha que já era daqui, aí o pessoal daqui já tinha trocado mesmo, eu mesmo já tinha feito minha casa.

D.: Entendi, então a senhora acha que não tem relação né?

A.: Não, não tem nada a ver com o pessoal que chegou. Quem chegou, cada um comprou sua terra e cada um fez sua casa. Tem nada a ver.

D.: As pessoas que construíam, por exemplo, na faculdade a gente costuma chamar de taipeiro, que é a pessoa que tem, que sabe construir as casas em taipa, assim, tem alguém que a senhora sabe que construíam?

A.: Quem construíam era os dono mesmo. As vezes era pessoa daqui que já mexia com uma obrzinha, aí a pessoa mandava fazer a casinha e era só armar as madeiras e os donos envarava a casa e o dono mesmo tapava. Aí só fazia mesmo, essa minha mesmo só fazia entrar o mestre pra botar essas peças aí, essas madeiras, as madeiras de dentro de casa, mas o restante foi a gente que fez, foi meu esposo. Aí depois acertou com o pessoal, fez o mutirão. Assim, o mutirão assim, a gente fez comida, aí fez mugunzá, arroz doce, aí convidou o povo num dia de sábado e tapou a casa.

D.: Os mutirões sempre aconteciam assim, né?

A.: É

D.: Chamava os amigos, família?

A.: É, que uma pessoa só pra tapar uma casa dessa assim num dava não, demora muito. Tapa, viu. Mas demora muito.

D.: É, eu tava aqui, quando a gente fez a tapagem do módulo de bambu, do camping.

A.: Depois é, você viu né, aquele pedacinho ali foi um mutirão de gente né. E uma casa é bem maior. Agora depois que tapa, aí... Quando tapa que fica... É... Assim, de palha é muito gostosa, muito boa, fresca, é muito boa. Essa casa era muito fresca.

D.: E se fosse pra senhora escolher assim, ter uma casa de taipa ou uma casa de bloco?

A.: Não, eu não quero mais casa de tapia não. Casa de tapia é muito trabalhosa. É muito trabalhosa. E hoje assim, diz que a gente num pode mais ter casa de tapia porque tem o barbeiro né? Aí eles ficam na rachinha da parede, aí não pode né. Só que minha casa aí na época era toda rebocada.

D.: Mas também se você for cuidando não racha né?

A.: É, mas..

D.: A senhora acha que assim, é importante manter essas casas de taipa como parte da história?

A.: Eu acho que não, assim, o pessoal acha que é uma boa história... Mas... Pra mim, acho que não.. Uma coisa muito trabalhoso... É muito trabalhoso casa de taipa.

D.: A senhora tem algum valor sentimental assim por ela?

A.: O que, essa casa? Eu não. Não me pego com nada, com bens materiais não.

D.: Entendi. Obrigada pela conversa.

ENTREVISTA COM O MORADOR ZÉ CARLOS

Tempo de gravação: aproximadamente 22 minutos

Entrevista realizada no dia 18 de janeiro de 2020

Dayane: Desde quando o senhor tem a casa?

Zé Carlos.: Essa aqui? Rapaz, essa casa aqui tem o que, na faixa de 30 e poucos anos, já. Porque minha filha mais velha já tem 29, nós já vivemos aqui em casa de taipa né. Diretamente na casa de taipa né. Agora foi porque aconteceu de fazerem essas outras de bloco e nós num tivemos condições ainda de fazer a nossa né. Mas essa já tem mais de 30 anos aqui essa taipa.

D.: Desde sempre veio morar aqui?

Z.C.: É, só na casa de taipa mesmo.

D.: E as casas aqui na ilha, antigamente..

Z.C.: Era tudo de taipa.

D.: Eu tava conversando ontem com Dona A., que ela tem a casa de taipa do lado ainda né. Aí ela tava falando que antes era tudo de taipa, que era forrado com palha.

Z.C.: Era, de taipa, era. De palha, coberta de palha, era. As vezes chovia, nós, quando pingava tinha que sair da cama, ficar de pé, pra esperar estiar pra não se molhar, botar um plástico em cima, pra pingueira não cair em cima. Hoje em dia, as graças de hoje tem um prefeito que muito deu a telha né, muito deu as telhas, foi que nós conseguimos cobrir de telha, mas nossa vida aqui sempre foi essa. Casa de taipa.

D.: E o senhor gosta de morar? Ter a casa de taipa?

Z.C.: Rapaz, eu gosto né. Porque na mente, nós até agora não tivemos nem condições de fazer uma e tem que ficar sempre nessa né. Até Deus ajudar que conseguir fazer uma né.

D.: E o que o senhor mais gosta assim da casa de taipa?

Z.C.: É, da casa de taipa... na mente, é bom né, porque nós num pode fazer nada... o trabalho é porque quando tem uma madeira ruim, tem que consertar né. E se fosse de bloco, a madeira era mais boa e não tinha conserto e a casa de taipa não, tem que sempre que fazer manutenção, porque se não... quando pensar que não, cai.

D.: E o que o senhor não gosta? Assim, daqui.

Z.C.: Pra mim não, o trabalho é bom. Porque se não trabalhar, nunca tem nada né, tem que sempre, tem que ajeitar, de todo jeito tem que ajeitar, porque o cara num vai ficar... deixar cair né, aí tem que gostar porque que goste que não tem que sempre viver debaixo.

D.: Então o senhor sempre cuida né?

Z.C.: É, tem que cuidar porque se não cuidar, vai morar onde?

D.: Aham, aí o senhor sabe cuidar mesmo? ou tem que chamar alguém?

Z.C.: Nãao! tem que pagar pra cuidarem né. É, tem que pagar, porque tem que pagar pra destelhar, pagar pra tirar uma madeira pra botar em cima, tem que ter o dinheiro pra pagar, porque condições não tem de fazer uma sim rápido pra poder sair dessa né, porque as vezes uma parede abre, aí já tá querendo cair, nós num pode, nós num tem condição de fazer porque pelo menos no caso, sou deficiente da perna, também não posso já com essa idade num posso tá lutando com madeira pra né, pra tirar madeira pra consertar né

D.: Então sempre tem que chamar alguém né. É fácil de encontrar?

Z.C.: Rapaz, de primeiro era fácil. Mas agora com esse negócio da ADEMA né empatando de tirar as madeiras, ficou mais difícil né

D.: É, a Adema tá agindo aqui né?

Z.C.: É, proibindo de tirar as madeiras né. Não quer que tire né. Aí as coisas tão ficando mais difícil pra gente que tem casa de taipa né. Porque não tem como tirar né, aí cada vez mais pra nós aqui que mora nessa casa de taipa, tá ficando difícil. Muitos que tem a casa de bloco, não tem precisão de tirar né. E aqui quasemente aqui só nós e alguma que tiver pra lá né. Porque se for no mangue, não pode, se for no mato não pode, então é uma coisa que não tá ficando bom pra gente só é isso, a morada da casa de taipa só tá ruim é isso porque num pode tirar um pau pra consertar. Se um pau do alpendre tiver querendo cair o cara num pode ir, só se for tirar nos escondido, pra num... num dia que eles não veja né

D.: Aí eles tão fiscalizando é?

Z.C.: É, eles sempre, sempre coisa que é pra empatar que é pra não tirar.

D.: O senhor acha que a casa é boa para o senhor?

Z.C.: Rapaz, é. Porque não tem outra né. Não tem outra, aí tem que... sempre tem que... ser boa. Ou caindo ou não, é boa né, porque pelo menos... tamo com a nossa família debaixo, é deixar de não correr o risco de acontecer alguma coisa né... De uma parede que Deus o livre cair, pelo de noite, assim. Como ali já tá tudo abrindo ali, o cara não tem condições de fazer a outra pra poder ficar debaixo, mais sossegado né. Porque no momento quando bate o inverno ai a ventania, chuva, e é muito arriscado né porque com criança dentro de casa né, é muito arriscado né, porque madeira,

essas madeira assim dá muito cupim, cupim, através do cupim come a madeira e a casa vai ficando fraca. Aí a pessoa tem que, ficar assim mesmo, até Deus quiser, e como disse que ia chegar o tempo de o prefeito fazer as casas de taipa que tinha ia fazer de bloco, deixa ver se um dia vai acontecer isso né, porque infelizmente condições até agora nós não tamo tendo de fazer não.

D.: E sobre a técnica, assim, a técnica que eu digo é a forma de construir em taipa, que é diferente de construir uma casa em bloco, por exemplo?

Z.C.: É, porque a de bloco, o cara vai, só que a de bloco vai ainda, quasemente vai gastar mais né, porque só o material vai gastar mais, mas a de taipa de primeiro era mais fácil, porque você chamava a comunidade e todo mundo vinha de ajudava a tapar né. Vinha, ajudava a tapar, ajudava a amarrar uma vara, porque ela é toda na vara né. E hoje em dia ninguém faz mais isso, for fazer uma casa de taipa aqui no caso, a pessoa vai tapar quasemente sozinho ou se a família vim ajudar. Porque povo de fora mais, num tão mais vindo ajudar ninguém, quem tem suas casas de bloco não vai querer vim tapar mais casa de taipa. E a casa de taipa, ela quando vai ficando velha, vai muitos insetos, vai juntando dentro, rato, essas coisa, aí num pode ver um buraco num pé de uma parede que eles entra e sendo que rato é perigoso né, rato é perigoso, aí eles cava no pé da parede, aí eles fazem um ninho e a casa de bloco não tem como eles se acumular né, cavar pra fazer a namorada dele, aí a casa de taipa é boa, mas é difícil é isso. Tem muita coisa que a pessoa também tem que se não zelar tem que jeito de evitar pra não acontecer problema né, eu digo, a casa de taipa é boa, mas quando ela começa a cair, se não tiver dinheiro pra pagar, pronto, aí o perigo é muito.

D.: E o senhor falou sobre prefeito ajudar né?

Z.C.: É, rapaz. Andaram falando aí, mas falam quando falam fazem em uns povoados e aqui queto, porque aqui só faz assim, só promete as coisas quando é no tempo da eleição né, tempo de eleição já sabe, eles num promete a vida porque não pode né, mas quando passa a eleição pronto.

D.: E o que o senhor acha que seria melhor, por exemplo, se dessem a garantia, garantissem pro senhor que iam fazer a manutenção da casa sempre, na casa de taipa ou a casa de alvenaria mesmo? O que o senhor escolheria?

Z.C.: Rapaz, eu preferia logo a casa de bloco né. Porque a de taipa de todo jeito sempre ela ia, com tempo com tempo sempre ela ia se arriar né, ia ficar do mesmo jeito que tá acontecendo. Porque é, no caso, aquela ali em cima já tá amarrada olhe, aí aquela peça ali, se aquela peça ali soltar, ela ali já vai arriar mais, aí vai ter que, vai ter um perigo né, e a de bloco não, a de bloco já tem mais garantia né. Aí a de bloco tem, se no caso, se tivesse uma de bloco aí quer dizer que batia inverno, trovão e nós não tava nem preocupado né. E uma casa dessa do jeito que essa daqui tá assim, com criança, faz até medo né. É isso que eu digo, que a madeira da serraria, quer dizer que é Massaranduba, essas madeiras, é mais forte que essa madeira, quer dizer que pode fazer o que for mas ela não apodrece assim fora. E a casa de taipa aqui, pra gente não tá bom... tá bom porque nós tamo de baixo, num tamo no que é dos outros né, mas se fosse uma de bloco seria melhor ainda pra nós.

D.: Em outras cidades, por exemplo, em São Cristóvão, tem algumas casas que são tombadas pelo patrimônio e elas são de taipa. E aí o pessoal lá reclama assim, de querer vender e não conseguir vender porque no papel tá escrito que é de taipa sabe? Aí o senhor acha que por exemplo, vamo dizer que fosse vender essa casa hoje, você acha que teria algum valor? Que o pessoal compraria?

Z.C.: Rapaz, aqui no caso, aqui a pessoa assim, podia comprar não por causa da casa. Era mais por causa do local, da morada né. Então, no caso, aqui nós já achemo muitos comprador, mas por causa de nós somo nascido e criado aqui nesse local, nós, como é, já acostumemo ne nosso lugar, então nós num tem assim vender pra sair pra local nenhum porque a pessoa acostumado viver num lugar desse, sossegado, pra vender pra ir pra outro lugar mais... perigoso ou em um lugar que nós num acostume porque eu vou fazer 50 anos e não tenho previsão de graças a Deus nunca tive interesse de vender aqui pra sair pra canto nenhum, assim mesmo sendo de taipa, mas... porque quem for comprar aqui num vai querer por causa da casa né, vai querer fazer outra mais né, porque aqui a area aqui é limpa, é aberta isso aí tudo, já tem o porto aqui tudo limpo né, aí quer dizer que o rico que vai oferecer um dinheiro aqui num vai ser por causa da casa, vai ser por causa da terra e por causa do local né, aí quer dizer que um rico vai querer morar numa casa dessa? não vai né. só pra quem é pobre mesmo que não tem condições de construir outra, aí então quer dizer que ainda querendo comprar eu não vendo, porque quem dizer que nós faz dinheiro e dinheiro não faz a gente, e terra nunca acaba né, a pessoa vender o que tem por causa de dinheiro, um dia ele vai acabar, né. Um dia o dinheiro vai acabar e a terra vai ficar né. Então é por isso que nós num tem previsão de vender né, porque no caso aqui, nosso lugarzinho de morar, num vai vender porque o cara vai bota um rico naquele local mais tarde vai empatar a pessoa passar até naquela estrada que a pessoa passa né, então é por isso que nós num tem previsão de vender.

D.: Como senhor falou que aqui tudo era casa de taipa.. Aí quando que isso começou a mudar?

Z.C.: Rapaz, isso aqui começou a mudar assim... Porque aquele povo que tinha mais condições, né, foi comprando de 200 blocos, 300... e foi começando a fazer né, muitos já, muitos foi se aposentando, os mais velhos né, foi se aposentando, foi comprando as coisinhas, muitos os filhos era empregado ajuda tudo, a família ajuda e nós aqui graças a Deus nós num tem ninguém por nós, só Deus. É por isso que até hoje nós tamo aqui porque se muitos assim, tem muitos velhos que tem empregos, os filhos as vezes se emprega aí sai junta com a aposentadoria dos pais, das mães, quer dizer que vai comprando uma coisinha hoje, outra coisinha amanhã né e no fim devagarzinho levanta as suas casas né. Porque nós aqui nossa família é grande, o pouco que a pessoa ganha é a conta de distribuir só pra dentro de casa né, então é isso que até agora nós não teve condições, é através disso, porque a gente num tem condições de dizer assim vamo mandar chegar aí 5 mil bloco, uma carrada de madeira que é já pra né, começar a já fazer com tudo, porque uma casa aqui o cara começa uma casa hoje vai terminar com 2, 3 anos por causa das condições e uma casa dessa aqui se o cara não pagar pra consertar num vai guentar mais esse tempo todo. Aí quer dizer que.. Se o cara tiver condições vai fazendo aos poucos e se não tiver tem que ficar nessa até Deus quiser e botando um pedacinho de pau... que é pra ver se Deus ajuda sobreviver debaixo dela mesmo.

D.: Ai o senhor acha que as casas de taipa elas foram derrubadas porque o povo foi construindo outras ou porque venderam o terreno?

Z.C.: Foi. Não, muitos que comprou que vendeu os terreno, os donos já pegou limpo né. Porque as casas de taipa foi tirada porque muitos já foi construiu de bloco aí foi que tirou a de taipa né. Quem fez, e nossa casa era aqui atrás, era mais atrás dessa, os outros que.... Muitos, quer dizer que tinham condições fez, porque nossa casa era ali, então Zé disse, como nós fez essa, se nós fosse uma pessoa que tem condições nos tinha feito logo uma de bloco né, tinha feito logo de bloco né, só que nós não tem condições... ela mesmo, vivendo de mangue, eu também vivia na maré, mas foi quando eu adoeci dessa perna aí o médico disse que não era mais pra eu andar na maré por conta dos meus problema né, aí eu também parei. Aí num fui mais. Aí tem que ficar aqui, até Deus quiser. Se morrer aqui, se não morrer aqui, o cara morre em qualquer canto, que Deus quiser, mas previsão de sair daqui, de vender aqui pra sair pra outro canto eu não tenho não.

D.: O senhor acha que, por exemplo, vamos supor que derrubem todas as casas de taipa, aí outra pessoa que chegar aqui vai achar que nunca teve casa de taipa. Aí o senhor acha que é importante não derrubar, ou se tem que derrubar mesmo?

Z.C.: Não, se no caso, se for pra derrubar pra fazer outra, nós aceita né. Nós aceita porque vamo viver numa casa com mais garantia, mas se for pra derrubar pra nós ficar atoa, nós não vamo deixar derrubar né, porque ninguém vai querer tá com criança no meio do mundo né, atoa no meio do tempo. Mas se for pra derrubar assim, dizer assim vou derrubar pra construir outra de bloco, nós aceita que faça, fazer não, dar uma ajuda pra nós porque nós não tem condições e tem que aceitar essa ajuda, mas pra derrubar pra nós ficar atoa não. Aí ninguém vai querer aceitar.

D.: É comum também que, por exemplo, pessoal construa a casa de bloco e deixe a de taipa assim do lado né.

Z.C.: É, como se fosse uma reserva né. Mas só que é ruim porque no caso, aí faz uma casa aí na frente nós vai querer tirar essa daqui pra ficar limpo né, pra fazer a limpeza porque uma casa de taipa enquanto cara tá dentro e você tá zelando ela, ela dura mais e você morando numa casa de bloco aqui de frente pra deixar essa casa aqui, o cara não vai zelar mais ela, aí ela vai se esbagaçando, se esbagaçando, se desmanchando, e de pouco a pouco quando pensar que não ela se arreia, aí pronto, ela se arreia e pronto. Aí a bagaçada já vai ficar bagunça no quintal e vocês aqui agora não tão querendo mais essas coisas mais aqui, que é pra fazer limpeza, pra fazer limpeza ninguém vai querer deixar aqui. Aí tem que tirar tudo mesmo, tendo outra né, porque tem que tirar pra fazer limpeza. Mas é uma coisa que nós não tem muitos dias aqui, é meu pai, minha mãe, minha mãe não minha mãe morreu, fiquei com um ano de nascido, não tive coisa de mãe não, carinho de mãe não, carinho de mãe, que minha mãe morreu fiquei com um ano de nascido, minha mãe morreu de parto, aí pronto, eu fui criado mais meu pai e nós aqui foi criado dentro de casa de taipa, de primeiro as paredes de muitas casas aqui, quando eu vim morar aqui mais ela, a casa num era nem de taipa, era de palha virada, amarrada nas paredes. Era de palha, foi tanto que a casa aconteceu de cair por cima da gente, nós deitado com uma criança, e a casa caindo.

D.: O senhor acha que essa casa tem algum valor pro senhor?

Z.C.: Rapaz tem né, porque né, porque é a que eu tenho e graças a Deus é quem tá me socorrendo né, até hoje, então pra mim tem valor né.

- sobre a casa verde que tava caindo em dezembro –

D.: Aquilo ali, era uma casa de taipa também?

Z.C.: Ali era uma casa de taipa, já é de outra menina ai.

D.: Ai ela derrubou pra construir outra? Ou caiu?

Z.C.: Não, porque ali caiu né. Ali caiu, ai ela tentando limpar né.

D.: Ah, tem outra coisa também, comecei a vim na ilha com a ufs aqui em 2017, ai eu lembro que tinha uma casa de taipa ali na chegada, a casa rosa.

Z.C.: É, eu sei, ali no porto né.

D.: Ai agora eu já fui percebendo que derrubaram e tudo mais.

Z.C.: Foi, era a mãe dela que morava lá. Foi, ali foi que a vó do rapaz tirou o rapaz daí porque ela viajou a mãe dos meninos que morou ali, ai elas derrubaram.

ENTREVISTA COM O MORADOR JOSÉ ALMEIDA

Tempo de gravação: aproximadamente 6 minutos

Entrevista realizada no dia 18 de janeiro de 2020

Dayane: Desde quando que o senhor mora aqui?

José Almeida: Rapaz, eu moro aqui tem uns 15 anos já. Essa casa era grande, a cumeeira quebrou aí eu fui botar um lado quebrou na cumeeira e o outro ficou afastado, num dia, no outro dia eu descobri a metade da banda da casa, quando eu dei as costas caiu. Ai a chuva, choveu, ai foi caindo os barro, foi caindo os barro e o jeito que tinha foi botar {cachorros latindo tornando o áudio impossível de ouvir}

D.: A casa o senhor mora aqui sempre nela?

J.A.: Moro.

D.: Então tem uns 15 anos a casa também?

J.A.: Tem.

D.: O senhor gosta de morar na casa de taipa?

J.A.: Rapaz, eu gosto porque quando eu alcancei a casa que tinha era de taipa.

D.: E o que o senhor não gosta da casa de taipa? Tem alguma coisa que o senhor não gosta, da casa?

J.A.: Não, a casa eu gosto é de toda.

D.: E o senhor sabe cuidar da casa? Quando tem alguma coisa pra fazer ...

J.A.: Cuido

D.: A casa de taipa sempre tem que ficar fazendo manutenção?

J.A.: É

D.: A casa é boa pro senhor?

J.A.: Rapaz, é um pedacinho, mas dá.

D.: O senhor mora sozinho?

J.A.: Sozinho e Deus.

D.: E assim, sobre a técnica, a forma de construir em taipa. O que é que o senhor acha?

J.A.: Rapaz, é difícil é a madeira. Que a madeira agora ninguém tá podendo, ninguém tá tirando mais, mas e a casa de bloco sozinho fazer mesmo eu num faço.

D.: E a de taipa o senhor consegue?

J.A.: A de taipa eu consigo

D.: E se fosse pro senhor ter outra casa? O senhor escolheria de bloco ou de taipa?

J.A.: De bloco.

D.: Porque? Porque é melhor?

J.A.: É, é. A de bloco é mais difícil ela cair.

D.: O senhor é daqui da ilha?

J.A.: Rapaz, eu não.

D.: E quando o senhor chegou na ilha, as casas eram tudo de taipa?

J.A.: Eram de taipa, tudo de taipa e de palha. A cobertura era de palha.

D.: Ai depois que começaram a mudar..?

J.A.: Ai depois entrou um prefeito ai em Itaporanga e tirou as palha das casa e botou telha né.

D.: E o senhor tem assim uma lembrança de quando começaram a trocar? De quando o pessoal daqui começou a trocar a casa de taipa por outras de bloco?

J.A.: Rapaz, tem muitos anos. Porque tem uns 20 anos já, porque quando eu cheguei pra cá era de palha, aí o prefeito tirou a palha e botou telha, ai mandou fazer umas casas ai, as casa fui eu quem fiz, porque eu sou carpinteiro, foi eu que fiz, mas tem muitos anos.

D.: Ai porque que o senhor acha que o pessoal foi trocando as casas de taipa por outras?

J.A.: É porque a de bloco é mais difícil de cair.

D.: E o senhor acha que é mais fácil de cuidar também?

J.A.: É

D.: E o senhor acha que a casa de taipa tem algum valor pro senhor?

J.A.: Rapaz, não tem não. Porque eu enfio um pau hoje, com 10 anos tem que enfiar outro que aquele já quebrou. Não tem não.

D.: Então pra casa de taipa durar tem que...

J.A.: Tá trocando os pau pelos cantos.

D.: Aí agora é difícil né? Pra trocar as madeiras?

J.A.: É, agora é difícil.

D.: O senhor acha que é importante não derrubar as casas de taipa?

J.A.: Rapaz, derrubando e dando outras, pode derrubar. Se der outra, mas pra derrubar pra a gente ficar no meio do mundo não.

D.: Aí a casa representa alguma coisa pro senhor?

J.A.: A casa? Rapaz, não, porque eu moro muito tempo aqui, aqui é mesma coisa que tá na rua, preso. E uma casa fora daqui, quer dizer que pra mim é melhor.

D.: Então quer dizer que se fosse pra escolher uma casa, escolheria de bloco então?

J.A.: De bloco, de bloco.

ENTREVISTA COM O MORADOR SEU SALVADOR

Tempo de gravação: aproximadamente 15 minutos

Entrevista realizada no dia 19 de janeiro de 2020

Seu Salvador: É, a casa de taipa, a gente já fazia já muitos anos aqui. Desde o princípio da ilha, aonde vem o nosso alcance, que nós temos casa de taipa. Casa de taipa... aqui mês passado, você tava aqui também naquela equipe que tapou ali num foi?

Dayane: Sim, tava.

S.: O processo é aquele, é envarar, amarrar com barbante... Antigamente a gente amarrava com cipó, como essa casa daqui, ela é amarrada de cipó, as varas. Não é de prego, não é de arame. Com o cipó também ela é mais resistente né. O arame e o prego, como aqui é a região de água salgada, ele enferruja logo cedo. Enferruja e se decompõe logo cedo. E o cipó não, o cipó tem aqui 45 anos, essa casa e o cipó ele tá em forma ainda. E a casa de taipa ela é uma casa segura, mais do que casa de bloco. Casa de bloco rachou ou pendeu, ela cai. E a casa de taipa não, mesmo ela pendendo, rachando, ela tem uma grande resistência, não cai assim fácil. E a casa de bloco é como, só num pode cair se ela for argolada de ferro em cima, em baixo e ter as colunas também. E a casa de taipa não. Então isso já vem da nossa infância, da época dos nossos avós, dos nossos pais e nós até hoje ainda nós cultivamos ainda essa tradição de casa de taipa.

D.: Aí antes as casas da Ilha eram todas em taipa?

S.: Toda de taipa.

D.: Aí como assim, se o senhor lembra, quando que começaram a trocar as casas de taipa pelas de bloco?

S.: A casa de taipa quando começou a trocar isso tem uns 30 anos. De uns 30 anos pra cá.

D.: Mas foi aos poucos?

S.: Foi, foi aos poucos. Que começou a fazer as casa de alvenaria, de bloco.

D.: O senhor falou que tem mais de 45 anos né? A casa.. Aí desde então... Foi o senhor mesmo que construiu?

S.: Não, essa casa quem construiu foi o prefeito de Itaporanga, daqui da região. Que aqui era, foi a primeira escola daqui aí na época não tinha alvenaria ainda, tijolo bloco, aí construiu de taipa. E aqui era uma escola, aí depois a passar do tempo aí construíram a de alvenaria que é aquela escola dali. E essa daqui ficou como moradia, que os terreno aqui era da minha avó ela também já é falecida aí ficou pros filhos. E eu que sou neto, aí convivo aqui.

D.: Aí o senhor sempre morou aqui?

S.: Sempre morei aqui.

D.: E o senhor gosta de morar na casa de taipa?

S.: Gosto sim. Sei que digo pra minha esposa eu vou, to construindo ali na frente, ela vai pra lá e eu vou ficar aqui hehehehe

D.: Mas assim, tem alguma coisa que o senhor não gosta, na casa de taipa?

S.: Não, tudo a casa de taipa eu gosto

D.: Aí o senhor cuida da casa, sabe cuidar? Fazer manutenção?

S.: Tem que cuidar, com certeza. Precisa de manutenção eu não dei manutenção ainda nela porque é muita poeira aí só quero dar uma manutenção nela quando construir a outra lá e sair daqui. Aí eu vou dar manutenção nela, vou reformar ela toda, mudar esse telhado.

D.: Mas mantendo ela de taipa?

S.: É, mantendo sempre de taipa.

D.: É trabalhoso, pra cuidar?

S.: Não.

D.: Aí é o senhor mesmo que cuida?

S.: É, eu mesmo que cuido. É

D.: O senhor tava falando de antes, que as casas todas eram de taipa, aí tinha muitas pessoas que sabiam essa tradição?

S.: Sabia. Toda a comunidade da minha época e da época dos meus pais, meus avôs, todos quando faziam a tapagem de uma casa, aí faziam o mutirão e todo mundo botava a mão na massa.

D.: Aí nesse mutirão ia passando como é que se faz né

S.: É, ia passando, era, pros mais novos. Era criança, jovem, adolescente, senhora, senhores. Aí de manhã a gente botava o barro... em volta da casa e de tarde vinha as mulheres, com as crianças e adolescentes e jovens e botava a mão na massa. Hoje, da geração dos meus filhos pra cá, num tem muito conhecimento né porque né, não existiu mais a casa de taipa... Assim pra fazer né, veio existir agora, aquele trabalho que nós fez na área ali de camping

D.: E sobre a técnica, a forma de construir em taipa, o que é que o senhor acha?

S.: É muito trabalhoso. É muito trabalhoso porque ela tem mais trabalho do que a casa de alvenaria. Porque você tem que tirar as madeiras no mato, tem a madeira de fincar que a gente chama esteio na casa de taipa, na casa de alvenaria chama-se coluna e na casa de taipa a gente chama de esteio, que é as madeiras que fica fincado no solo. E tem os enchimentos que são as madeiras que ficam na vertical e tem as varas que ficam na vertical (horizontal), que tem que tirar que é as mais finas e as mais grossas. E os caibros e as ripas também que não era dessas ripas daqui, essas ripas daqui foi que eu já mudei depois, que a própria ripa também era do mato, era da madeira de biriba, a gente tirava as taliscas e fazia ripa que é muito resistente também.

D.: E tem que fazer a manutenção sempre pra não dar cupim, essas coisas?

S.: Tem. Mas aqui raramente dava cupim

D.: O senhor gostaria, teria uma casa com outra técnica, uma casa com bloco, essas coisas?

S.: Eu gostaria né, que eu tô construindo uma casa de alvenaria aí no chão da casa do meu pai ali. A casa de alvenaria é, é bom.. Porque a casa de taipa ela tem muita tortura, devido as madeiras que não são tudo reta e aí gasta muito cimento, quando for rebocar, pra deixar ela alinhada, no esquadro.

D.: Então é mais difícil né. A casa de taipa, o senhor acha que tem algum valor?

S.: Tem, hoje tem. Naquela época era forçado, não tinha valor, mas era forçado a gente ter a casa de taipa porque não tinha assim o conhecimento de alvenaria né. Hoje já tem, mas hoje tem muita gente que quer ter uma casa de taipa, assim em fazenda, em chácara. Eu mesmo tô pra fazer 3 barraca de taipa.

D.: Aqui? Na ilha?

S.: Aqui na ilha. É.

D.: Pra quando é? hihiihihi

S.: É, o rapaz tá fazendo os projetos, ele tá deixando primeiro botar energia. Ele disse que daqui mais três mês já sai a energia e assim que colocar a energia ele já tem os projetos, ele já me mostrou e aí vai construir, lá pra março. Ele disse que março por aí já resolveu, a energia e aí ele vai botar o barco pra frente. Que ele tinha uma casa lá no rio São Francisco, não me lembro bem onde, ele disse que era numa parte lá pro Rio São Francisco, eles tem uma fazenda lá e tem uma casa de taipa e ele disse que preserva muito essa casa de taipa, e os pai dele quer construir aqui na ilha, comprou um terreno, e fez uma casa de alumínio, não sei se você já viu lá, descendo aqui...

D.: Acho que talvez.

S.: Onde tem perto daquela passarela que tem ali. Você já teve lá?

D.: É onde tem a maré?

S.: Sim

D.: Acho que vi, é uma branca?

S.: É. Aí ele vai construir ali as casas de taipa, três quiosques de taipa.

D.: Entendi, o senhor acha que pelo fato de não estarem mais construindo mais casa de taipa, é mais difícil achar pessoas que saibam? Assim, taapeiros...

S.: É

D.: Aí isso faz com que se perca também?

S.: É

D.: Porque assim, o objetivo do meu trabalho era conversar com... é meio que documentar as casas de taipa e conversar com pessoas que saibam fazer isso, taapeiros, pra ter de certa forma o registro disso porque o que eu vejo é cada vez mais as casas de taipa sendo destruídas porque não tem pessoas que mantem essa... assim, não tem mais tantas pessoas que mantêm essa tradição né.

S.: É, é. Você fazer uma entrevista melhor também é com aquele rapaz que mora lá no outro lado, nos caibros, que tem aquele barzinho lá, você já viu né? de taipa, pronto. Foi ele quem fez, ele construiu também muitas casas de taipa na época lá no paruí onde ele morava ele já construiu também muita casa de taipa, aí você faz a entrevista com ele fala 'ah eu conversei com salvador, salvador falou que o senhor já fez muita casa de taipa e tal, aí eu vou fazer uma entrevista com o senhor'

D.: Como é o nome dele?

S.: É João. João de Tati, que Tati é a esposa dele. Aí você pega uma explicação com ele também. Aqui, lá em cima também tem um rapaz também que constrói também.

D.: Lá em cima aqui na ilha?

S.: É. Aqui na ilha, que se chama Zé. É Zé de Helena, chama Zé de Helena.

D.: É, eu fui lá na casa dele. Dona Helena né, fui lá hoje de manhã. O senhor acha que por exemplo, se o senhor fosse vender uma casa de taipa hoje, acha que teria comprador, acha que teria alguém interessado? Ou o povo num se interessa?

S.: Se interessa.

D.: E se fosse pra comprar outra casa? Tivesse a opção entre comprar uma casa de taipa e comprar

uma casa de bloco, o que o senhor queria?

S.: Eu compraria a casa de taipa, porque eu sei que é mais segura.

D.: O senhor acha que é importante não derrubar as casas de taipa?

S.: É. Manter a tradição né, da comunidade.

D.: Essa casa representa alguma coisa pro senhor?

S.: Representa. Essa casa de taipa representa o símbolo assim de minha vó né que gostava também de casa de taipa né, ela cozinhava pra quando o pessoal fazia o mutirão né, ela queria de dentro, pra cozinhar, pra ajudar

D.: Aí os mutirões eram como?

S.: O mutirão era a comunidade toda né. Vamos supor, aí articulava o povo, chamava o povo, pela manhã ou uma semana antes de acontecer né. E quando tava envarando né, botando as varas... Aí dizia quando passava 'quando é que vai ter a tapagem?' aí o pessoal 'tal dia, tal dia, tal dia do mês vai acontecer' aí o pessoal já ficava sabendo né, aí isso era uma grande importância pra eles né, na minha época, na época do meu pai, pessoal ficava animado, ia acontecer aí já passava pra outra comunidade também que é aqui vizinho, Povoador Costa. Tem muita gente também que trabalha com casa de taipa, tem casa de taipa ainda, são poucas, mas ainda tem alguém que tem casa de taipa. E lá tem muita gente também que trabalha com casa de taipa, senhores, jovens...

D.: A casa de farinha também foi o senhor que construiu né?

S.: Foi

D.: Ai porque que o senhor construiu em taipa?

S.: Eu construí de taipa porque antigamente também as casas de farinha eram de taipa, aí o cara queria que eu fizesse de bloco que era mais rápido pra levantar e era menos trabalho aí eu digo 'não, mas eu vou fazer é de taipa' e isso aí revela o tempo passado né, que era de taipa, de taipa e palha, como é ali.

D.: Sim sim, eu tava conversando com o pessoal e eles tavam falando que antes o telhado era de palha

S.: De palha. E o pessoal diz 'ah, mas não vai pingar, não vai molhar quando chove?' não, não molha. Pode molhar assim, se tiver velho, já passado do tempo a palha apodrece, uns três anos, quatro anos, dependendo do ponto que esteja ela, aí ela molha mesmo, que antigamente com passar do tempo quando batia o inverno mesmo pesado, aí a casa pingava, mas era quando as palha tava já velha.

'Notas de fim'

A. Arte da capa elaborada por Dayane Félix com utilização da fotografia "Casa Rosa em taipa" de Márcio Pereira, 2017 disponível no acervo do Trapiche - Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Sergipe.

B. Fotografias que compõe as páginas 2, 4, 6, 8, 10, 12, 14, 16, 18, 24, 50, 74, 114, 118, 122 e 124 são de autoria de Dayane Félix.